

Fernanda Moro Cechinel

L'AVVENTURA D'UN POVERO CRISTIANO E SEVERINA:
RELIGIÃO E PODER NA OBRA SILONIANA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Andrea Santurbano

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Cechinel, Fernanda Moro

L'avventura d'un povero cristiano e Severina : religião
e poder na obra siloniana / Fernanda Moro Cechinel ;
orientador, Andrea Santurbano - Florianópolis, SC, 2015.
127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Religião. 3. Política. 4. Ignazio
Silone. I. Santurbano, Andrea. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura.
III. Título.

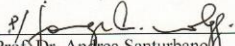
"L'avventura d'un povero cristiano e Severina: religião
e poder na obra sioniana"

Fernanda Moro Cechinel

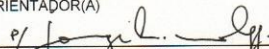
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua
forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.

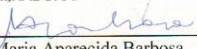


Prof. Dr. Andrea Santurbono
ORIENTADOR(A)

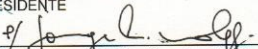


Prof. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
COORDENADORA DO CURSO

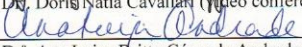
BANCA EXAMINADORA:



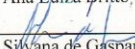
Prof. Dr. Maria Aparecida Barbosa
PRESIDENTE



Prof. Dr. Doris Nátia Cavallari (vide conferência - USP)



Prof. Dr. Ana Luiza Britto César de Andrade (UFSC)



Prof. Dr. Silvana de Gaspari (UFSC)

Este trabalho é dedicado aos meus queridos pais, Bruno e Jandira.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ser a companhia e alento sempre presente no meu caminho.

Agradeço aos meus pais, Bruno e Jandira, por me ensinarem que o melhor presente que pode ser dado a alguém é a educação. E também por sempre estarem ao meu lado, assim como minha gatinha de estimação, Mimi, que muitas vezes foi o meu muro de lamentações.

Agradeço ao meu avô, Lady Benedet Cechinel (*in memoriam*), por me apresentar à cultura italiana, me fazendo admirá-la e a querer conhecê-la sempre mais.

Agradeço à minha irmã, Bruna, por ter me mostrado o quanto estudar é importante para o ser.

Agradeço à professora Patricia Peterle, responsável por me apresentar o mundo instigante da pesquisa, da literatura e de Ignazio Silone.

Agradeço ao meu orientador, Andrea Santurbano, por ter acreditado na minha capacidade desde o começo, me mostrando que o aprendizado também tem seu tempo de acontecer.

Agradeço à professora Silvana de Gaspari pelos ensinamentos da língua portuguesa, imprescindíveis para a escrita deste trabalho.

Agradeço novamente e em especial às professoras Patricia Peterle e Silvana de Gaspari, por permitirem a utilização da tradução, ainda no prelo, da obra *Il mistero del male – Benedetto XVI e la fine dei tempi*, em minha dissertação.

Agradeço também a todos aqueles que de uma forma ou de outra, perto ou longe, estiveram comigo ao longo desses dois anos de estudo.

Il cristianesimo ufficiale è diventato un'ideologia.
Solo facendo violenza su me stesso, potrei
dichiarare di accettarlo; ma sarei in malafede.

(Ignazio Silone, 1963-1966)

RESUMO

Os questionamentos em relação ao envolvimento político e à secularização da Igreja Católica são uma constante ao longo da história do cristianismo. Esses questionamentos impulsionaram, dentre outros, cismas, criações de diversas ordens religiosas e realização de Concílios, despertando também o interesse de intelectuais. O escritor abruçês Ignazio Silone (1900-1978) foi um dos que não deixou de indagar, por meio de suas obras literárias, esse conturbado envolvimento. Nas suas duas últimas publicações, *L'avventura d'un povero cristiano* (1968), na qual é recuperado o drama histórico do papa da grande renúncia, Celestino V, e *Severina* (1981), obra inacabada, publicada postumamente, Silone expõe sua visão sobre essa problemática secularização da Igreja, bem como as fissuras abertas em seu interior. Na Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses, por exemplo, considera-se a existência de uma bipolaridade de poderes, que seria originária do centro da instituição. Recentemente, no ano de 2013, essa problemática ressurgiu com a renúncia do papa Bento XVI, suscitando novas considerações de filósofos como Giorgio Agamben e Massimo Cacciari, e reafirmando, assim, a atualidade do pensamento siloniano. A investigação e a reflexão em torno dessas questões é o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Religião. Política. Ignazio Silone. *L'avventura d'un povero cristiano*. *Severina*.

ABSTRACT

The questions concerning the political involvement and the secularization of the Catholic Church are a constant throughout the history of Christianity. These questions boosted, among others, separation, creation of several religious orders and religions, as well as the conducting of Councils, also arousing the interest of intellectuals. The writer Ignazio Silone (1900-1978), was one who did not fail to ask, through his literary works, on the aforementioned involvement. In his two last publications, *L'Avventura d'un povero cristiano* (1968), in which the Pope's historical drama of the great renunciation, Celestine V, was recovered, and *Severina* (1981), unfinished work, published posthumously, Silone exposes his vision about this problematic secularization of the church, as well as the cracks opened in its inside. In the Second Letter of Saint Paul to the Thessalonians, for instance, it is considered that there is a bipolarity of power, that would be originated from the center of the institution. Recently, in 2013, this issue resurfaced with the resignation of Pope Benedict XVI, raising new considerations made by the philosophers Giorgio Agamben and Massimo Cacciari, thus reaffirming the present of the silonian thought. The investigations and reflection towards these issues is the objective of this study.

Keywords: Religion. Politics. Ignazio Silone. *L'avventura d'un povero cristiano*. *Severina*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 IGNAZIO SILONE: UMA TRAJETÓRIA DO FASCISMO AO PÓS-GUERRA	25
2.1 OS ECOS DA RELIGIÃO CATÓLICA NAS OBRAS SILONIANAS.....	25
2.2 SILONE E A CRÍTICA	32
3 ENTRE PASSADO E PRESENTE: <i>L'AVVENTURA D'UN POVERO CRISTIANO E SEVERINA</i>.....	41
3.1 <i>L'AVVENTURA D'UN POVERO CRISTIANO</i> E A REVISITAÇÃO DA HISTÓRIA.....	41
3.2. <i>SEVERINA</i> E A URGÊNCIA DA ATUALIDADE.....	63
4 O PODER DA IGREJA CATÓLICA NA REPRESENTAÇÃO SILONIANA	75
4.1 A IGREJA CATÓLICA NA SUA RELAÇÃO COM O PODER	75
4.2 OS DOIS CORPOS DA IGREJA CATÓLICA	87
4.3 RENÚNCIA E ESPERANÇA	100
5 CONCLUSÃO	109
BIBLIOGRAFIA.....	117

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, cujo *corpus* de trabalho será constituído pelas duas últimas obras do escritor italiano Ignazio Silone (1900-1978), escritas entre as décadas de 1960 e 1970, *L'avventura d'un povero cristiano* (1968) – que retrata, em forma de drama teatral, os últimos anos de vida do papa Celestino V – e *Severina* (1981) – romance breve e inacabado, publicado postumamente –, tem como objetivo central analisar a visão siloniana em relação à inserção social da Igreja Católica.

Ignazio Silone nasceu e viveu no fatídico século XX, período no qual o mundo e em específico a Europa passaram por inúmeros embates que marcaram a história: a eclosão e término da Primeira e Segunda Guerras Mundiais; a resistência e a reconstrução das cidades após as Guerras; a transformação do campo e da cidade; a ascensão e queda das ditaduras fascistas de Benito Mussolini na Itália e do nazismo de Adolf Hitler na Alemanha; a irremediável censura; o Concílio Vaticano II; o sequestro e assassinato do líder político italiano Aldo Moro; o *boom* e a crise econômica; as manifestações operárias e estudantis e tantos outros acontecimentos que tornaram o século XX um dos momentos mais emblemáticos e transformadores da humanidade.

Silone viveu tudo isso. Sua história de vida começa em uma pequena comunidade camponesa, em meio às montanhas do Abruzzo, antes de o escritor se mudar para Roma, aos 15 anos, juntamente com seu irmão caçula Romolo, após o terremoto que dizimou sua família, e tendo como mentor um padre chamado Dom Orione¹, figura importante que marcará a relação que o escritor terá com a fé cristã. O padre foi incumbido pela avó dos meninos, para dar-lhes a formação escolar e espiritual. Em Roma, as diferenças entre o que aprendia nos livros e a realidade que vivenciava, aguçou a sensibilidade de Silone conduzindo-o para a militância política.

O jovem começou timidamente a escrever textos que revelavam as injustiças praticadas pelo governo, logo seus escritos ganharam notoriedade daqueles que partilhavam dos mesmos ideais. Deu-se então a fundação do Partido Comunista da Itália (1921). No Partido, Silone conquistou reconhecimento, sendo levado a participar, em Moscou, da assembleia preliminar da III Internacional. Talvez Silone não esperasse que essa reunião, após um momento de divergência de opinião, o levaria conscientemente à exclusão do Partido. Afastando-se do Partido

¹ A relação de Silone com o padre Dom Orione será tratada no capítulo “Ignazio Silone: uma trajetória do fascismo ao pós-guerra”.

Comunista, que nesse período já tinha sido considerado ilegal pelo movimento fascista, Silone tornou-se visado e o exílio foi a solução encontrada. O escritor perpassou por diversas cidades europeias, até fixar-se na Suíça, local onde sua verve literária floresceu.

No exílio, Silone publicou sua primeira obra, *Fontamara* (1933), que destacou as desventuras dos *cafoni* do Abruzzo. O termo *cafoni* designa os camponeses pobres que habitam as regiões agrícolas italianas. Segundo consta em *Fontamara*, o termo *cafoni* é utilizado como algo pejorativo, no entanto, o escritor acreditava que um dia esse nome passaria da representação de uma vergonha para orgulho (SILONE, 1949). Durante o período em que esteve exilado, Silone ainda publicou outras obras: *Pane e Vino* (1936), *La scuola dei dittatori* (1938) e *Il seme sotto la neve* (1941), fazendo com que sua produção literária fosse conhecida fora da Itália. Na Itália, devido às proibições fascistas, suas obras circulavam ilegalmente e a crítica italiana dispensava a Silone pouca atenção.

Já nos anos de 1940, com o fim do exílio, Silone retorna à Itália e continua com a escrita de suas obras, publicando *Ed egli si nascose* (1944), *Una manciata di more* (1952), *Il segreto di Luca* (1956) e *La volpe e le camelie* (1960). Em 1965, Silone, diferenciando-se das obras publicadas anteriormente, lança *Uscita di sicurezza* (1965) que retrata acontecimentos marcantes de sua vida: a relação com o pai, o encontro com Dom Orione, a morte do irmão Romolo e sua vivência político-partidária. Após *Uscita di sicurezza*, Silone retoma a ficção, abordando as transformações sociais italianas.

O escritor muda novamente o tom de suas narrativas em seus dois últimos trabalhos: *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*, obras essas que terão alguns de seus aspectos analisados neste trabalho. A primeira diferença encontrada entre *L'avventura d'un povero cristiano* e as demais obras de Silone é a inclusão de um rico paratexto relatando toda a pesquisa feita para que ele escrevesse a obra. Para compor o drama, Silone retornou ao Abruzzo à procura de vestígios sobre o papa Celestino V, considerado por muitos como aquele que Dante pôs no *Inferno*², tornando-o conhecido como o papa da grande renúncia.

² Como se sabe, não há certeza quanto à referência dos famosos versos do canto III do *Inferno* “*colui che fece per viltade il gran rifiuto*” (“que a grã renúncia fez ignobilmente” [PINHEIRO, 1955]) seja em referência a Celestino V. Alguns, como o próprio Silone, acreditam ser uma referência a Pôncio Pilatos (SILONE, 2001).

Em *L'avventura d'un povero cristiano* há a figura histórica do papa Celestino V, eremita que vivia fisicamente afastado do poder central da Igreja Católica e que inesperadamente, após um longo conclave, que percorreu regiões italianas de norte a sul, é nomeado como novo papa. Celestino V, com a intenção de que poderia reconduzir a Igreja a um caminho baseado nos preceitos religiosos, aceitou essa incumbência “divina”. Quando começou seu papado, percebeu que dificilmente as decisões dessa instituição secularizada poderiam ser desvinculadas de um interesse político. Diante do distanciamento da Igreja em relação à religião e, conseqüentemente, sua vinculação com a política, Celestino V, em 1294, renunciou ao seu cargo e tentou voltar para as montanhas do Abruzzo.

Uma aproximação tão intensa entre os poderes temporal e espiritual da Igreja também está registrada e ressignificada no manuscrito de *Severina*, reorganizado posteriormente pela esposa de Silone, Darina, e o crítico literário Geno Pampaloni. Em *Severina*, a jovem noviça, que empresta seu nome à obra, ao fazer seu trajeto habitual entre a igreja e o convento, presencia a execução, em plena praça, de um operário por parte da polícia. Um pouco antes do momento em que deveria depor sobre a cena que presenciou, Severina é aconselhada pela Madre Superiora a defender os interesses da Igreja, dizendo que o operário era um transgressor das normas e foi morto por razões justas. A noviça se recusou a contar essa versão dos fatos e decidiu, assim como Celestino V, se afastar, e retornar para a casa dos pais.

Diante disso é possível destacar dois aspectos importantes da presente investigação literária: política e religião. Para Silone esse binômio nunca foi algo distinto, ou seja, ora um ora outro, mas sim ideais que deveriam se complementar, já que, segundo ele, é na política que os ideais do cristianismo poderiam ser concretizados:

Não é o esquivar-se para longe das crenças da meninice que normalmente acompanha, nos jovens, o enfraquecimento das práticas da fé, mas a escolha de encarnar completamente aqueles valores da mensagem cristã desvitalizados e alterados pela instituição que os interpreta. (SILONE apud SOAVE, 2011, p. 13)

Para o escritor, a política partidária e a religião são duas instituições inerentes à sociedade, e a “desilusão” com o discurso e a

prática dessas instituições fizeram com que o indivíduo-militante-escritor interrogasse a si mesmo sobre seu papel. Para seguir com esta reflexão, utilizar-se-ão, portanto, *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*. Os dois textos abordam essa e outras questões no mais íntimo da esfera religiosa, que não deixa de ter contatos com a política.

De fato, Celestino é eleito papa, mas é o primeiro a renunciar ao papado, e Severina é a noviça, que deve passar por uma dura prova para continuar o seu percurso. A crise de Severina e de Celestino V, personagem histórico revisitado por Silone, colocam uma questão importante que é a relação da arte com outras esferas civis e de como a arte, nesse caso, a literatura, tem a capacidade de captar aspectos e questões da vivência humana que são muitas vezes inseparáveis. As dúvidas vivenciadas por esses dois personagens silonianos são um exemplo de como a arte pode ser catalisadora e se apresentar como um espaço de “embates/debates”.

O inter-relacionamento da política e da religião com Silone ganham voz e aparecem na tessitura das obras como campos estreitamente ligados. Em *Severina*, Silone continua o percurso iniciado com *L'avventura d'un povero cristiano*, ou seja, o percurso de apontar o quão prejudicial pode ser quando os interesses religiosos são postos a serviço da política. Tanto Celestino V quanto Severina têm sua fé posta à prova por uma instituição que os acolheu, mas que na sua prática se apresenta distante dos elementos cristãos, caros a Silone, que se declara um cristão sem igreja. Está aqui, portanto, uma das questões apontadas por esses trechos, que é a politização da religião e da sua esfera privada, numa sociedade que tende sempre mais para o consumo, como vai afirmando polemicamente, por exemplo, Pasolini no famoso texto jornalístico *L'articolo delle lucciole*³. Artigo que, por meio da metáfora do desaparecimento dos vagalumes, se propõe a discutir emblematicamente as transformações que estavam ocorrendo na sociedade italiana, de uma fase agrícola-arcaica a uma fase capitalista-consumista.

Arte e política/política e arte é uma trama complexa que atravessa o percurso intelectual do escritor abrucês. Desde a primeira obra, *Fontamara*, os personagens têm de lidar com várias ausências: da luz, da terra, da água e de tantos outros aspectos que fazem parte de um cotidiano cheio de lacunas. Todo o processo de enfraquecimento do corpo de Berardo, personagem de *Fontamara*, e a imagem da morte na

³ O texto *L'articolo delle lucciole* ou *Il vuoto del potere* foi escrito por Pasolini e publicado em 1º de fevereiro de 1975 no jornal *Corriere della sera*.

prisão romana, que lembra a imagem da crucificação de Cristo, corroboram a temática religiosa, retomada em *Vino e Pane* com o disfarce de padre do militante Pietro Spina/Paolo Spada. As palavras do próprio título são os elementos da comunhão. Se, na primeira fase, a esfera da religião é uma presença constante, em alguns momentos problematizada, como na figura de Dom Abbacchio (*Fontamara*) e Dom Benedetto (*Vino e Pane*), mas não central, numa fase posterior, mais madura, ela está no centro das indagações do escritor.

O interesse em estudar a produção literária de Ignazio Silone surgiu durante o período de Iniciação Científica com o projeto “Tradução e repercussão da literatura italiana na imprensa brasileira na primeira metade do século XX” (CNPq 2010-2011), no qual houve um primeiro contato com o escritor por meio da coleta e posterior análise de dados relativos à veiculação na mídia impressa brasileira (jornais, revistas e periódicos), no decorrer do século XX, de informações sobre as obras de Silone traduzidas e publicadas no Brasil. Após a Iniciação Científica, os estudos continuaram devido à participação no projeto “Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil (1900-1950)”, quando o enfoque tornou-se a obra *Vino e Pane*. Durante o período dessas pesquisas a retratação da Igreja Católica nas obras silonianas despertou-me interesse, o que, com a realização do Mestrado, pode ser aprofundado.

As obras *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*, que não possuem tradução para a língua portuguesa, são pouco tratadas pela crítica, tanto a italiana quanto a brasileira. No entanto, *L'avventura d'un povero cristiano*, ao lado do romance *Roma senza papa*⁴ (1974), de Guido Morselli, e o filme *Habemus Papam* (2011), de Nanni Moretti, conquistaram certa notoriedade após a renúncia do papa Bento XVI, em fevereiro de 2013, estimulando ainda mais a reflexão sobre a atualidade do pensamento siloniano, que será trabalhada ao longo dos próximos capítulos.

O percurso que foi traçado englobou a conceituação de temas como: religião, política, poder e espaço estético. A análise das obras que compõem o *corpus* deste trabalho foi conduzida pelo viés da religiosidade de seus principais personagens, bem como pela busca da compreensão da visão siloniana sobre a inserção social da Igreja. Por fim, procuramos explanar e refletir sobre as considerações do corpo bipartido da mesma, propostas por Giorgio Agamben (2013) e Massimo Cacciari (2013) em obras muito recentes.

⁴ Livro sem tradução para o português.

Para que os objetivos acima pudessem ser compostos, desenvolvemos a temática em três capítulos. O primeiro capítulo “Ignazio Silone: uma trajetória do fascismo ao pós-guerra” divide-se em dois subcapítulos: “Os ecos da religião católica nas obras silonianas”, no qual analisamos a religiosidade de alguns dos personagens do universo siloniano, assim como estudamos a conceituação de Jacques Rancière (2005) sobre os três regimes da arte: ético, poético e estético. Ainda no primeiro capítulo, em “Silone e a crítica”, interpretamos os fatos que levaram ao reconhecimento tardio de Silone pela crítica italiana; descrevemos os períodos da escrita siloniana de acordo com Luce D’Eramo (1971); introduzimos o estudo em torno da atualidade do pensamento siloniano. Outro assunto relevante contemplado nesse subcapítulo foi a atuação política dos intelectuais-escretores, como Pasolini, Calvino e o próprio Silone, baseado em algumas considerações de Foucault (1979) e Belpoliti (2010).

No segundo capítulo, “Entre passado e presente: *L’avventura d’un povero cristiano* e *Severina*”, analisamos a partir de uma chave de leitura específica para cada uma (“*L’avventura d’un povero cristiano* e a revisitação da história” e “*Severina* e a urgência da atualidade”) as obras *corpus* desta pesquisa. Tal análise foi feita objetivando a compreensão da visão de Silone, em relação à inserção social da Igreja Católica. Para que a análise fosse possível, esmiuçamos os paratextos contidos em *L’avventura d’un povero cristiano* e *Severina*. Ressaltamos também a influência de Alessandro Manzoni e Simone Weil para a escrita dessas obras. Para que essa análise pudesse ser realizada foi necessário um resgate de parte da história política italiana do século XX, tal como da história da Igreja Católica.

Finalmente, o terceiro e último capítulo, “O poder da Igreja Católica na representação siloniana”, por meio de três subcapítulos, “A Igreja Católica na sua relação com o poder”, “Os dois corpos da Igreja Católica” e a “Renúncia e esperança”, deu o sustentáculo teórico à dissertação. Neste capítulo recuperamos a Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses, por meio das interpretações feitas por Ticônio, Santo Agostinho e das considerações de Agamben e Cacciari.

Por fim, nas “Considerações Finais”, traçamos um panorama da pesquisa, propondo uma reflexão sobre o envolvimento da Igreja Católica (poder espiritual) com o Estado (poder temporal).

Em consideração aos elementos propostos, a relevância deste trabalho encontra-se justamente na análise das duas últimas obras de Silone, pouco estudadas, que mostram uma fase diferente do escritor, o qual não trata mais das mazelas de um povo causadas pelo fascismo,

mas que aborda de forma mais contundente a secularização da Igreja, instituição que está mais comprometida consigo mesma do que com os preceitos cristãos. A pesquisa também quis se colocar numa perspectiva bem atual, abordando a renúncia do papa Bento XVI. O papa Celestino V, na ficcionalização sioniana, renunciou por não conseguir mexer na engrenagem política que se instalou dentro da Igreja do século XIII; será que esses foram os mesmos motivos pelos quais outro papa renunciou oito séculos depois? Em *Il mistero del male – Benedetto XVI e la fine dei tempi*⁵ (2013), Agamben suscita essa dúvida, ao elencar indícios que possivelmente levaram Bento XVI a cometer o ato, no qual, diferentemente da interpretação dantesca, a renúncia assume o significado de um ato de exemplar coragem.

⁵ A tradução dessa obra, que se encontra no prelo pela Boitempo, foi feita por Patricia Peterle e Silvana de Gaspari, as quais gentilmente cederam para que pudesse ser utilizada nesta dissertação.

2 IGNAZIO SILONE: UMA TRAJETÓRIA DO FASCISMO AO PÓS-GUERRA

2.1 OS ECOS DA RELIGIÃO CATÓLICA NAS OBRAS SILONIANAS

O escritor italiano Ignazio Silone retratou ao longo de suas obras literárias a trajetória da população simples que vivia no interior da região do Abruzzo. Inicialmente tinha-se o período fascista como pano de fundo e depois as cidades em (re)construção do pós-guerra. Ao retratar esse percurso, campo-cidade, do homem do século XX, Silone utilizou temáticas que se tornaram uma constante em seus textos: a política, a religião e o poder.

O filósofo francês Jacques Rancière, na obra *A partilha do sensível* (2005), discorreu sobre as confluências das temáticas apresentadas acima no campo da estética. Segundo ele, a literatura é uma expressão artística composta por três regimes: um ético, um poético e um estético. O ético é o que se esconde por trás da imagem, ou seja, as entrelinhas do texto, aquilo que o escritor quis dizer, mas sem que para isso fosse necessário dizê-lo explicitamente. O poético deve ser entendido como a mimese, a ficcionalização do real. Nesse âmbito, o estético surge como um contraponto ao poético, ao cotidiano em si, ao não artístico (RANCIÈRE, 2005).

Ao saber dessa coexistência entre ético, poético e estético, que na obra literária encontra sua maior exemplificação, adentra-se no cerne do pensamento siloniano, pela perspectiva dos personagens criados que possuem um envolvimento com a temática religiosa, pautando suas ações a partir desse envolvimento.

O desenrolar dos fatos na vida de Silone iniciou-se logo com a escolha de seu nome. O escritor nasceu em 1900 em Pescina dei Marsi, província agrícola de L'Aquila, cidade da região centro-sul da Itália, com o nome de Secondino Tranquilli. Nome não escolhido por seus pais, que desejavam que o terceiro filho se chamasse Mameli ou Carioli, mas sim pelos funcionários do cartório que se auto-homenagearam, dando os seus nomes ao recém-nascido, que passou a se chamar Secondino Tranquilli. Contudo, esse nome iria incomodá-lo futuramente, uma vez que Secondino, em italiano, é sinônimo de "carcereiro". O cárcere, de fato, com a morte de seu irmão caçula Romolo, tornar-se-á um lugar emblemático. O nome Ignazio Silone só foi adotado após 1921, em homenagem a Popédio Silo, importante

personagem da guerra entre Mársica e Roma⁶ e a Santo Inácio de Loyola⁷.

As relações entre política e religião encontraram eco desde a primeira publicação literária de Silone, em 1933, *Fontamara*, cujo personagem principal, Berardo Viola, em inúmeros momentos faz lembrar da figura histórico-religiosa de Jesus Cristo. Fontamara é uma cidade imaginária, que se encaixa perfeitamente em qualquer lugar do mundo e em qualquer época, na qual seus moradores de origem humilde tentam lutar pelos seus direitos, mas são enganados e oprimidos pelos mais poderosos. Segundo Vittoriano Esposito, em resenha publicada no site do Centro de Estudos Ignazio Silone, o nome da cidade é oriundo de *fonte amara*. Uma vez que é em torno da problemática sobre a água que a narrativa se desenrola. Essa fonte amarga, que proporciona a manutenção da vida, também porta consigo a ideia da morte.

Berardo Viola é um homem simples que, juntamente com a mãe, vive todas as mazelas causadas pela ausência do pai, imigrante na América; mazelas que propiciaram a via-crúcis de Viola. O que chama a atenção dos moradores de Fontamara é o porte físico do personagem, homem grande, forte e de opiniões incisivas. Esse, cansado da miséria em que vivia, decide ir à cidade; no entanto, ao chegar à Roma fascista, devido a um mal entendido, assume a posse de jornais clandestinos desfavoráveis ao governo. É levado à prisão, onde encontra a tortura e, conseqüentemente, a morte.

O cárcere e a morte, para o escritor abrucês, remetem à trajetória de seu irmão Romolo, a quem, não por acaso, é dedicada *Fontamara*. O escritor, devido ao seu posicionamento político contra o fascismo, foi submetido ao exílio e a constantes trocas de país. No entanto, mesmo com a precariedade da situação em que se encontrava, não rompeu o contato com seu irmão. Por sua vez, Romolo, em razão do envolvimento de Silone com a política, passou a ser perseguido pela polícia fascista, fato que contribuiu para que sua sobrevivência na Itália ficasse complicada. Então, Silone orientou o irmão a deixar a terra natal. No dia marcado para a retirada dos documentos falsos, Romolo foi preso

⁶ A guerra entre Mársica e Roma ocorreu no período de 91 a.C a 88 a.C, foi chamada de Guerra Social, Guerra dos Aliados ou Guerra Mársica, e caracterizou-se por ser uma batalha cujo escopo era a obtenção da cidadania italiana.

⁷ Santo Inácio de Loyola (1491-1556) foi fundador da Companhia de Jesus, instituição responsável pela Contrarreforma (resposta à Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero).

e condenado à prisão. Silone em vão tentou retirá-lo de lá. Romolo encontrava-se cada vez mais debilitado devido à tuberculose, fruto do ambiente frio e das torturas frequentes sofridas naquele local hostil. Como consequência, em 1927, Silone vem a saber da morte de seu irmão.

Silone carregou a culpa pela morte do irmão, pois acreditava ser seu dever como irmão mais velho ajudar e proteger Romolo⁸. Em conversa com sua esposa Darina, apresentada nos apêndices de *Severina*, Silone desabafa: “*Finalmente mi decisi a scrivere qualcosa su Romolo per cercare di ristabilire tutta la verità e perché rimanesse qualche ricordo del suo sacrificio*” (SILONE, 2011, p. 175)⁹. No entanto, Silone falece em 1978 sem cumprir seu desejo.

Como visto, a prisão injusta seguida de tortura e morte encontram-se ficcionalizadas na trajetória de Viola. Ao verificar o percurso doloroso dos fontamarezes, simbolizado por Viola, não há como não recorrermos à via-crúcis enfrentada por Jesus Cristo, que foi crucificado em meio a ladrões. No entanto, Berardo Viola não foi o único personagem siloniano a apresentar traços da tradição e simbologia cristológicas, mas também o personagem Pietro Spina, protagonista da trilogia *Vino e Pane, Il seme sotto la neve e Ed egli si nascose*.

O jovem Pietro Spina vivia na Itália fascista e, devido às perseguições políticas, deixou seu país para retornar, anos mais tarde, escondido sob a veste de religioso e adotando o nome de Dom Paolo Spada. Quando Spina regressou ilegalmente à Itália, procurou abrigo com um conhecido da época de trabalho no exílio, Cardile Mulazzi que, defronte àquele homem de saúde frágil, logo lhe deu abrigo. O abrigo encontrado por Mulazzi para o foragido foi uma estrebaria em meio aos animais, já o leito era um amontoado de palhas; semelhante lugar foi aquele escolhido por Maria e José, segundo a mitografia católica, para darem a luz a Jesus Cristo:

Afunda-se, pois na palha e permanece tranquilo e dócil, como o menino no Presépio. Para que a imagem do presépio fosse completa seria

⁸ “*Come fratello maggiore ed unico membro della famiglia rimastogli sentivo il dovere di aiutarlo e proteggerlo*”(SILONE, 2011, p. 171). “Como irmão mais velho e único membro restante da família, sentia o dever de ajudá-lo e protegê-lo.” (trad. nossa).

⁹ “Finalmente decidi escrever algo sobre Romolo, para tentar restabelecer toda a verdade e para que permanecesse alguma recordação do seu sacrifício.” (trad. nossa).

necessário, na verdade, que Spina estivesse ladeado pelo asno e pela vaca; e no seu caso o asno e a vaca existem, mas embaixo, no estábulo, e somente de noite, porque durante o dia devem ganhar a palha que comem.

O asno e a vaca voltam quando o homem fora da lei já dorme no seu presépio. (SILONE, 1943, p. 43)

O presépio, lugar calmo e de paz, foi onde Jesus, homem retratado como magro, mas de uma garra incomparável, se contrapunha à perseguição daqueles que, na noite de seu nascimento, estavam à caça do novo rei. Situação similar foi vivida por Spina, que encontrou repouso em meio aos animais, no entanto, enquanto dormia sobre a palha, lá fora a polícia o procurava. O presépio foi o lugar de nascimento para um, para outro foi um começar de novo, um renascimento, só que agora nas vestes de Dom Paolo Spada.

Dom Paolo Spada deixou a estrebaria e seguiu por povoados agrícolas da Itália, na tentativa de (re)encontrar os seus e rearticular-se na luta política. Mas, mesmo travestido de padre, suas atitudes despertaram o interesse dos moradores, até que sua verdadeira identidade foi descoberta. Para não colocar seus amigos em perigo, novamente foge, à procura de outro refúgio. Sua rota de fuga é pelas montanhas cobertas de neve do Abruzzo; lá se refugiou em uma gruta, cuja entrada era coberta por uma pedra. Na gruta viveu amparado por um simples homem surdo, permanecendo até ser encontrado por sua avó Dona Maria Vicenza. Novamente com esse episódio podemos fazer uma analogia ao calvário onde foi depositado o corpo morto de Jesus, que após três dias foi encontrado vazio, pois Cristo havia ressuscitado. Também Pietro pela segunda vez ressuscitou para reiniciar sua jornada.

Ao longo de seus textos ficcionais, Silone deixa evidente a influência religiosa com a qual teve contato já em seus primeiros anos de vida; pois, com a morte de seus pais, sua avó o encaminhou juntamente com Romolo para uma escola religiosa em Roma. Ao longo de seus 40 anos de produção literária e nos 11 livros publicados, incluindo a publicação póstuma de *Severina*, vê-se como a esfera religiosa, principalmente a figura de Jesus, é presente. Presença personificada por meio de seus personagens, Berardo Viola, Pietro Spina/Paolo Spada, Celestino V, Bonifácio¹⁰ VIII, Severina, Dom

¹⁰ Na obra *L'avventura d'un povero cristiano* encontram-se as seguintes grafias: Bonifacio e Bonifazio. No entanto, para dar uniformidade, nesta dissertação

Gabriele e tantos outros aos quais o escritor deu vida. Às figuras históricas dos papas e dos personagens religiosos, pertencentes à *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*, dedicaremos o próximo capítulo.

Nas tramas de Silone transparece seu conhecimento católico e cristão, não só pelas semelhanças de seus personagens com Jesus Cristo, mas também pela constante presença da Igreja Católica no cotidiano do povo. Na descrição de Fontamara, a igreja aparece no alto, contrastando com o restante do povoado que fica embaixo. A construção de uma igreja é marca de que a religião está presente naquele local, é estrategicamente colocada no centro e no alto das cidades por representarem a importância e a centralidade de Deus. Também do alto ela é avistada de todos os pontos, para que a população tenha o pensamento certo de um dia alcançar o alto, ou seja, o paraíso, a salvação.

Se em *L'avventura d'un povero cristiano* Silone povoa sua história com os papas Celestino V e Bonifácio VIII, em *Fontamara* ele batiza alguns de seus personagens com nomes ligados à história da religião católica, por exemplo, Ponzio Pilatos, Venerdì Santo e Papisisto¹¹. Além destes, em boa parte das narrativas silonianas há um padre, que tem trânsito livre pelas casas dos moradores, opinando e interferindo em suas vidas, como Dom Abbacchio em *Fontamara*, Dom Benedetto em *Vino e Pane* e Dom Gabriele em *Severina*. Todos os três personagens mostram as fissuras existentes na Igreja, seja pela ganância que toma o lugar da fé – quando Dom Abbacchio se recusa a realizar o velório de um seminarista do local, pois o valor oferecido é muito baixo –, seja pela discordância das opiniões entre o comando da Igreja e os padres – como é o caso de Dom Benedetto e Dom Gabriele, os quais, por conta dessa discordância, são afastados do sacerdócio.

Possivelmente, essa presença constante de padres em suas obras é oriunda da admiração que Silone sentia por Dom Orione, padre que o auxiliou após o terremoto da Mársica. A relação de Silone e Dom Orione ficou registrada no ensaio “Incontro con uno strano prete” publicado na obra *Uscita di sicurezza*. Mesmo após a saída de Silone do instituto religioso, eles continuaram a trocar correspondências.

optou-se pela grafia Bonifácio, excetuando-se as citações diretas da obra, nas quais manteve-se a grafia presente.

¹¹ São Sisto foi papa nos anos de 116 a 125, período no qual surgiram as primeiras diferenças entre as Igrejas católicas cristãs do Oriente e do Ocidente.

Ignazio Silone inicia sua trajetória na literatura para ocupar o espaço deixado pela atuação político-partidária. Nos anos de estudo em Roma, o jovem escritor sentiu a necessidade de fazer um pouco mais, especialmente pelos seus conterrâneos do interior. Esse desejo o levou em 1921 a ser um dos fundadores do Partido Comunista da Itália (depois, Partido Comunista Italiano), que pouco tempo após sua fundação foi declarado ilegal pelo regime fascista. A função inicial de Silone no Partido era a de redigir denúncias contra as autoridades da época.

Silone ganhou espaço dentro do Partido, até que foi convidado a participar da reunião ocorrida em Moscou, para a preparação de um congresso da III Internacional Comunista. Lá, ao divergir dos demais, por não reconhecer a legalidade de assinar uma moção de censura, sem conhecer os reais motivos para tal ato, gerou desconfianças internas, que culminaram com sua expulsão do Partido. Sem o Partido, Silone buscou preencher esse vazio com a literatura.

As primeiras obras literárias do escritor trazem nas entrelinhas a questão do fascismo, como *Fontamara*. Em nenhum momento da obra, Silone aponta diretamente o fascismo, no entanto, apresenta indícios que remetem às atitudes desse regime, por exemplo, o abuso exercido pelas autoridades militares, as publicações de textos proibidas pelo governo, a exigência feita a Berardo para que apresentasse a carteira de filiação ao partido do governo. Esses são alguns dos indícios que Silone utiliza para demonstrar como se vivia durante os anos do fascismo italiano.

Com as mudanças ocasionadas pelo fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do fascismo, Silone começou a mudar também o foco de sua escrita. Começou a mostrar as transformações da sociedade italiana, tais como o homem do campo começando a engrossar a massa de proletários, e o êxodo do campo dando corpo às cidades.

Como foi possível ver, Silone rastreia e representa incansavelmente a inserção da instituição católica, dos valores religiosos, e da fé na esfera do cotidiano das massas humildes. Ao fazer isso, no entanto, sublinha a distância entre os valores do cristianismo primitivo e a atuação dos representantes da Igreja, muitas vezes aliados ao poder conservador e opressor do Estado. Como vemos no trecho abaixo, retirado da obra *L'avventura d'un povero cristiano*, Silone refletia sobre a distância da Igreja e da realidade dos cristãos:

Mi riferisco in modo particolare a quelli che, dopo aver ricevuto la consueta educazione religiosa in qualche istituto o collegio di preti, si

siano in gioventù allontanati dalla Chiesa, non per la naturale indifferenza che sopravviene nella maggioranza dei maschi appena escono di pubertà, né per dubbi o dissensi intellettuali sulla sostanza della fede (questi sono casi rari), ma spinti da insofferenza contro l'arretratezza, la passività, o il conformismo dell'apparato clericale di fronte alle scelte serie imposta dall'epoca. [...]. In quel periodo di confusione massima, di miseria e disordini sociali, di tradimenti, di violenze, di delitti impuniti e d'illegalità d'ogni specie, accadeva che le lettere pastorali dei vescovi ai fedeli persistessero a trattare invece, di preferenza, i temi dell'abbigliamento licenzioso delle donne, dei bagni promiscui sulle spiagge, dei nuovi balli d'origine esotica e del tradizionale turpiloqui [...], era uno scandalo insopportabile. Come si poteva rimanere in una simile Chiesa? (SILONE, 2001, p. 24)¹²

Silone apresenta acima um dos motivos que o levaram a afastar-se da Igreja: a indiferença da instituição perante o sofrimento da população camponesa italiana, em especial no que tangia à pobreza e a fome, potencializadas pelas duas grandes guerras e o totalitarismo do regime fascista. Embora a Igreja mantivesse uma postura egoísta, preocupada em consolidar e manter seu poder, o povo continuava a vê-la como uma fonte de fé, cujo alento seria a única forma de passarem por essas dificuldades. No entanto, ela mostrava-se indiferente aos

¹² “Refiro-me, em modo particular, àqueles que depois de terem recebido a habitual educação religiosa, em algum instituto ou colégio de padres, na juventude afastaram-se da Igreja, não pela indiferença natural que advém à maioria dos homens apenas saídos da puberdade, nem por dúvidas ou dissonâncias intelectuais sobre a fé (casos como esses são raros), mas levados pela intolerância contra o atraso, a passividade, o conformismo do aparato clerical frente à série de escolhas impostas pela época. [...]. Naquele período de confusão máxima, de miséria e desordem social, de traições, de violências, de delitos não punidos e da ilegalidade de várias formas, acontecia que as cartas pastorais dos bispos aos fiéis persistiam em tratar, por exemplo, sobre temas referentes à vestimenta das mulheres, dos promiscuos trajes de banho nas praias, dos novos bailes de origem exóticas e dos tradicionais turpilóquios [...], era um escândalo insuportável. Como se poderia permanecer em uma Igreja assim?” (trad. nossa).

problemas do povo, preocupando-se somente com si, em como empoderar-se, não por necessidade, mas para manter seu poder seguro.

O escritor originário do Abruzzo, participante ativo por alguns anos da política partidária, retratou, enfim, em suas obras as opressões contra o povo, feitas por instituições que deveriam, ao contrário, proporcionar-lhe a esperança. Na esfera política, o comunismo nasceu pregando a igualdade entre as pessoas, no entanto, Silone viu esse ideal cair por terra, quando na reunião do Partido Comunista os membros presentes propuseram a exclusão de um integrante por divergência de opiniões. Na esfera religiosa, a fé que daria esperança para os sofrimentos do povo, estava cada vez mais reclusa em suas preocupações. Como se manifestar então perante a esse cenário? Silone, assumindo a sua postura de intelectual, encontrou nas páginas literárias uma forma para se pronunciar. Todavia, muitas das vezes, esse pronunciamento não foi bem aceito, quer por circunstâncias históricas, como é o caso da ditadura fascista, que determinou o exílio de Silone, assim como a morte do irmão, quer por circunstâncias ideológicas, dentro do quadro da *intelligentsia* italiana do pós-guerra, que determinaram o silêncio de boa parte da crítica por um longo período.

2.2 SILONE E A CRÍTICA

A crítica literária em relação às obras silonianas pode ser dividida, de acordo com Luce D'Eramo (1971), em três períodos: um que vai do início, da publicação de *Fontamara*, até 1950, durante o qual a crítica manteve-se em silêncio; o segundo período, de 1950 até 1965, em que ocorrem os questionamentos da crítica sobre a produção siloniana; e uma última fase, a partir da publicação de *Uscita di sicurezza*, quando as obras silonianas passam a ser vistas mais de perto.

Durante seus anos de escrita literária, Ignazio Silone esteve atento aos acontecimentos do seu país e do seu povo, tanto que os reproduziu nas páginas dos seus livros; no entanto, por muito tempo, seu nome não figurou entre os escritores reconhecidos em solo italiano. As causas que levaram ao seu esquecimento por parte da crítica italiana, durante boa parte do século XX, residem no fato de as primeiras publicações não terem sido em língua italiana. Soma-se a isso o período do exílio, quando, afastado do Abruzzo e da militância política partidária, Silone encontrou na escrita literária uma forma de aproximar-se de seu país e continuar sua luta política. Todavia, a publicação de seus livros (cuja publicação na Itália era evidentemente proibida pelo

regime fascista) em outros idiomas, como é o caso de *Fontamara*, publicada originalmente em alemão, e em outros países, fez com que a fama do escritor crescesse no exterior, ao contrário do que ocorreu em solo italiano.

Segundo aparece na edição italiana de *Fontamara*, pela Mondadori em 1949, sua primeira publicação em alemão foi pela Oprecht da Suíça, e, devido ao grande sucesso, ela foi republicada pela editora, também suíça, Universum Bücherei, e no período de 1934 a 1955 publicada em episódios em 14 jornais suíços. Agradou, dessa forma, à crítica internacional, que teceu comentários elogiosos em diversas publicações da época, como *Bulletin de l'opposition* de Paris, *Politiken de Compenhage*, *Literatura de Budapest* e *Neue Presse* de Vienna (SILONE, 1949).

Contudo, o fato que pode ter contribuído efetivamente para o reconhecimento tardio de Silone, ou seja, somente a partir do início dos anos 1950, foi o ostracismo, logo depois do fim da guerra, em função de sua ruptura com o Partido Comunista, nomeadamente com o líder Palmiro Togliatti¹³, pois a crítica militante comunista se tornou muito forte no pós-guerra. Sérgio Soave, no texto *Ignazio Silone: três vidas para ser coerente* (2012), traz a seguinte contribuição:

Silone, durante todo período de 1920-1930, continuava a ser considerado pelo regime fascista um subversivo perigoso, tanto que a vigilância sobre ele nunca foi atenuada, e os arquivos do Estado contêm os relatórios periódicos dos informantes que o mantinham sob controle. Em todas estas informações dos anos 30 faz-se, aliás, referência ao fato que ele tinha se tornado ainda mais temível pelo regime, porque depois de “ter dado a entender” que queria colaborar, imputava à crueldade do sistema repressivo a morte do único

¹³ O líder político do Partido Comunista Italiano Palmiro Togliatti foi quem indicou Silone a ocupar no Partido o lugar de Gramsci, após a sua prisão. Silone acompanhou Togliatti em Moscou, no Congresso, durante o qual houve a dissonância de opiniões. Tempo depois, após a expulsão de alguns membros do Partido, Silone, por carta, comenta com Togliatti o desconforto com a situação. Em posse dessa carta, a direção do Partido solicita que Silone faça uma declaração de fidelidade. Silone se recusa a fazer. Togliatti se faz passar por Silone e apresenta a declaração. Por sua vez, o escritor abruçês, descontente com o ocorrido, nega que tenha escrito aquilo. Como consequência, pouco tempo depois, vem a ser expulso do Partido (PETERLE, 2011).

familiar que lhe tinha restado: o irmão. (SOAVE, 2012, p. 25)

Logo, compreendemos o quão arriscado seria tornar reconhecido um “subversivo perigoso”. Quando, com o término da Segunda Guerra Mundial e a queda da ditadura de Mussolini, Silone retornou à Itália e começou a publicação de suas obras, a crítica literária voltou timidamente seu olhar ao escritor.

A primeira obra siloniana que chamou a atenção da crítica italiana foi *Il Segreto di Luca*, que conduziu à leitura dos primeiros livros publicados, tornando Ignazio Silone reconhecido em sua pátria. Outro livro que contribuiu para o reconhecimento literário do escritor foi *L'avventura d'un povero cristiano*, que conquistou dois importantes prêmios literários: o *Moretti d'oro* e o *Campielo*¹⁴. Já em 1969 a obra ganhou os palcos pelas mãos do diretor Valerio Zurlini¹⁵.

O que chama a atenção para as obras de Silone é o caráter atemporal de suas narrativas. Por exemplo, mesmo uma trama escrita na década de 1960, como é o caso de *L'avventura d'un povero cristiano*, que recupera a história do papa Celestino V, do século XIII, faz também uma denúncia sobre a inserção questionável da Igreja Católica no meio político durante o século XX. Nesse sentido, quase quarenta anos após a primeira publicação, essa obra voltou, ao menos na Itália, a ser destaque nas livrarias, juntamente com *Roma senza papa* de Guido Morselli, e o filme *Habemus Papam* de Nanni Moretti, ressurgimento esse alcançado com a renúncia do papa Bento XVI em fevereiro de 2013.

No romance *Roma senza papa*, Guido Morselli narra a Roma do final do século XX, quando o trono papal foi deixado vazio por um hipotético Giovanni XXIV. Na esteira das premeditações do vazio na Santa Sé, Nanni Moretti apresenta *Habemus Papam*, filme no qual o cardeal Melville é eleito papa, mas não se sentindo seguro, foge, instalando uma crise no Vaticano. Tanto Silone quanto Morselli e Moretti, atentos aos possíveis indícios dados pela história, dramatizam a renúncia de um papa, e, nesse ponto, reside a atualidade do pensamento

¹⁴ O prêmio *Campielo*, entregue até hoje, já está na 52ª edição e premia os escritores italianos que, com seus romances, marcaram a literatura italiana.

¹⁵ Valerio Zurlini causou polêmica em sua adaptação do texto siloniano para o teatro, uma vez que utilizou um jovem ator para o papel de Celestino V. O espetáculo durava cerca de quatro horas. (Disponível em: < <http://www.osservatoreromano.va/it/news/quella-volta-che-portai-scena-celestino-v> >. Acesso em: 12 jan. 2015).

siloniano e a importância de compreender como a crítica trabalhou com essa característica.

Luigi Barzini, em 1965, na reedição da versão americana de *Vino e Pane* fez um comentário que traduz de forma clara a atemporalidade do texto siloniano:

Perché mio figlio dovrebbe leggere oggi Vino e pane? E perché mio nipote lo leggerà senza dubbio domani? [...] Il suo messaggio è ancora intatto. L'apparente mancanza d'arte della storia, la qualità semplice della scrittura, fanno di esso non un libro di ieri o di oggi, ma un libro di tutte le generazioni. Esso è un poema dell'eterna lotta dell'uomo contro l'organizzazione, dell'uomo che cerca di liberare se stesso. (SILONE, 1986, p. 9)¹⁶

Silone, ao escrever *L'avventura d'un povero cristiano*, alertou o quanto uma instituição pode tornar-se secularizada, ou seja, desvelar-se da sua função primeira de levar os valores ensinados por Jesus Cristo a todos, para assumir uma função política dentro do Estado. Segundo a história ficcionalizada por Silone, Celestino V, enquanto ainda era o Frade Pietro Angelerio, e que vivia recluso nas montanhas abrucezas, recebeu a notícia de sua eleição, primeiro com espanto e temor, mas na sequência entendeu aquilo como um desafio imposto pelo Senhor, para que ele reconduzisse a Igreja à via certa, aceitando, assim, sua provação. Dentro do ponto mais alto da hierarquia da Igreja, percebeu que as fissuras eram tantas, que uma simples reforma não seria suficiente para recolocar a Igreja na sua função primeira. Seria necessário reconstruir, o que ele com toda sua fragilidade não poderia fazer. Renunciou e deixou para o Senhor, ou seja, aquele que lhe impôs o desafio, encarregar-se da reconstrução.

Na esfera dessa (re)construção, em âmbito doutrinário, faz-se importante recuperar a Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses que fala, justamente, da segunda vinda de Cristo para reparar o mal que

¹⁶ “Por que meu filho deveria ler hoje *Pão e Vinho*? E por que meu neto o lerá amanhã? [...] A sua mensagem é ainda intacta. A aparente falta de arte da história, a qualidade simples da escrita, faz dele, não um livro de ontem ou de hoje, mas um livro de todas as gerações. Esse é um poema da eterna luta do homem contra a organização, do homem que procura liberar a si próprio”. (trad. nossa)

se instalou dentro de sua Casa. Essa temática, juntamente com as considerações trazidas atualmente por Agamben e Cacciari serão trabalhadas no último capítulo deste estudo.

A inserção social da Igreja, o relacionamento desta com a política, com o poder e com a sociedade, ou seja, o que Silone trouxe durante o século XX, ainda hoje continua sendo terreno fértil que suscita reflexões. Pouca coisa mudou em relação ao século anterior. É importante entender como Silone, devido ao momento político em que escreveu, não ganhou o reconhecimento da crítica; no entanto, hoje, por meio da atualidade de seu pensamento, pode ser resgatado.

Entretanto, não só Silone trouxe essas questões; pois, em geral, boa parte dos autores italianos, nos anos de 1968 a 1980, retratou os acontecimentos histórico-políticos do país, através de textos de intervenção e de ficção, como Pier Paolo Pasolini e Italo Calvino. Pasolini tem um ensaio emblemático sobre as transformações da Itália durante o século XX, *Il vuoto del potere* ou *L'articolo delle lucciole*¹⁷, publicado em 1975 no jornal italiano *Corriere della sera*. O texto retrata a tese da não mudança da condução política da Itália, mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com a queda do fascismo. Com o fascismo em declínio, nasceu um novo grupo que pretendia tomar as rédeas da Itália, o Partido da Democracia Cristã; no entanto, segundo Pasolini, os democratas-cristãos eram a continuação do fascismo, porém, com outras vestes, sob a efígie da religião católica. Mas esse novo poder, perseguindo substancialmente os ideais do fascismo, não teria se dado conta de mudanças no seio da sociedade italiana, as quais provocaram o desaparecimento da antiga civilização campesina (metaforizada por Pasolini como os vagalumes), para o aparecimento de um novo homem industrializado pautado pelo consumismo.

Por sua vez, a poluição e o consumo de massa foram trazidos por Calvino, em *Marcovaldo Ou As estações na cidade* (1963) e *As cidades invisíveis* (1972). Marcovaldo é um expoente, ingênuo, do proletariado, que, em meio à selva de pedra, tenta buscar resquícios do meio ambiente natural, seja nos cogumelos que brotam em meio ao asfalto ou nas aves que pousam nos fios elétricos e nas janelas das casas. *As cidades invisíveis* é composta pela descrição de várias cidades, cada uma com seu aspecto peculiar, tal como Leônia (crítica de Calvino ao consumismo), na qual, a cada pôr do sol, os habitantes jogam fora tudo que foi utilizado, para no outro dia começarem a jornada com produtos novos: sabonetes, cremes dentais, roupas, sapatos etc.

¹⁷ Texto sem tradução para o português.

A crítica foi muitas vezes dura com os textos silonianos, classificando-os como textos panfletários de escrita antifascista. No entanto, o escritor em suas entrevistas, bem como em seus textos, deixava claro que escrever era uma forma de se expressar, na situação delicada em que se encontrava:

Lo scrivere non è stato, e non poteva essere, per me, salvo in qualche raro momento di grazia, un sereno godimento estetico, ma la penosa e solitaria continuazione di una lotta, dopo essermi separato da compagni assai cari. (SILONE, 1999, p. 803)¹⁸

A escrita para Silone, além de suprir a ausência deixada pela militância política, foi aquela que o reaproximou, mesmo estando no exílio, do seu Abruzzo tão querido; foi aquela que lhe fez viver o luto pela perda de Romolo. O escrever para Silone, além de lhe fazer recordar momentos que o marcaram, também o fez refletir sobre os acontecimentos do mundo à sua volta:

E se la mia opera letteraria ha un senso, in ultima analisi, è proprio in ciò: a un certo momento scrivere ha significato per me assoluta necessità di testimoniare, bisogno inderogabile di liberarmi da una ossessione, di affermare il senso e i limiti di una dolorosa ma definitiva rottura, e di una più sincera fedeltà. (SILONE, 1999, p. 802)¹⁹

Silone constantemente dizia que era um político sem partido e um cristão sem igreja, sendo tal rompimento, tanto com a política quanto com a religião, ocasionado por decepções do escritor na vivência dentro desses organismos. A visão mais atenta da realidade e a utilização da literatura como forma de testemunhar tudo isso, tal como o

¹⁸ “O escrever não foi, e não poderia ser, para mim, salvo em algum raro momento de graça, um sereno gozo estético, mas a penosa e solitária continuação de uma luta, depois da separação dos companheiros tão queridos.” (trad. nossa).

¹⁹ “E se a minha obra literária tem um sentido, em última análise é porque, em um certo momento, escrever significou para mim uma absoluta necessidade de testemunhar, necessidade inquestionável de liberar-me de uma obsessão, de afirmar o sentido e os limites de uma dolorosa mas definitiva ruptura e de uma sincera fidelidade.” (trad. nossa).

fizeram Silone, Pasolini e Calvino, propiciou a afirmação, na década de 1970, da figura do intelectual-escriptor que, para Belpoliti, em seu livro *Settanta*²⁰ (2010), seria aquele que participa ativamente da vida política do seu país, utilizando a literatura como aliada dessa participação.

Ao falar do intelectual-escriptor, Belpoliti nos faz recorrer à *Microfísica do Poder* (1979), no capítulo “Verdade e Poder”, no qual Foucault, ao ser questionado por Alexandre Fontana sobre o papel do intelectual, apresenta um contraponto entre o entendimento que se tinha do intelectual até os anos 1970 e o entendimento que se passou a ter após esse período. Até então, o intelectual era visto como “dono de verdade e de justiça”, “portador do universal”; “intelectual que, pela sua escolha moral, teórica e política, quer ser portador desta universalidade, mas em sua forma consciente e elaborada” (FOUCAULT, 1979, p. 8). Já o intelectual pós anos 1970 deixou a universalidade para trabalhar em prol de questões pontuais:

Os intelectuais se habituaram a trabalhar não no “universal”, no “exemplar”, no “justo-e-verdadeiro-para-todos”, mas em setores determinados, em pontos precisos em que os situavam, seja suas condições de trabalho, seja suas condições de vida (a moradia, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade, as relações familiares ou sexuais). Certamente com isto ganharam uma consciência muito mais concreta e imediata das lutas. E também encontraram problemas que eram específicos, “não universais”, muitas vezes diferentes daqueles do proletariado ou das massas. E, no entanto, se aproximaram deles, creio que por duas razões: porque se tratava de lutas reais, materiais e cotidianas, e porque encontraram com frequência, mas em outra forma, o mesmo adversário do proletariado, do campesinato ou das massas (as multinacionais, o aparelho jurídico e policial, a especulação imobiliária, etc.). É o que eu chamaria de intelectual “específico” por oposição ao intelectual “universal”. (FOUCAULT, 1979, p. 9)

Severina ilustra bem o pensamento de Foucault, pois narra a história de uma noviça que presenciou a repressão do Estado, na figura

²⁰ Livro sem tradução para o português.

da polícia, contra o proletariado, na figura de um jovem trabalhador. Severina deixou a passividade do convento para ganhar as ruas e lutar a favor dos ideais do povo. Recuperando Belpoliti, esse intelectual-escritor é aquele que intervém no cotidiano da sociedade, por meio da participação na vida política em movimentos ou partidos. De fato, muitos dos escritores contemporâneos a Silone, como ele mesmo, foram integrantes ativos de partidos políticos, deixando-os polemicamente e reservando à literatura o espaço de defesa de seus ideais.

Silone, em meio a essa situação complicada em que se encontrava a Itália e, principalmente em relação à Igreja que externalizava sua presença no cenário político do país, encontrou terreno propício para escrever suas últimas obras, *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*. Não mais cabia mostrar nas páginas do livro a história dos camponeses de *Fontamara* e *Vino e Pane*, mas sim as novas dinâmicas sociais e as situações que surgiram após a segunda grande guerra.

3 ENTRE PASSADO E PRESENTE: *L'AVVENTURA D'UN POVERO CRISTIANO E SEVERINA*

3.1 *L'AVVENTURA D'UN POVERO CRISTIANO* E A REVISITAÇÃO DA HISTÓRIA

Ao longo de suas obras literárias, Silone priorizou evidenciar a Igreja Católica como uma instituição secularizada, com cada vez mais inserções políticas. O presente estudo, cujo objetivo é analisar a inserção social da Igreja na ótica siloniana, tem como *corpus* duas obras, que não por acaso foram as últimas escritas pelo escritor abrucês.

No capítulo anterior, verificamos que, independente do período e do gênero no qual Silone escrevia, ele sempre teve como ponto de partida as situações enfrentadas pelo povo abrucês. No entanto, se atentarmos especificamente para as obras literárias do escritor, veremos uma mudança na forma de contar essas situações. Tais mudanças acompanharam a transformação da sociedade. Partindo de *Fontamara* até chegarmos à publicação de *Severina*, temos praticamente cinco décadas separando-as. E, nesses cinquenta anos, a Itália passou por inúmeras transformações políticas.

Se em *Fontamara* os *cafoni*, o ambiente rural e o fascismo permeavam a história, em *Severina* têm-se os jovens estudantes e operários, o ambiente urbano e o poder da Igreja Católica inseridos incisivamente na trajetória dos personagens principais. Este capítulo tem, portanto, como escopo principal analisar as obras selecionadas, *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*, partindo do contexto e das circunstâncias que podem ter levado Silone a escrevê-las; por exemplo, o processo de pesquisa percorrido pelo escritor para escrever *L'avventura d'un povero cristiano*, e a dificuldade devido à saúde debilitada, fatores que resultaram na escrita de *Severina*. O intuito aqui é verificarmos um outro Silone que foi muito além daquele de *Fontamara*.

As duas últimas obras de Ignazio Silone são o ponto de partida para entender a opinião do escritor, no que tange às inserções sociais da Igreja Católica. *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina* são compostas por uma série de personagens ligados à esfera religiosa: simples fiéis, como Concetta; freiras, como Severina e a Madre Superiora; padres, como Dom Costantino e Dom Gabriele; até chegarmos à alta hierarquia, com os papas Celestino V e Bonifácio VIII. O ponto central para a análise desses personagens está na forma como cada um concebe a religião, seja uma religião solidária a serviço do povo, seja uma religião a serviço do poder.

L'avventura d'un povero cristiano e Severina são obras menos conhecidas pelos leitores brasileiros, diferentemente de *Fontamara*, que foi traduzida para diversas línguas e, no Brasil, segundo publicação do jornal Folha de São Paulo (1999), foi o 56º romance mais lido durante o século XX. Das onze obras de autoria siloniana, somente cinco foram traduzidas para o português. Essas traduções datam das décadas de 1930 e 1940: *Fontamara* em 1935 e 1942; também em 1942 temos *A escola dos ditadores*; *Pão e Vinho* em 1943 e *A semente sob a neve* em 1947 (DLIT, 2014). No ano de 2003, tivemos uma nova tradução de *Fontamara* feita por Doris Nátia Cavallari pela editora Berlendis de São Paulo²¹.

Uma vez que as traduções dos textos silonianos foram feitas, em sua maioria durante a primeira metade do século XX, o leitor brasileiro não tem acesso em sua língua às demais obras do escritor, levando-o, de certa forma, a um esquecimento. Por outro lado, essas traduções propiciaram o conhecimento aos leitores e estudiosos brasileiros de uma das faces da escrita de Silone. Sendo assim, este trabalho pretende contribuir também para um alargamento dos estudos sobre esse escritor em solo brasileiro.

O Silone conhecido do público brasileiro é um escritor descontente com os rumos políticos de seu país – os quais o levaram ao exílio, ao rompimento com o Partido Comunista, à morte de seu irmão caçula –, e que em suas obras acenou para os sofrimentos da população camponesa do Abruzzo. Obviamente que essa face do escritor será levada em consideração, no entanto, o foco desta pesquisa será o Silone posterior, após a queda da ditadura fascista, que já em solo italiano, optou por revelar seu descontentamento com a instituição religiosa que outrora propiciou seus primeiros aprendizados.

Em *L'avventura d'un povero cristiano* cabe uma ressalva, pois nela as tramas dos personagens ficcionais perpassam pelos enredos de personagens verídicos que fazem parte da história da Igreja Católica. Dentre os personagens presentes nessa obra, dar-se-á destaque a quatro

²¹ As traduções de *Fontamara* de 1935 e 1942 foram feitas ambas por Aristides Lôbo, no entanto, a primeira foi publicada pela editora Cultura Política e a segunda pela editora Athena (Atena). Em 1942, a tradução de *A escola dos ditadores* também foi feita por Aristides Lôbo e publicada pela editora Athena (Atena). No ano de 1943, a editora Oceano publicou *Pão e Vinho* com tradução de Miguel Macedo. A editora Brasiliense publicou *A semente sob a neve* no ano de 1947 com tradução de Eglantina Santi. Já *Ed egli si nascose* nunca foi traduzido para o português.

deles: Concetta, Dom Costantino, Celestino V e Bonifácio VIII, os dois primeiros fictícios, os outros, como se sabe, históricos.

A obra *L'avventura d'un povero cristiano* remonta à trajetória vivida no século XIII, por Frade Pietro Angelerio nas montanhas do Abruzzo, perpassa pelos seus três meses como papa Celestino V, sua renúncia, e culmina com sua prisão e morte. Diante dessa trama, e conhecendo o percurso do escritor, é válido pautar a presente análise nos seguintes questionamentos: por que Silone optou por escrever uma obra histórica? Por que a opção pelo drama? Por que o Abruzzo é revisitado? Por que abordar essa temática religiosa num texto dramático?

Silone retorna fisicamente ao Abruzzo com o intuito de coletar dados que possam subsidiá-lo na composição da sua obra, e esse percurso é documentado nas primeiras páginas de *L'avventura d'un povero cristiano*. O escritor dá início a sua pesquisa em um arquivo dedicado a Celestino V, na biblioteca da província de L'Aquila, e lá é questionado por um amigo: “*Non vuoi mica darti al genere storico?*”²². Silone responde: “*Ne sarei incapace. Sai bene che ogni mio interesse, come scrittore, è rivolto al presente*”²³, e a conversa segue:

«È vero» [...] «*ma non hai scritto tu stesso che certe realtà del presente hanno radici lontane?*»
 «Hai ragione» [...] «*Sarà un lavoro di scavo.*»
 «Come ti spieghi» [...] «*che un tema così appassionante non sia stato mai trattato da letterati italiani? Sì, vi accennò Dante; ne trattò con enfasi ammirevole il Petrarca; ma dopo? Non Alfieri, non Manzoni ...*»
 «La problematica etico-religiosa divenne tabù»
 [...] «*Abbiamo avuto il Rinascimento e poi il Concilio di Trento.*»
 «Un tabù nostrano» [...] «*George Sand ha scritto Spiridion ispirandosi a Gioacchino da Fiore. Anche Lessing s'interessò all'abate calabrese.*»
 (SILONE, 2001, p. 5)²⁴

²² “Não queres mesmo te dedicar ao gênero histórico?” (trad. nossa).

²³ “Seria incapaz disso. Sabes bem que todo meu interesse como escritor é voltado ao presente.” (trad. nossa).

²⁴ “«É verdade» [...] «mas tu mesmo não escreveste que certas realidades do presente possuem raízes distantes?» «Tens razão» [...] «Será um trabalho de escavação.» «Como explicas» [...] «que um tema assim apaixonante não foi retratado por nenhum literato italiano? Sim, foi apontado por Dante; retratado com ênfase admirável por Petrarca; mas depois? Nem Alfieri, nem Manzoni ...»

No diálogo acima, que na obra *L'avventura d'un povero cristiano* dá início a pesquisa de Silone acerca de Celestino V, podemos destacar dois pontos que encontram eco na escrita siloniana: a relação do escritor com Alessandro Manzoni e a questão ético-religiosa. Silone, em entrevistas dadas ao longo de sua carreira literária, quando questionado sobre escritores que o influenciaram, coloca sempre Manzoni entre eles. Herdou de Manzoni o anseio por (re)escrever sempre a mesma história. Talvez por isso a sensação que se tenha de que cada livro de Silone não é um início, e sim a continuação de uma história que já começou em outro momento.

Alessandro Manzoni (1785-1873), o maior escritor italiano do séc. XIX, é conhecido sobretudo pela escrita de *Os Noivos* (1841-42), romance que, até chegar à sua última versão, sofreu algumas modificações, todas feitas pelo próprio Manzoni²⁵. Silone também passou pela experiência de escrever uma nova versão de uma mesma obra, com diferenças relevantes, como aconteceu com *Vino e Pane*²⁶.

Na escrita de *Os noivos*, Manzoni, tal como Silone em *L'avventura d'un povero cristiano*, fez uma pesquisa histórica para ambientar seu romance na Itália do século XVII, quando esta sofria o domínio espanhol e os efeitos da grande peste. Outra característica presente em ambos os escritores é a representação da Igreja Católica: se em Silone temos a materialização dessa instituição por meio de seus personagens, tais como Celestino V e Bonifácio VIII, já em *Os noivos*, por exemplo, temos a Providência, a mão de Deus que guia a trajetória dos homens na terra, entre os quais Dom Abbondio, Frade Cristoforo e o cardeal Borromeo. Se Manzoni recupera o período histórico do século XVII para chamar a atenção sobre a situação do homem do século XIX, também Silone sai da Roma do século XX e retorna ao Abruzzo, em

«A problemática ético-religiosa tornou-se um tabu» [...] «Tivemos o Renascimento e depois o Concílio de Trento.» «Um tabu nosso» [...] «George Sand escreveu *Spiridion* inspirado em Gioacchino da Fiore. Também Lessing se interessou pelo abade calabrés.» (trad. nossa).

²⁵ A primeira versão, *Fermo e Lucia*, data de 1827. Com alterações e já com o nome de *I promessi sposi*, a obra foi republicada no período de 1840 a 1842. No Brasil, as primeiras traduções, com o título de *Os noivos*, foram feitas em: 1900; 1902 pela livraria Garnier; 1944 com tradução de Marina Guaspari e publicação pela editora Irmãos Pongetti e 1950 pela editora W. M. Jackson com tradução de Raul de Polillo (DLIT, 2014).

²⁶ A obra *Pane e Vino* foi publicada primeiramente em 1936, e no ano de 1955, após a revisão e alterações do próprio escritor, foi republicada pela Mondadori, como *Vino e Pane*.

busca do histórico papa Celestino V do século XIII, reevocando a problemática ético-religiosa que, segundo Silone e seu amigo no fragmento anterior, tornou-se tabu após o Renascimento e o Concílio de Trento.

Foi no período histórico do Renascimento, entre os séculos XV e XVI, diante dos excessos da Igreja Católica, que deflagrou a discussão em torno da corrupção do clero e do poder temporal da Igreja Católica; diante desses questionamentos, a Igreja começou sua divisão que levou ao cisma luterano. O cisma luterano, ou a Reforma Protestante, foi liderado pelo monge alemão Martinho Lutero que, ao discordar de certas atitudes da Igreja Católica, como a venda de indulgências, escreveu textos que ficaram conhecidos, como, por exemplo, as 95 teses que propuseram uma mudança nos paradigmas da Igreja. A Reforma Protestante culminou não só com a divisão da religião católica no Ocidente, com os católicos de um lado e os protestantes do outro, mas também propiciou a realização do Concílio de Trento, cuja intenção foi reestabelecer a unidade religiosa, propondo a moralização da instituição.

No entanto, todos esses episódios históricos só servem para percebermos que as fissuras não são algo de novo dentro da Igreja, pois já no século de Celestino V, vê-se a disputa pela detenção do poder da religião católica cristã entre as famílias Colonna, Orsini, Caetani etc.²⁷; Dante, na sua *Divina Comédia*, acenou tantos episódios desmoralizadores cometidos pelos papas; o Renascimento trouxe para discussão essas fissuras; e Silone, por sua vez, atento a tudo isso, reafirmou a controvertida condição humana da Igreja com *L'avventura d'un povero cristiano*, escrita no momento em que a Igreja vivia o Concílio Vaticano II²⁸.

²⁷ Todas essas famílias ao longo da história tiveram vários de seus membros eleitos cardeais e, alguns, papas.

²⁸ Sobre o Concílio, Silone comenta: “*Il Concilio è stato un avvenimento positivo che gioverà a tutti, anche ai miscredenti. Nello sforzo compiuto per ‘aggiornarsi’ e vincere le resistenze interne, la Chiesa ha dimostrato una vitalità spirituale di cui molti non la ritenevano capace. Come non rallegrarsene? Dirò di più. Alcune delle deliberazioni conciliari più coraggiose contengono una risposta soddisfacente anche alle domande inascoltate che a suo tempo portarono certuni di noi alla rottura ed è il caso di ripeter: meglio tardi che mai*”. (SILONE, 2001, p. 24). “O Concílio foi um acontecimento positivo que influenciará a todos, inclusive aos não crentes. No esforço para ‘atualizar-se’ e vencer as resistências internas, a Igreja demonstrou uma vitalidade espiritual da qual muitos a achavam incapaz. Como não se alegrar? Direi mais. Algumas das deliberações conciliares mais corajosas contêm uma

A peculiaridade literária siloniana reside justamente no fato de não querer trazer algo absolutamente novo para seus textos, mas sim chamar a atenção para o fato de que a Igreja Católica está cada vez mais secularizada e comprometida com os interesses políticos, deixando seu patamar religioso para tornar-se cada vez mais politizada. Silone revive todos esses fatos, propondo uma reflexão, tal como outros intelectuais já fizeram ao longo da história; reafirmando o que seu interlocutor disse anteriormente, de que “certas realidades do presente possuem raízes distantes”.

Por sua vez, a Igreja utiliza-se da realização de seus Concílios e da sua proximidade com o Estado, detentor do poder terreno, para dar uma resposta a esses questionamentos. Mas nem sempre é uma resposta direta, esclarecedora, mas sim ambígua, visto que tenta esconder seus tabus atrás de seus dogmas. E nesse ponto entra a questão ética.

No capítulo anterior apresentamos os três regimes da literatura propostos por Rancière: ético, poético e estético. Atentaremos-nos, em específico, aos regimes ético e estético. O regime ético, para Rancière (2005), é a representatividade da imagem, composta por duas faces: o teor de verdade imbuído nessa imagem e os efeitos que esta produziu. Essa representatividade da imagem foi o que Barthes (1988) nomeou como sendo o efeito de real, ou seja, o que a literatura produz não é o fato ocorrido em si, mas a ficcionalização de um determinado acontecimento que produzirá no leitor uma sensação de proximidade com a realidade. Por sua vez, cabe ao estético pôr frente a frente o que é e o que foi, o presente e o passado, ou seja, dar novas vestes àquilo que já existe. E foi esse desejo de reinterpretação do fato que levou Silone ao Abruzzo para desenterrar Celestino V, dando novas vestes a um tabu ético-religioso criado pela Igreja Católica com o passar dos anos, por meio de *L'avventura d'un povero cristiano*.

Silone e seu amigo continuaram a pesquisa na Basílica Santa Maria de Collemaggio, espaço onde Celestino V, então frade Pietro Angelerio, foi entronado papa. Na Basílica, o escritor abrucês apresenta suas dúvidas sobre a forma de como escreverá a obra, se por meio de romance, ensaio ou drama; porém, a sua única certeza é a de “*ridurre al minimo la scenografia storica. M'interessano soltanto i contrasti morali*

resposta satisfatória também às perguntas não escutadas, que ao seu tempo portaram cada um de nós a uma ruptura, e é o caso de repetir: antes tarde do que nunca.” (trad. nossa).

e di pensiero”²⁹. E mais do que a literatura em si, a forma escolhida para retratar esse tabu foi o teatro que “é simultaneamente espaço de uma atividade pública e lugar de exibição dos ‘fantasmas’” (RANCIÈRE, 2005, p. 17).

O filósofo italiano Giorgio Agamben, em sua obra *Il mistero del male – Benedetto XVI e la fine dei tempi* (2013), na qual é proposta uma interpretação sobre a renúncia do papa Bento XVI, ocorrida em fevereiro de 2013, apresenta um estudo etimológico da palavra *mysterion*, que vai ao encontro do significado de drama histórico, o que, por sua vez, corrobora o entendimento da opção feita por Silone quanto ao gênero de *L'avventura d'un povero cristiano*.

A palavra de origem grega *mysterion*, cujo significado é ação dramática, para Agamben

[...] indica invece una prassi, un'azione o un drama nel senso anche teatrale del termine, cioè un insieme di gesti, di atti e parole attraverso i quali un'azione o una passione divina realizza efficacemente nel mondo e nel tempo per la salvezza di coloro che vi partecipano. (AGAMBEN, 2013, p. 30)³⁰

Baseado em Puech e Bloch, o escritor italiano aprofunda seu pensamento, partindo do princípio de que a história é um conceito cristão, uma vez que, independente da religião, a história do cristianismo e da sociedade em si estão fortemente atreladas. Devido a isso, Agamben situa a história cristã como um drama histórico, e conclui que “*qui il tempo si fa spazio e la storia diventa immediatamente mistero, cioè teatro*” (AGAMBEN, 2013, p. 34)³¹. O drama histórico, então, seria o espaço no qual as decisões de cada um são postas em questão. Silone opta pelo teatro para contar sua história que, por sua vez, questiona a atitude de renúncia ao papado feita por Celestino V. Até hoje, os

²⁹ “Reduzir ao mínimo a cenografia histórica. Interesse-me somente pelos contrastes morais e de pensamento.” (trad. nossa).

³⁰ “[...] indica, ao contrário, uma práxis, uma ação ou drama, no sentido também teatral do termo, isto é, um conjunto de gestos, de atos e palavras através dos quais uma ação ou paixão divina se realiza de modo eficaz, no mundo e no tempo, para a salvação dos que dela participam.” (PETERLE; GASPARI, 2015, p. 17).

³¹ “Aqui, o tempo se faz espaço e a história se torna imediatamente mistério, isto é, teatro.” (PETERLE; GASPARI, 2015, p. 19).

motivos que levam um papa a optar pela renúncia, e também o próprio ato em si, configuram um mistério, tanto para Igreja-instituição, como para seus fiéis. Como veremos mais adiante, neste trabalho, o mistério é a palavra certa que ronda a renúncia.

Ao longo da história, a renúncia de Celestino V e a de Bento XVI foram interpretadas de diversas formas: para Dante, a renúncia é um ato de covardia; já para Agamben, a renúncia de Bento pode ser vista como um ato de coragem. Assim como o ato de renunciar é cercado de mistérios, também os são os motivos que levaram a renunciar. Ambos os papas, em seus discursos de renúncia, que serão detalhados mais à frente, apresentaram como justificativa a debilidade do corpo, fruto da idade avançada (na data da renúncia, Celestino V encontrava-se com 79 anos e Bento XVI com 86 anos); no entanto, o entendimento que se tem de corpo não é o sentido literal, o corpo em si, biológico, mas sim o corpo como sinônimo de Igreja.

A origem do teatro, como se sabe, remonta à Grécia antiga, por volta de 535 a.C, em Atenas, nos festivais que cultuavam o deus Dionísio, situando o teatro como uma forma de culto religioso (DUARTE, 2007). Silone magistralmente rememorou um dos episódios emblemáticos da história do cristianismo, que é a trajetória papal de Celestino V, e escolheu representá-la justamente por meio do teatro, uma das maneiras mais antigas que a humanidade desenvolveu para homenagear seus ídolos.

Em *Sulle tracce di Celestino e L'eredità cristiana*, textos que integram a obra, Silone encontra-se em Sulmona para visitar o Eremo de Sant'Onofrio, local onde Celestino V vivia antes de ser eleito papa. Nesse local, o escritor reevoca seus fantasmas ao lembrar fatos de sua vida e de suas outras obras, que também tiveram como cenário aquele local. Nesse ponto, Silone repassa a história da Igreja Católica, questionando-se sobre a sua narrativa: como retratar Celestino V sem lhe atribuir um caráter regional abrucês? Seu foco é fazer com que o leitor aproxime-se da história, por mais que a distância temporal os separe. Para Claudio Marabini, na "Introdução", Silone recuperou a trajetória de Celestino V para falar da eleição do papa João XXIII e do Concílio que estava ocorrendo na década de 1960. Retornando ao texto siloniano, o escritor apresenta o Concílio Vaticano II (1962-1965) que ocorria no período em que Silone escrevia *L'avventura d'un povero cristiano*, como grande tentativa da Igreja de se aproximar do seu povo.

Mas quem foi Celestino V? Antes de se tornar papa, Celestino V era Frade Pietro Angelerio, filho de camponeses, nascido em 1215 na província de Isernia, na região de Molise, no sul da Itália. Pietro viveu

durante três anos no Monte Porrara (região do Abruzzo), depois foi até Roma, onde em 1234 foi ordenado sacerdote. Tempos depois, por volta de 1260, Pietro fundou uma congregação autônoma, seguindo a ordem dos beneditinos e, em 1264, a pedido do papa Urbano IV, a congregação foi oficialmente incorporada à ordem dos beneditinos. Após um sonho, frade Pietro resolveu construir a Basílica de Collemaggio (L'Aquila), e depois disso, retornou ao monte Maiella. Com a morte do papa Nicolau IV, em 1292, iniciou-se então o conclave que o elegeu como novo papa. O conclave durou 27 meses, perpassando por várias cidades da Itália: Roma, Rieti e Perugia³².

A justificativa encontrada para a demora do conclave, segundo os cardeais que dele participaram, estava pautada na falta de consonância sobre quem deles deveria ocupar o trono papal. No entanto, é sabido que a demora na eleição tinha outra explicação: a disputa entre as famílias Colonna e Orsini em particular. Já a explicação para as transferências constantes do conclave foi a peste que assolava a Itália (MARABINI, 2001).

A Igreja Católica, nesse período, passava por um momento delicado, cujas causas principais foram, segundo David Knowles e Dimitri Obolensky, na obra *Nova história da igreja 2: a idade média* (1974): comprometimento nos assuntos seculares, riqueza - denominada como o espetáculo do papa - e a falta de sacerdotes competentes. Dessas três, nos atentaremos ao estudo das duas primeiras. Segundo os estudiosos, a Igreja Católica e o Estado, desde o tempo do Império de Constantinopla, estiveram juntos, unindo forças acerca da expansão territorial que garantiria também seu poder. No entanto, a Igreja Católica, em seu interior, começou a dividir-se, seja pela questão da língua adotada, seja na interpretação de seus preceitos. E tal divisão respingou também na sua relação com o Estado.

A Igreja e o Estado começaram seu desentendimento durante o Império de Carlos Magno, por volta do século IX. Os poderes do imperador e do papa se misturavam a ponto de permitir ao imperador a escolha dos bispos. Nesse período, a Igreja dividiu-se entre aqueles que seguiam a doutrina de Santo Agostinho e aqueles que compartilhavam de outros preceitos. Carlos Magno, fiel às orientações de Santo

³² As informações biográficas de Celestino V foram coletadas do texto *La vita di S. Pietro Celestino*, escrito por Monsenhor Angelo Spina, que compõe o texto do gibi lançado em 2009, destinado aos estudantes de Abruzzo e Molise.

Agostinho, no que tange à Cidade de Deus³³, acreditava ser ele o escolhido para governar a cidade.

Retornando às causas apontadas por Knowles e Obolensky, o comprometimento da Igreja com os assuntos seculares iniciou-se quando essa, desprovida de recursos para a ampliação de seus domínios, aliou-se ao governo terreno para alcançar seus objetivos e, como visto anteriormente, fazendo com que o limite entre o que era da alçada da Igreja e o que era da alçada do Estado se confundisse. No entanto, nessa expansão, a Igreja adquiriu bens, primeiro oriundos da devoção dos cristãos e depois, à medida que a Igreja entendeu o mecanismo de administração desses recursos, sua riqueza foi crescendo gradativamente. Eis que então, papa e imperador, representantes das duas instituições mais poderosas, começaram a trocar favores, um auxiliando o outro em busca de alcançarem suas metas.

Diante desse pano de fundo conturbado, Frade Pietro Angelerio, que levava uma vida de eremita nas montanhas de Abruzzo e longe do Conclave, foi a solução encontrada para assumir o trono papal. E nesse ponto, inicia-se a representação de Silone, por meio de *L'avventura d'un povero cristiano*, sobre a inserção social da Igreja.

No período em que Silone iniciou a escrita de *L'avventura d'un povero cristiano*, a Igreja tinha à sua frente o papa João XXIII, que recentemente foi consagrado Santo pelo papa Francisco. João XXIII ficou conhecido por dar início ao Concílio Vaticano II. O Concílio foi o marco da abertura da Igreja Católica, uma vez que nesse decidiu-se, entre outros temas, abolir o latim das missas e permitir a catequese a cargo de leigos. Sabendo dessas transformações da Igreja Católica e vivendo-as, Silone escreve *L'avventura d'un povero cristiano*.

O drama se divide em duas partes que transcorrem no período de 1294 a 1296. A primeira é ambientada em uma pequena comunidade aos pés das montanhas do Abruzzo, onde a simplicidade e a dificuldade dos *cafoni*, marca de Silone desde *Fontamara*, são apresentadas. Nessa primeira parte, os personagens ficcionais dão tom à narrativa, descrita pela pobre artesã Concetta:

Sono uomini che litigano fra di loro; uomini di chiesa che si disputano sul modo d'intendere il Vangelo e la regola stabilita da San Francesco appena poche decine d'anni fa; e talvolta essi

³³ *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, contribuiu para os pensamentos do corpo bipartido da Igreja, assunto que será abordado no último capítulo.

perfino si azzuffano, si prendono a bastonate, si scomunicano a vicenda. (SILONE, 2001, p. 30)³⁴

No drama siloniano nos deparamos com um texto que propõe duas visões diferenciadas em relação à religião católica. Silone, portanto, nos apresenta uma Igreja que por diversas vezes esteve bipolarizada. O escritor nos mostra um texto dialógico que evoca a discussão, ou seja, muito mais que apresentar um panorama histórico, o texto induz a um posicionamento frente às questões religiosas. E nessa proposta de reflexão, Silone utiliza uma personagem ficcional para narrar os acontecimentos, situando o leitor no plano histórico. A jovem narradora é Concetta, uma humilde tecelã, com cerca de 25 anos e pertencente a um grupo religioso devoto à Maria. Cabe a ela, metateatralmente, circunstanciar os fatos:

Vi sembrerà strano che, a darvi qualche spiegazione su questa storia che sta per cominciare e che è una storia d'uomini, sia proprio una donna, e una donna ordinaria come me, tessitora. Vi posso assicurare che anche a me pare strano. Ma l'autore, per non so quale motivo, ha voluto così. (SILONE, 2001, p. 30)³⁵

Recuperando, então, essas últimas palavras – “Mas o autor, não sei por qual motivo, quis assim” –, cabe perguntar quais teriam sido os motivos que levaram Silone, em *L'avventura d'un povero cristiano*, uma “história de homens”, e mais tarde em *Severina*, a utilizar a figura feminina. Diante dessa realidade, podemos tentar duas hipóteses: nessas personagens Silone vê a figura mariana ou, tal como fez Manzoni, quer dar voz a personagens às margens da sociedade.

Na primeira hipótese, verificamos a presença de uma narradora já em sua segunda obra literária, *Vino e Pane*, em que se tem como uma

³⁴ “São homens que brigam entre si; homens da Igreja que disputam acerca do modo de entender o Evangelho e a regra estabelecida por São Francisco apenas poucos anos atrás; e às vezes esses até brigam, se batem, se excomungam.” (trad. nossa).

³⁵ “Parecerá estranho que quem dará explicações sobre a história que está por começar, e que é uma história de homens, seja propriamente uma mulher e uma mulher ordinária como eu, tecelã. Posso garantir que isso para mim também parece estranho. Mas o autor, não sei por qual motivo, quis assim.” (trad. nossa).

das condutoras da narrativa de Pietro Spina a jovem Cristina, a qual, assim como Concetta e Severina, tinha a mãe morta e contava com o pai como referência familiar. No caso de Concetta, seu pai era Matteo, que na ficção siloniana segue os ensinamentos de Celestino V. Já na tradição cristã, Mateus é um dos primeiros seguidores de Jesus Cristo. Verificando todos esses personagens, podemos entender que Silone estava dando indícios para sua derradeira obra e que teria como protagonista uma mulher? Se voltarmos um pouco na história, e sabendo da formação religiosa cristã do escritor italiano, nos reportaremos a Maria, mãe de Jesus, que tal como Concetta e Cristina também era jovem, leiga que auxiliava a Igreja. Maria, na tradição católica cristã, foi responsável por dar à luz o personagem emblemático que mudaria o curso da história e que fundaria a Igreja Católica. Concetta foi incumbida de contar os acontecimentos em volta de Celestino V. Severina, por sua vez, foi a única testemunha do assassinato de um jovem operário pela polícia, e morreria de forma semelhante.

Em se tratando da inspiração manzoniana, novamente Silone dá suporte à utilização da micro-história como recurso narrativo. Ao longo dos séculos, aprendemos a nos deparar com a história sendo contada pela visão dos poderosos, dos vencedores, dos influentes, enfim, sempre de uma minoria que detêm o poder. No entanto, como a literatura ficcionaliza o real, é lá que as massas, aqueles que ficaram aquém da história, encontram espaço para apresentarem sua visão dos fatos. Silone escrevia a história do povo humilde camponês, e, sendo assim, nada mais adequado do que utilizá-los também como protagonistas. Novamente, o texto de Silone nos remete a Manzoni, pois ele também, em *Os Noivos*, utilizou-se do recurso da “micro-história”, disfarçando, ainda, seu romance de documento escrito a partir de uma carta que teria chegado às suas mãos, contando a história de Fermo (que após a primeira versão do romance passou a se chamar de Renzo) e Lucia. O ponto de partida do romance manzoniano é, portanto, um manuscrito composto no século XVII, que “por acaso” teria chegado às mãos do escritor. Manzoni, convicto de que deveria transmitir a história contida naquele manuscrito, resolveu transcrevê-la. No entanto, devido à diferença de linguagem, do período em que foi escrito para o período no qual Manzoni estaria escrevendo, levou o escritor a reescrever a história que ficou conhecida como *Os noivos* (GHIRARDI, 2006).

Os primeiros a utilizarem o termo “micro-história” foram Carlo Ginzburg e Giovanni Levi na coleção *Microstorie* (1981/88). A micro-história consiste, então, na reconstituição dos acontecimentos (e, no nosso caso, na narrativa literária) contada pelo olhar daqueles que foram

excluídos da história oficial; dessa forma, esse ponto de vista requer uma pesquisa mais aprofundada de documentos e indícios da vida cotidiana, de fatos até, aparentemente, insignificantes. Silone, ao retornar ao Abruzzo, percorreu inúmeros locais, de bibliotecas a mosteiros, para coletar dados que pudessem dar corpo ao drama histórico de Celestino V.

O escritor, em conversa com seu amigo em Abruzzo, durante a pesquisa sobre Celestino V, já citada anteriormente, quando questionado se a partir daquele texto deixaria os romances e passaria a tratar do gênero histórico, respondeu que seu interesse era no presente, entretanto, esse presente teria raízes em um passado distante. E para reevocar esse passado, o escritor deu voz a personagens humildes que continuamente ficam aquém da história e os ficcionalizou, ferramenta essa já utilizada por Silone anteriormente. Recordemos-nos de *Fontamara*, na qual as desventuras dos fontamarezes são narradas pela voz de três *cafoni*: pai, mãe e filho.

Ainda na primeira parte de *L'avventura d'un povero cristiano*, na qual os personagens ficcionais dão tom à narrativa, deparamo-nos com Dom Costantino, pároco da localidade onde Concetta habitava. As poucas aparições do pároco estão sempre relacionadas com a divergência com os franciscanos. Na obra, Silone apresenta dois grupos de franciscanos: os conventuais e os espirituais. Os primeiros, como o nome insinua, voltaram suas práticas aos conventos e mosteiros existentes, já os espirituais, se aproximavam mais de São Francisco, no que se trata do desapego aos bens materiais:

Essi [francescani spirituali] detestano i grandi conventi [...]. Questo è anzi uno dei punti principali del loro dissenso con gli altri francescani e per questo stesso motivo, malgrado la loro devozione per fra Pietro, non entrano nella sua congregazione. Una volta che li accompagnai alla badia, suscitavano tra i monaci un putiferio assai spiacevole. Essi dicono che i grandi conventi generano fatalmente spirito di caserma e diventano centro di potere e di ricchezza, in contrasto col vero spirito cristiano. Perciò essi preferiscono piccole comunità libere, provvisorie e senza patrimonio. (SILONE, 2001, p. 36)³⁶

³⁶ “Esses [franciscanos espirituais] detestam os grandes conventos [...]. Aliás, é esse um dos pontos principais do desacordo entre eles e os outros franciscanos,

Concetta chega a indagar Dom Costantino sobre sua opinião quanto a esses grupos: qual estaria certo? Qual estaria errado? O religioso sagazmente responde que a bíblia é uma só, no entanto, há diversas formas de interpretá-la. A questão dos diferentes entendimentos sobre a bíblia também gerou discussão entre Dom Costantino e um grupo de franciscanos espirituais que estavam hospedados na casa de Matteo. Tanto os franciscanos como os beneditinos pregam a simplicidade no modo de viver; contudo, para os primeiros nem a vivência em conventos seria permitida. Novamente Silone evoca a distinção entre o que a Igreja pregava e a realidade da população.

Ao pensarmos o século XX, historicamente, temos uma Itália palco de duas grandes guerras, da ditadura de Mussolini, e que sofreu o impacto da crise econômica internacional com grave desemprego. Enfim, o povo italiano do século XX era formado por uma massa fragilizada que teve que viver em meio a situações antes impensáveis. Se de um lado a população encontrava-se lastimada, do outro, a Igreja se mostrava “aprisionada” em suas sedes. Silone e os demais intelectuais do período, diante desse quadro dissonante, tomaram a linha de frente e questionaram os atos políticos de uma instituição criada para propagar a fé por meio da esperança e da justiça social, mas estrita aliada da classe política dirigente.

Por sua vez, as pesquisas de Silone em torno de Celestino V tomam corpo na segunda parte do drama, na qual são inseridos os elementos históricos: Celestino V, seu breve mandato e o futuro Bonifácio VIII.

Silone, ao ficcionalizar Celestino V, recupera uma figura histórica que, tal como os intelectuais do século XX, também questionou a secularização da Igreja. Segundo a obra siloniana, Celestino V, primeiramente Frade Pietro Angelerio, era um humilde idoso que vivia recolhido nas montanhas do Abruzzo. De repente, a instituição católica deparou-se com a morte de seu papa, e viu-se em meio à realização de um novo conclave. As rachaduras internas da Igreja Católica

e por esse mesmo motivo, apesar da devoção deles pelo frade Pietro, não entram na sua congregação. Uma vez que os acompanhei até a abadia, suscitou entre os monges um tumulto muito desagradável. Esses disseram que os grandes conventos degeneram fatalmente os espíritos da caserna e transformam-se em centros de poder e de riqueza, em contraste com o verdadeiro espírito cristão. Por isso, preferem as pequenas comunidades livres, provisórias e sem patrimônio.” (trad. nossa).

começavam a se externalizar e os fiéis estavam se dissipando, era necessário então um papa cristão que os atraísse.

Milagrosamente, o conclave termina com Frade Pietro eleito como papa. Com a notícia, as pessoas ficaram eufóricas, pois agora sim teriam um papa que cresse. Seus colegas franciscanos descreviam-no como:

[...] egli è veramente un buon cristiano [...]. Egli è un cristiano che ha avuto la grazia di due vocazioni, e tutte e due di una forza eccezionale, direi quasi irresistibile: quella dell'eremita e quella del pastore [...]. Come eremita fra Pietro era in gioventù [...] un uomo semplicemente meraviglioso [...], un uomo felice, un uomo con l'anima in pace [...], era nato per essere guida di altri uomini. (SILONE, 2001, p. 55)³⁷

Diferentemente da euforia apresentada pelos fiéis, Frade Pietro ficou apreensivo, uma vez que sabia que sua forma de conduzir a Igreja seria diferente da maneira utilizada. Essa apreensão papal, que poderia ser a desencadeadora da renúncia, foi retratada de alguma forma no filme *Habemus Papam*. Nessa obra, lançada em 2011, portanto, antes da renúncia de Bento XVI, Nanni Moretti dá vida ao cardeal Melville, retratado como um religioso não muito presente nas hierarquias vaticanas. Com a morte do papa, os cardeais reuniram-se em conclave para a escolha do sucessor. Depois de algumas tentativas e situações que dão um teor cômico ao filme, enfim chega-se à escolha, em parte, surpreendente. O eleito, mostrando-se tenso com a escolha, não renuncia oficialmente, mas opta pela fuga.

No período em que está foragido, os demais cardeais continuam reclusos, a Santa Sé procura, sem sucesso, esconder o ocorrido, até que o eleito retorne para assumir seu posto. No entanto, a espera é mais longa do que o previsto, gerando desconfianças na população mundial. Do outro lado, assistindo pelos telejornais o desespero instalado no Vaticano, o eleito faz sessões de terapia e descobre seu verdadeiro

³⁷ “[...] ele é verdadeiramente um bom cristão [...]. Ele é um cristão que teve a graça de duas vocações, e todas as duas de uma força excepcional, diria quase irresistível: aquela de eremita e aquela de pastor [...]. Como eremita, frade Pietro, na juventude, era [...] um homem simplesmente maravilhoso [...], um homem feliz, um homem com paz de espírito [...], e que nasceu para guiar os outros homens.” (trad. nossa).

talento: ser ator. Entra para uma companhia teatral, faz amigos, mas é descoberto. Os cardeais o reconduzem para a sede vaticana e lá, no discurso de posse, ele renuncia, falando da sua impossibilidade de guiar a Igreja Católica.

Além da discussão da renúncia ao trono papal, pelo fato de o eleito não se sentir à altura de tal posto, tal como a figura histórica de Celestino V apresentou em seu discurso de renúncia, Moretti, ao posicionar lado a lado a Igreja e o teatro, traz um questionamento, já feito pelo personagem siloniano em *L'avventura d'un povero cristiano*: “*anche il papa deve fingere?*”³⁸ (SILONE, 2001, p. 94). Decepcionantemente Celestino V escuta de seu sucessor o sim como resposta. O que esperar então de uma instituição que mente para seus seguidores? A divisão, a criação de dois polos, pode ser uma das respostas.

Todavia, diferentemente do cardeal Melville, Angelerio fica recluso em pregação até o momento que surge para seguir os rituais exigidos e assumir seu posto. Nesse ponto da história, ao ser mostrado a Angelerio que ele deveria desfilar no cortejo montado em um cavalo, o papa dá sua primeira lição de humildade:

Vi ringrazio. Devo però dirvi che la mia cavalcatura preferita, quando la distanza non mi consente di camminare a piedi, è l'asino. Beninteso, nutro per il cavallo il massimo rispetto, ma ho le mie ragioni di anteporgli l'asino. Badate, non intendo stabilire una regola, né dare lezione ad altri. Ma, per ciò che mi riguarda, sente che, se cominciassi a prediligere il cavallo all'asino, le belle vesti di seta al panno ruvido, la tavola riccamente imbandita all'umile desco senza tovaglia, finirei col pensare e sentire come quelli che vanno a cavallo, vivono nei salotti e banchettano. Ora, per conto mio, non penso che una autorità religiosa abbia assolutamente bisogno di lusso per ispirare rispetto. Comunque, anche nella mia nuova condizione, io non intendo separarmi dal modo di vivere della povera gente, a cui appartengo. (SILONE, 2001, p. 75)³⁹

³⁸ “Também o papa deve fingir?” (trad. nossa).

³⁹ “Agradeço-os. No entanto, devo dizer que o meu transporte preferido, quando a distância não me permite ir a pé, é o burro. Nutro, naturalmente, pelo cavalo o máximo respeito, mas tenho minhas razões de preferir o burro. Percebam, não

O gesto de Celestino V nos faz lembrar de dois personagens da história da Igreja Católica: um precedente a Celestino e outro que apareceu séculos após sua morte. O ato de Celestino V de preferir o burro ao cavalo assemelha-se à passagem bíblica na qual Jesus Cristo, entra em Jerusalém montado em um burro e é exaltado pela multidão de fiéis. Atualmente a Igreja Católica parece estar retomando, na pessoa do pontífice Francisco, uma atitude de simplicidade. O papa Francisco, assim que assumiu o comando da Igreja, em 2013, mostrou aos fiéis seu jeito simples de ser e que tal atitude seria a marca do seu pontificado. De forma geral, Bergoglio está levando à frente reformas radicais – cujos efeitos talvez não possam ainda ser avaliados em toda sua amplitude –, que parecem recolocar a Igreja no campo puramente espiritual, abrindo mão dos privilégios temporais. Francisco preferiu roupas e adereços simples no lugar dos paramentos de ouro destinado aos papas, atitude essa também tomada na escolha de sua residência. O atual papa prega que tais gestos sejam repetidos pelos párocos e padres em suas paróquias, talvez como uma tentativa de reconduzir a religião católica ao caminho da evangelização.

Um exemplo dessa postura do atual papa verificou-se em sua visita ao Brasil, em julho de 2013, para a Jornada Mundial da Juventude. No discurso dirigido aos bispos brasileiros, Francisco propôs uma mudança na Igreja em que os sacerdotes deixem de ser “uma pessoa isolada em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para se dar aos outros”; que os trabalhos sejam mais pastorais e menos administrativos; e, ainda acrescentou, que “a Conversão Pastoral diz respeito, principalmente, às atitudes e a uma reforma de vida” (FRANCISCO, 2013). Semelhante reforma na vida dos religiosos foi proposta por Celestino V no romance siloniano, reafirmando, mais uma vez, a atualidade das instâncias que a obra de Silone problematiza. No entanto, vale ressaltar que Celestino V, ex eremita e voltado para uma fé intimista, não parecia possuir em pleno as características de um ativo reformador.

pretendo estabelecer uma regra, nem dar lições aos outros. Mas, na minha opinião, ouçam que, se eu começasse a preferir o cavalo ao burro, as belas vestimentas de seda ao pano bruto, a mesa à tábua sem toalha, terminaria por pensar e sentir-me como aqueles que andam a cavalo, vivem em palácios e fazem banquetes. Ora, por minha conta, não penso que uma autoridade religiosa tenha absoluta necessidade de luxo para inspirar respeito. Portanto, também na minha nova condição, eu não pretendo separar-me do modo simples de viver das pessoas pobres às quais pertença.” (trad. nossa).

Outro ponto do discurso papal, que vai ao encontro da filosofia de vida pregada pelo papa da grande renúncia, é a opção pela simplicidade:

Os Bispos devem ser Pastores, próximos das pessoas, pais e irmãos, com grande mansidão: pacientes e misericordiosos. Homens que amem a pobreza, quer a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida. Homens que não tenham “psicologia de príncipes”. Homens que não sejam ambiciosos. (FRANCISCO, 2013)⁴⁰

Retornando ao drama siloniano, mesmo apreensivo com a sua eleição, o eremita sabia que cabia a ele uma tentativa de tornar sua Igreja mais espiritual, logo, aceitou essa incumbência, sob o nome de Celestino V. Ao aceitá-la, é lançado sobre ele o mesmo questionamento feito a Severina: “ele crê?”, mas diferentemente da resposta obtida por Severina, sobre o novo papa, afirma-se que ele verdadeiramente crê em Deus.

Já como papa, Celestino V se vê em meio ao caos que a Igreja se tornou após quase três anos sem ter um líder. Vendo-se imerso nessa confusão, na qual até briga entre vizinhos deveria ser solucionada pelo papa, resolve chamar os cardeais para lhes passar orientações de como proceder de forma condizente ao Evangelho. Quando eles estavam todos reunidos, o papa simples se vê rodeado de homens com um grau de conhecimento muito maior que o seu, e desculpa-se por isso. Semelhante cena aconteceu com Jesus, quando tinha 12 anos e foi até o templo de Jerusalém, na festa da Páscoa, para conversar com os ditos doutores da lei. Assim como Jesus, Celestino V também não se intimidou e orientou-os a serem simples, tanto nas atitudes como nas palavras:

[...] nel predicare, se vi è possibile, cercate di essere semplici. Ah, so bene che non è facile parlare con semplicità. Per riuscirvi sarebbe necessario, questo va da sé, di essere

⁴⁰ Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>. Acesso em: 15 jan. 2015.

interiormente semplici, e la vera semplicità è una conquista assai difficile. L'intera esistenza d'un cristiano, si può dire, ha appunto questo scopo: diventare semplice. Ma se la semplicità non è ancora per qualcuno di voi un dono meritato, egli faccia almeno lo sforzo di ottenerla nel modo di esprimersi. Dunque, vi supplico paternamente di adoperare nelle vostre prediche parole che tutti capiscano. La parola di Dio si rivolge a ogni creatura e in particolare alle più umili. (SILONE, 2001, p. 83)⁴¹

Percebemos que essa humildade, tanto nas palavras, como aconselhou papa Celestino V, quanto no modo de viver, como nos dá o exemplo o papa Francisco, é uma preocupação recorrente dentro do universo católico cristão. Já no que tange à língua, como apontado no trecho acima, o Concílio Vaticano II abordou essa questão, chegando a uma resolução histórica: a liturgia realizada durante as missas deixou de ser majoritariamente em latim, para assumir a língua vernácula de cada localidade. Atitude essa que visava uma maior aproximação dos fiéis, uma vez que, agora, esses passariam a compreender melhor aquilo que lhes era pregado.

Em meio à situação na qual estava inserido, Celestino V se põe a conversar com o cardeal Caetani, com a finalidade de conseguir entender um pouco essa engrenagem complicada que se tornou a Igreja. Nessas conversas, as diferenças entre os dois tornam-se claras, Celestino, semelhante a Jesus e São Francisco de Assis, prega a simplicidade da vida segundo o Evangelho, já Caetani defende que a Igreja pela sua história e amplitude, é soberana, estando acima de todos:

*Card. Caetani. La struttura della Chiesa è monarchica.
[...]*

⁴¹ “[...] ao pregar, se vos é possível, procurai ser simples. Ah, sei bem que não é fácil falar com simplicidade. Para isso, seria necessário, e isso vem de cada um, ser simples no interior, e a verdadeira simplicidade é uma conquista muito difícil. A inteira existência de um cristão, se pode dizer, tem justamente este objetivo: tornar-se simples. Mas se a simplicidade não é ainda para algum de vós um dom merecido, ao menos fazei o esforço de tê-la na forma de expressar-se. Então, vos suplico paternalmente que conduzaís suas preces com palavras que todos entendam. A palavra de Deus se dirige a toda criatura e, em particular, aos mais humildes.” (trad. nossa).

Card. Caetani. Nessuna grande amministrazione politica militare o religiosa può essere governata come una famiglia o una piccola comunità. [...] Ogni grande amministrazione, per funzionare regolarmente, ha bisogno d'un certo numero di finzioni, senza le quali cadrebbe nel caos.

Celestino V. [...] in questioni come queste, io sono rimasto al Pater Noster e al Vangelo.

[...] Celestino V. Non è terribile che la Chiesa di Cristo sia adesso organizzata come uno Stato?

[...] Card. Caetani. Non si governa col Pater Noster. (SILONE, 2001, p. 96)⁴²

O cardeal Caetani, que mais tarde se tornou papa Bonifácio VIII, é descrito por Giancarlo Zizola, em *Il conclave: storia e segreti* (2005), como profundo conhecedor do direito canônico, mas também violento, egoísta, autoritário e desejoso pela submissão do poder imperial ao poder do papa. Essas características podem ser verificadas ao longo da obra siloniana, como no diálogo acima, no qual ambos discutem sobre a forma de conduzir a Igreja. Para Celestino V, a Igreja deve ser conduzida tendo o Evangelho como orientação, já para o cardeal, a Igreja deve ser administrada tal como uma grande instituição geradora de bens materiais.

Na citação anterior, verificamos como ficam explicitadas e resumidas por Silone duas posições que, desde sempre, conviveram dentro da Igreja: uma visão mais religiosa e outra mais pragmática e política. A Igreja católica convive em seu interior com inúmeras vertentes, cada uma pregando uma forma diferente de conduzir a fé. Na obra siloniana, por exemplo, vemos duas ordens religiosas: os beneditinos e os franciscanos. A ordem dos beneditinos pode ser definida como:

[...] a Regra beneditina, insistindo na humildade, no caráter familiar de relações de pai para filhos,

⁴² “*Card. Caetani. A estrutura da Igreja é monárquica [...]. Card. Caetani. Nenhuma grande administração política militar ou religiosa pode ser governada como uma família ou pequena comunidade [...]. Toda grande administração, para funcionar regularmente, necessita de um certo número de fingimentos, sem os quais cairia no caos. Celestino V. [...] em casos como este, eu permaneço com o Pai Nosso e o Evangelho. [...]. Celestino V. Não é terrível que a Igreja de Cristo agora seja organizada como um Estado? [...]. Card. Caetani. Não se governa com o Pai Nosso.*” (trad. nossa).

na autoridade da Regra, acentuava a caridade social, a compreensão mútua, e o progresso espiritual pelo trabalho e oração de cada dia. Esta perspectiva encorajava a nova concepção de vida religiosa como uma vocação para muitos, que era ao mesmo tempo alimentada por esta nova concepção; além disso, a Regra apresentava estruturas administrativas claras e adequadas. Explica-se deste modo seu sucesso imediato e duradouro. (KNOWLES; OBOLENSKY, 1974, p. 129)

Seguidor da Regra de São Bento, Celestino V tentou aplicá-la durante seu papado. Por outro lado, também se faz referência à obra aos franciscanos: semelhante aos beneditinos e seguidores de São Francisco de Assis, eles pregavam o desprendimento dos valores do mundo terreno por uma vida simples, pautada na caridade, pobreza e humildade.

Celestino V, vendo-se incapaz de conduzir a Igreja Católica, consulta o cardeal Caetani sobre a possibilidade de um papa renunciar, recebendo a resposta positiva do cardeal, o qual escreveu o texto a ser lido na renúncia (DUFFY, 1998). Pietro Angelerio convoca, então, os demais cardeais e, em 13 de dezembro de 1294, quatro meses após sua posse, renuncia ao papado⁴³. Após a renúncia, o agora Pier Celestino, ingenuamente, pensa que poderá deixar a Igreja e, junto com os seus frades amigos, voltar para sua vida nas montanhas do Abruzzo, para dar continuidade à vida eremita. No entanto, a população não consegue compreender o fato de que a Igreja, a partir daquele momento, passaria a coexistir com dois papas: Celestino V, que renunciara, e Bonifácio VIII, antigo cardeal Caetani. Bonifácio VIII, diante da cisão existente na Igreja, tem medo de que os Colonna, família que apoiava Celestino V, não o reconheça como papa. Diante disso, propõe uma caçada a Pier Celestino que, por sua vez, tenta em vão se esconder. Celestino é capturado e preso. Já no cárcere, Pier Celestino e Bonifácio VIII têm seu último diálogo:

Pier Celestino. [...] Io sono atterrito dalla crescente secolarizzazione della Chiesa di Cristo. Essa è irriconoscibile.

⁴³ O discurso de renúncia do papa Celestino V será trabalhado no último capítulo.

Bonifazio VIII. Non vi rendete conto che, oggi come oggi, la Chiesa non può ritirarsi dalla scena politica e rimanere inerte? Dove andrebbe a finire l'Europa senza un nostro coraggioso intervento? Dove andrebbe a finire la Cristianità? Prima che sia troppo tardi, la Chiesa deve rivendicare ex cathedra la sua superiorità su tutti gli ordinamenti umani. Badate, nessun teologo mette in dubbio la legittimità di questo atteggiamento. Cristo ci ha affidato la "potestas legandi atque solvendi in coelo et in terra": la potestà di legare e sciogliere in terra e in cielo. San Paolo l'ha ribadito con formula lapidaria nell'Epistola ai Romani: "Omnis potestas a Deo": ogni potere a Dio. Se la società umana è una, come sarebbero concepibili poteri separati? Alla Chiesa, come diretta emanazione della volontà divina, spettano pertanto ambo le spade: la spirituale, ch'essa impugna direttamente con mano sacerdotale, e la temporale, ugualmente pro Ecclesia, ch'essa affida ai re e ai militari degni della sua fiducia. Pier Celestino. [...] sono diventato più cosciente di quanto non lo fossi nel passato, che la radice di tutti i mali, per la Chiesa, è nella tentazione del potere. (SILONE, 2001, p. 159)⁴⁴

No trecho do diálogo selecionado torna-se evidente o quão diferente era a forma de compreender a função da Igreja, mas também

⁴⁴ “*Pier Celestino*. Eu estou perplexo com a crescente secularização da Igreja de Cristo. Essa está irreconhecível. *Bonifazio VIII*. Não percebe que, hoje, a Igreja não pode retirar-se da cena política e permanecer indiferente? Como ficaria a Europa sem uma nossa corajosa intervenção? Onde iria parar a Cristianidade? Antes que seja tarde, a Igreja deve reivindicar *ex cathedra* a sua superioridade sobre todas as orientações humanas. Veja, nenhum teólogo tem dúvida sobre a legitimidade dessa afirmação. Cristo deixou a “potestas legandi atque solvendi in coelo et in terra”: o poder de ligar e desligar na terra e no céu. São Paulo o confirmou com sua Epístola aos Romanos: “Omnis potestas a Deo”: todo poder a Deus. Se a sociedade humana é uma, como seriam concebíveis poderes separados? À Igreja, como direta emanção da vontade divina, cabe, portanto, as duas espadas: a espiritual, que é impunhada diretamente pelas mãos sacerdotais, e a temporal, igualmente *pro Ecclesia*, que é confiada aos reis e militares dignos de sua confiança. *Pier Celestino*. [...] tornei-me mais consciente de que, no caso da Igreja, a raiz de todos os males está na tentação do poder.” (trad. nossa).

fica claro que essa diferença inicia-se com a opção, de alguns, pelo poder. Essa dicotomia de pensamentos da Igreja, segundo o apóstolo São Paulo em sua carta aos Tessalonicenses, seria a responsável pela segunda vinda de Cristo, e que teria como função tornar claro esses dois lados, para que, com o retorno de Jesus, o mal fosse extirpado. São Paulo, como discutiremos mais a fundo no próximo capítulo deste trabalho, pregou em sua carta que o personagem central do cristianismo, Jesus Cristo, iria retornar uma segunda vez, com a intenção de que, ao emergir o mal no interior da Igreja, este pudesse ser atacado e vencido. No entanto, essa vinda estaria sendo retardada por uma força, o *katechon*.

Em *L'avventura d'un povero cristiano* Silone revela sua opinião e consequente atitude diante da cada vez mais secularizada Igreja Católica. O escritor compartilha do pensamento de Celestino V e possivelmente compactuaria também do pensamento do papa Francisco, de que a Igreja deve pautar-se em três pressupostos: humildade, simplicidade e o não envolvimento com o poder temporal, pressupostos esses que são atribuídos pelos Evangelhos canônicos à figura de Jesus Cristo. E a atitude de Silone, diante dessa diferença entre o que deveria ser a religião católica e o que ela estava se tornando, foi a de se afastar. O escritor dizia que era um cristão sem igreja e um político sem partido, justamente pelo fato de não reconhecer mais nesses os princípios que o levaram um dia a estar com eles. O escritor abruçês utilizou-se da trajetória do personagem histórico Celestino V e do seu ato, conhecido como a grande renúncia, como formas de exemplificar uma reflexão a ser feita por aqueles que se afastaram da Igreja, mas também para aqueles que continuam próximos dela: a não terem uma fé ingênua. Silone afastou-se daqueles e daquilo que amava, por diversas vezes durante sua vida: de seus pais, do Abruzzo, da Igreja, de seu irmão, do Partido Comunista. Em *Severina*, continua a mostrar essa ação de apartar-se de algo.

3.2. SEVERINA E A URGÊNCIA DA ATUALIDADE

Na obra *L'avventura d'un povero cristiano*, Silone parte de Roma para uma pesquisa histórica no Abruzzo, com o objetivo de recuperar a trajetória de Celestino V. Durante o período da pesquisa, além de coletar material para sua obra, revive os fantasmas de outrora, ao lembrar de seu percurso, que o obrigou a afastar-se de sua terra natal. A sua intenção não era fazer de seu texto uma biografia dramática

do papa da grande renúncia, mas chamar a atenção para a história cíclica da Igreja Católica, para o fato de que os eventos que levaram um papa a renunciar no século XIII seriam os mesmos que durante o século XX suscitaram questionamentos por parte dos intelectuais, culminando novamente, no século XXI, com uma renúncia.

Contudo, após uma obra de cunho histórico, embora dialogando com o presente, Silone voltou à atualidade em seu último romance, *Severina*. Uma atualidade que reflete o período turbulento da história italiana, assinalado pelas greves estudantis e operárias.

Segundo Belpoliti (2010), os anos de 1970 são marcados, em específico, por duas situações importantes: a crise econômica, que freou a industrialização dos países europeus, e o caso Moro. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os países envolvidos no confronto encontravam-se fragilizados. A partir deste ponto, iniciou-se o processo de reestruturação desses países, que pouco a pouco foram reestabelecendo seu equilíbrio e desenvolvendo-se. No entanto, em 1970, com a Europa em plena expansão, a economia mundial foi abalada pela desvalorização do dólar, moeda utilizada nas transações econômicas, e a crise do petróleo, originada pelos aumentos constantes, oriundos das disputas travadas entre os países árabes contra Israel. Diante desse cenário, a Europa se estagnou, indústrias fecharam e o desemprego bateu à porta dos jovens e das mulheres.

Também na década de 1970, além da crise econômica, a Itália foi palco para fermentos ideológicos e sociais, terrorismos políticos, greves, atentados, que alcançaram seu ápice com o caso Moro. Aldo Moro foi um político católico italiano, pertencente ao Partido Democracia Cristã, exercendo o cargo de Primeiro Ministro Italiano por 5 vezes, no período de 1963 a 1976. Em março de 1978, no dia da posse de Giulio Andreotti, também da Democracia Cristã, Moro, então presidente do Partido, dirigia-se para a cerimônia de posse em Roma, quando seu carro foi interceptado por membros do grupo terrorista italiano Brigate Rosse, que sequestraram o homem político. Os Brigate Rosse tinham como objetivo do sequestro possuir um trunfo para exigir a libertação de presos políticos. No entanto, após quase dois meses de sequestro e sem chegar a um acordo, o grupo terrorista assassinou Aldo Moro. Os motivos que levaram a essa falta de acordo ainda hoje geram desconfiças.

Diante desse panorama histórico, Silone escreve sua última obra. Segundo informações contidas nos paratextos de *Severina*, escritos pela esposa de Silone, Darina, o escritor começou a escrita de seu último romance em junho de 1977, período no qual se encontrava em Fiuggi

(Itália) para o reestabelecimento de sua saúde, após uma doença que lhe havia afetado o cérebro e conseqüentemente a capacidade para criar seus textos. Daí o motivo pelo qual a obra foi por tantas vezes adiada. Durante dois meses em Fiuggi, Silone teria escrito os capítulos 1, 2 e 3, cessando a escrita na seqüência e só retornando em 1978, entre os meses de março e abril, durante sua internação em Genebra (Suíça). Aliado à doença, que afetava o pensar e a escrita, havia os problemas pulmonares, que acompanharam Silone durante toda a vida (SILONE, 2011).

Quando Darina o indagava sobre o processo de escrita de *Severina*, ele continuamente afirmava que a obra estava quase pronta, que faltavam poucos detalhes para finalizar. No entanto, após a sua morte, o que Darina encontrou de *Severina* foram apenas rascunhos. Rascunhos esses que, com a ajuda do crítico Geno Pampaloni, foram organizados e postumamente publicados. Sobre a obra, Darina comenta: “*la pubblicazione di questo testo può avere qualche valido interesse come documento della lotta di uno scrittore con la morte*”⁴⁵ (SILONE, 2011, p. 131).

Diferentemente de *L'avventura d'un povero cristiano*, no qual Silone foi a campo para realizar sua pesquisa, *Severina* foi escrita em reclusão, em que a única ligação do escritor com o mundo foi sua esposa, que lhe trazia os materiais de apoio. Darina pode ser considerada como coautora de *Severina*, pois seu trabalho começou muito antes da morte do esposo. Entretanto, apesar dos esforços tanto do escritor como do estímulo de Darina para o texto final do último romance siloniano, *Severina* é obra inacabada, possivelmente longe da que teria sido a versão final de Silone, mas que aqui será trabalhada com valor sobretudo documental. Segundo Darina, a inspiração para *Severina* foi a obra francesa, *Attente de Dieu* (1942) de Simone Weil. O livro foi um presente dela ao marido no Natal de 1950. A obra de Weil, juntamente com a *Bible de Jérusalem* e a tradução em alemão de Martin Buber do Velho Testamento, acompanharam o escritor ao longo do processo de escrita de *Severina*.

Attente de Dieu, em português *Espera de Deus*, é uma reunião de correspondências entre Simone Weil e o padre Joseph-Marie Perrin, religioso que sugeriu a Weil que se batizasse; atitude à qual, no entanto, ela se recusou. Nessas cartas se debate o tema da percepção de que a criação não foi uma expansão dos poderes divinos, mas sim uma

⁴⁵ “A publicação desse texto pode ter algum interesse válido como um documento da luta de um escritor contra a morte.” (trad. nossa).

renúncia⁴⁶, um sinal de humildade de Deus, uma vez que esse deixou de ser único, para compartilhar de sua existência com outras criaturas. Silone também possuía uma relação estreita com um padre, Dom Orione, com ele o escritor também trocou cartas. Sinais dessa amizade estão registrados na obra *Uscita di sicurezza*, que serviu para sacramentar o afastamento de Silone do Partido Comunista.

Severina, protagonista dessa última obra siloniana, era uma jovem freira que lecionava literatura na escola dirigida pelo convento. Eis que um dia, quando voltava de uma aula de catequese dada na Igreja próxima ao convento onde residia, a freira presenciou um assassinato. O assassinado era um jovem operário que estava reunido em uma fábrica desativada, possivelmente para planejar uma greve, quando a polícia invadiu o local, rendeu-o, espancou-o e levou-o já morto para a praça.

Severina foi a única testemunha ocular do ocorrido. Ao saber disso, a Madre Superiora, responsável pela direção do convento, informou a jovem de que ela deveria prestar um depoimento, mas não conforme o que tinha ocorrido na realidade, e sim segundo as orientações dela, de um outro padre e da própria polícia. A orientação dada por esses era que Severina testemunhasse contra o jovem assassinado, afirmando que fora ele quem teria incitado a polícia a agir em legítima defesa, e obrigando-a a assassiná-lo.

A jovem freira, perplexa com a orientação da Madre Superiora, disse que não mentiria e contaria somente aquilo que presenciou, por mais que isso fosse gerar desconfortos. No dia marcado para o depoimento, Severina se pôs diante do delegado, na mesma praça onde ocorreu o delito, sob o olhar atento de vários espectadores e, contrariando as orientações recebidas, relatou os fatos tais como eles sucederam. Ao terminar o depoimento, Severina voltou à reclusão do convento e por lá permaneceu enclausurada por meses, sem se manifestar.

Após o depoimento, há um salto na história, justificado por uma doença que acometeu Severina após o acontecido, fragilizando-a e fazendo com que permanecesse reclusa. No ponto a partir do qual a história é retomada, Severina já estava certa de sua atitude, de abandonar o convento, a vida religiosa, e retornar para a casa paterna. Esse afastar-se da carreira religiosa, tal como em *Attente de Dieu*, pode ser considerado uma renúncia, não como um ato covarde, mas uma maneira de conservar os preceitos que um dia a conduziram à vida

⁴⁶ A temática da renúncia e esperança será tratada com mais ênfase no último capítulo deste trabalho.

religiosa. Essa renúncia foi um gesto de humildade perante a sua fé. Humildade essa que, como visto, fora pregada por Celestino V no momento de sua entronização como papa.

Na “Presentazione” da obra siloniana, Geno Pampaloni relembra que, apesar de ter ficado conhecida como *Severina*, a obra tinha como título original *Speranza di suor Severina*:

Per Silone [...] la speranza è l'estremo residuo cristiano in un mondo che ha perduto la fede e rinnegato la carità; non è una virtù di gioia, fresca e inventiva, ma una virtù di resistenza, l'ultima luce o prova del non arrendersi; è il lascito cristiano al laicismo contemporaneo, o se si vuole il momento religioso della coscienza laica, analogamente a quanto suggeriva Benedetto Croce (in un frammento ricopiato da Silone tra i suoi appunti di lavoro per La speranza di suor Severina), essere la libertà la forma moderna del cristianesimo. (PAMPALONI, 2011, p. 12)⁴⁷

Silone fez com que o pensamento mostrado nesse trecho transparecesse em sua última obra. O escritor, tal como sua jovem freira, renunciou a sua religião, na esperança de vê-la novamente seguindo conforme o Evangelho. Com tantas fissuras na Igreja Católica, ocasionadas pela constante busca da expansão e manutenção de seu poder temporal, os fiéis tinham a esperança, como último recurso, para que esse panorama se modificasse. Tanto Silone como seus personagens Celestino V e Severina renunciaram à religião que os conduzia, mas na esperança de que um dia ela se converteria e voltaria a exercitar uma função social importante. E foi essa esperança que os guiou até o fim de seus dias.

Se voltarmos nosso olhar à personagem Severina, perceberemos que ela é a primeira protagonista do universo romanesco siloniano.

⁴⁷ “Para Silone [...] a esperança é o extremo resíduo cristão em um mundo que perdeu a fé e renegou a caridade; não é uma virtude de regozijo, fresca e inventiva, mas uma virtude de resistência, a última luz ou prova do não render-se; é o legado cristão ao laicismo contemporâneo ou se se prefere, o momento religioso da consciência laica, análogo ao que sugeriu Benedetto Croce (em um fragmento copiado por Silone entre seus apontamentos de trabalho para *La speranza di suor Severina*), ser a liberdade a forma moderna do cristianismo.” (trad. nossa).

Silone, ao longo de suas obras, sempre apresentou mulheres fortes, que orientaram os rumos de seus protagonistas, por exemplo, a Elvira de *Fontamara*, Cristina e Bianchina em *Vino e Pane*, Maria Vincenza de *Il seme sotto la neve*, Concetta de *L'avventura d'un povero cristiano*; no entanto, nenhuma dessas teve o mérito de ser protagonista. Então, por que Severina foi a escolhida? Sobre essa escolha, Darina comenta:

Ricordo, infine, un fatto storico a sostegno della mia convinzione che Severina si identifica con l'autore stesso, che Severina è il suo ultimo messaggio. Nel maggio del 1927, a Mosca, Silone rifiutò di testimoniare contro la propria coscienza, e questo rifiuto finì col portarlo fuori di quel Partito che per lui rappresentava ciò che per Severina era il convento che lei abbandonò dopo aver testimoniato la verità. (SILONE, 2011, p.22)⁴⁸

Verifica-se então, segundo Darina, que Severina carrega consigo a marca autobiográfica de Silone. Autobiografia que também foi apontada em outras obras silonianas, como foi o caso de Pietro Spina. No entanto, também procede a hipótese de que a protagonista de Silone fosse influência da admiração que nutriu nesse período pela escritora Simone Weil.

Simone Weil nasceu em Paris, em 1909, e, embora seu pai, médico, pudesse lhe proporcionar uma vida confortável, decidiu se engajar nas causas sociais. Tal como a personagem Severina, a escritora “tinha vocação para a pobreza”. Durante sua infância, Weil já deu os primeiros sinais de que não seria indiferente aos sofrimentos, pelo contrário, quis vivê-los para ter dimensão real das necessidades do povo parisiense. Com 12 anos, fugiu de casa para participar de uma manifestação operária, e durante a sua trajetória, mesmo não se envolvendo na política partidária, buscou defender aqueles que a sociedade desconsiderava.

⁴⁸ “Lembro, enfim, um fato histórico para sustentar minha convicção de que Severina se identifica com o seu próprio autor, que Severina é a sua última mensagem. Em maio de 1927, em Moscou, Silone se negou a testemunhar contra a própria consciência e, essa negação acabou por colocá-lo para fora do Partido, que, para ele, representava a mesma coisa que o convento para Severina, o qual ela abandonou depois de testemunhar a verdade.” (trad. nossa).

Participou da Guerra Civil Espanhola, trabalhou como professora, na linha de montagem da indústria automobilística, na lavoura, e sempre optando pela pobreza. Destinava a maior parte de seu salário em favor dos mais pobres. Durante sua participação na Resistência Francesa, ocorrida em Londres, foi acometida pela tuberculose, recusando-se a receber o tratamento médico adequado, justificando que muitos que se encontravam naquele estado não recebiam a assistência necessária. Assim, morreu pouco tempo depois (BOSI, 1982).

Weil e Severina em muito se assemelham, pois ambas participavam de passeatas a favor do trabalho, eram professoras e morreram jovens. Simone Weil, em vida, não publicou nenhuma obra; no entanto, suas anotações lhe renderam notoriedade no mundo literário. Além da atuação no campo social, Weil, vinda de família judia, porém não praticante, tinha sua opinião precisa sobre a Igreja, sendo profunda conhecedora da trajetória de São Francisco de Assis e não aceitando o fato de a Igreja ser vista como uma instituição portadora de prestígio (BOSI, 1982). Possivelmente, essa trajetória totalmente engajada exerceu influência na escrita siloniana, que ficcionalizou Weil por meio de Severina.

A narrativa siloniana transcorre em volta de protestos operários e estudantis, que detonam um processo de crise de consciência na jovem freira. A crise de consciência de Severina, oriunda das atitudes incoerentes de alguns membros da Igreja Católica, tornam-se explícitas ao longo da obra, por meio dos diálogos entre ela e Dom Gabriele.

Dom Gabriele fora por muito tempo o diretor espiritual do convento onde Severina morava; no entanto, devido à sua indisposição para certos rituais católicos, foi afastado, mas o respeito que se tinha por ele ainda existia. O primeiro contato de Severina com Dom Gabriele, segundo a narrativa, aconteceu na ocasião da morte da mãe do padre, quando a jovem, acompanhando outra freira, Gemma, fez-lhe uma visita de condolências. Durante a visita, o padre empresta alguns livros para Severina. Depois desse encontro, ambos voltam a se ver somente após o reestabelecimento de saúde de Severina. Nesse encontro, Severina questiona Dom Gabriele: “*Lei dunque non crede?*”⁴⁹, e ele responde: “*No, non più*”⁵⁰ (SILONE, 2011, p. 53). Severina também não, mas, como então continuar freira, sem crer? A jovem opta pela renúncia.

⁴⁹ “Então o senhor não crê?” (trad. nossa).

⁵⁰ “Não, não mais.” (trad. nossa).

As diferentes concepções dentro da religião católica igualmente marcam os diálogos entre Severina e a Madre Superiora. A primeira, uma jovem noviça, órfã de mãe, considerada obediente no convento onde vivia, ensinava latim e literatura italiana. Já a segunda era responsável pela condução do convento. E em nome de gerir o convento, ficava do lado do poder. Tal atitude levou a jovem Severina a decepcionar-se com a igreja à qual servira.

Em meio a essa decepção, Severina encontra alento nas conversas com Dom Gabriele, diretor espiritual da instituição. Todavia, Dom Gabriele também não era visto com bons olhos pelos demais religiosos, e tido como uma espécie de anárquico, “è malvisto al Provveditorato, è considerato un anarchico, o qualcosa di simile, non so” (SILONE, 2011, p. 35)⁵¹. Tal desconfiança faz com que se assemelhe muito a outro personagem siloniano, Dom Benedetto, de *Vino e Pane*. Ambos os personagens, de fato, foram afastados de suas atribuições religiosas devido a atitudes que não condiziam com o pensamento de alguns que estavam acima deles.

Se a esperança do povo residia no fato de Celestino V ser um papa que acreditava em Deus, o mesmo não se pode concluir de Severina e Dom Gabriele. Em um dos diálogos com Severina, Dom Gabriele diz:

Poco prima della morte di mia madre mi recai dal vescovo per rivelargli la verità del mio animo. Non credo, gli dissi; la fede cattolica mi appare una finzione inaccettabile. Il vescovo convocò mia madre e fu un incontro tempestoso. Avessi aspettato un po', avrei almeno potuto risparmiarglielo, ma come prevedere la sua morte imminente? Alla fine fu stabilito un compromesso: nella speranza di un ritorno della fede mi sarei astenuto dall'esercizio delle funzioni sacri. Il ritorno della fede, come previsto, si è fatto attendere invano.

[...]

Anch'io da molto tempo non credo in Dio. Forse non ci ho mai creduto. (SILONE, 2011, p. 56)⁵²

⁵¹ “É mal visto pelo *Provveditorato*, é considerado um anárquico, ou qualquer coisa de similar, não sei.” (trad. nossa).

⁵² “Um pouco antes da morte de minha mãe, recorri ao bispo para revelar-lhe a verdade sobre meu ânimo. Não creio, lhe disse; a fé católica me parece um fingimento inaceitável. O bispo convocou minha mãe e foi um encontro

O crer, seja por sua presença, como é o caso de Celestino V, ou por sua ausência, como verifica-se em Severina e Dom Gabriele, é um traço marcante nessas duas últimas obras silonianas, nas quais o catolicismo é ponto de partida. Crendo eles ou não, a esperança também é marca na trajetória desses personagens.

Severina então sai do convento e muda-se para a casa de seu pai, Dom Fulgenzio. Na retomada da nova vida, Severina não consegue um local para lecionar e, em meio às idas e vindas, à procura de emprego, conhece dois jovens estudantes, Elena e Lamberto. Elena e Lamberto apresentam à Severina a vida dos jovens militantes, uma outra forma de auxílio às classes menores; pois, tanto a vida religiosa quanto o magistério são maneiras encontradas por ela para ajudar aqueles que mais necessitam. Severina então é convidada a participar de uma passeata pacífica, mas mal sabia que lá iria se deparar com aquilo que a levaria ao fim de sua luta.

Durante a passeata, devido à grande multidão, a polícia, que pacificamente acompanhava os manifestantes, ao sentir que estava perdendo o controle diante da aglomeração, resolve agir de maneira enérgica. A inexperiência faz com que Severina se disperse do grupo de conhecidos, ficando sozinha na multidão. Em seguida, ao avistar Elena, sente que algo lhe atinge, e imediatamente cai desfalecida no chão.

Já no hospital, Severina pede ao seu pai que, caso ela morra, sabendo da existência, no local, de uma equipe referência no transplante de córnea, sejam retirados seus olhos, para serem transplantados. A resolução de Severina foi despertada na ocasião em que ela procurava um local para dar aulas, e entre os locais visitados havia um instituto para cegos. Dom Fulgenzio promete à filha que seu desejo será cumprido, lhe beija comovido e encerra-se a conversa.

Nesse momento, Dom Gabriele chega ao hospital para visitar Severina, e ambos se encontram pela terceira e última vez. Dom Gabriele se dirige ao quarto e ocupa o posto próximo a ela. Durante a conversa, chega também a freira Gemma, que se ajoelha próximo ao leito de Severina e a questiona: “*Tu credi ancora?*”⁵³, e a jovem

tempestuoso. Se eu tivesse esperado um pouco, poderia tê-lo poupado, mas como prever sua inesperada morte? No fim, foi estabelecido um compromisso: na esperança de um retorno da minha fé, me absteria do exercício das funções sacras. Pelo retorno da fé, como previsto, a espera foi em vão [...]. Também eu, há muito tempo, não creio em Deus. Talvez nunca acreditei.” (trad. nossa).

⁵³ “Tu crês ainda?” (trad. nossa).

responde: “*Spero, suor Gemma, spero. Mi resta la speranza*”⁵⁴ (SILONE, 2011, p. 127). E com essas palavras a vida de Severina chega ao fim. O crer, supostamente, não existia mais na jovem, no entanto, o sentimento de esperança ainda permeava sua existência.

Na ocasião da eleição de Celestino V, o enviado do imperador à habitação do papa questionou sobre a crença do novo eleito. Em outro momento, novamente o povo, ao saber da eleição, fica esperançoso, uma vez que, com Celestino, V eles teriam um papa que cresse. Mas qual a carga de significados que Silone quis trazer em torno do crer? O que significa uma Igreja ser conduzida por pessoas não crentes? Supostamente, Silone queria mostrar com isso que o sentido da Igreja de Roma foi deturpado ao longo dos tempos, por ter à sua frente pessoas que não eram mais crentes. No entanto, o escritor não as julga. Talvez o pecado dessas pessoas fosse não ter a atitude humilde, tal como Severina, de não ter a consciência de não crer mais e renunciar a tudo aquilo.

Se em *L'avventura d'un povero cristiano* temos a trajetória árdua de Celestino V, que foi morto por defender uma Igreja mais espiritual, convicta em seguir os ensinamentos de Cristo, em *Severina* também vemos a pobre cristã que, tal como Celestino, foi perseguida por almejar uma instituição mais comprometida com sua origem e com uma ação verdadeiramente social. Tanto Celestino quanto Severina apresentam histórias de vida parecidas, que têm seus pontos de contato por diversas vezes. Em ambos, a inclinação a ajudar os mais necessitados faz com que eles optem pela vida religiosa. Os dois são colocados à prova pela instituição que acreditavam pudesse ajudá-los em sua tentativa de humanizar um pouco mais o mundo à sua volta.

Celestino é posto à prova e, quando eleito papa, se nega, por diversas vezes, a seguir com as mesmas atitudes que seus antecessores iam tomando. Severina também é posta à prova quando, após presenciar o assassinato do jovem operário, mesmo com orientações expressas da sua Madre Superiora para mentir sobre o ocorrido, se nega a cometer tal ato. Celestino V renuncia ao papado, Severina renuncia à vida religiosa.

Celestino V e Severina são utilizados por Silone para representarem como, segundo o escritor, a Igreja Católica deveria ser conduzida, mas também nos revela a atitude esperada pelos fiéis. E as características desses personagens nos remetem ao protagonista da Igreja, Jesus Cristo. Como visto anteriormente, Simone Weil ressalta a atitude generosa de Deus ao expandir-se por meio da inserção de seu

⁵⁴ “Espero, irmã Gemma, spero. Resta-me a esperança.” (trad. nossa).

filho em meio aos homens. O Jesus apresentado pelas narrativas religiosas aceita essa missão e passa a pregar o espírito de humildade entre os habitantes da Terra. Jesus pregou a importância de crer, mesmo nas situações mais adversas, tal como Tomé, que deveria crer na ressurreição de Cristo, ainda sem ver as chagas da crucificação. Jesus pregou a esperança quando aceitou morrer na cruz para que os homens fossem perdoados e imbuíu nesses a esperança de que um dia ele ressuscitaria. Jesus ensinou a renunciar, mesmo quando esse ato parecia impossível, assim como o fez no deserto ao recusar as tentações do demônio.

O escritor abrucês, possivelmente, tinha em mente que tanto o poder espiritual quando o temporal deveriam coexistir, mas sem que um interferisse na condução do outro. Fato esse que, tal como a história mostrou, não ocorria, tornando, ao contrário, essa junção de poderes prejudicial. Se voltarmos nossa atenção às obras silonianas que servem de *corpus* para esta pesquisa, verificaremos que elas exemplificam o exposto por Rancière (2005), uma vez que Silone problematiza os fatos do cotidiano por meio da ficcionalização do real, forma essa que Rancière apresenta como necessária para refletir sobre algo. Silone, com *L'avventura d'un povero cristiano* e *La speranza di suor Severina*, ficcionalizou a situação na qual se encontrava a Igreja Católica, para justamente propor uma reflexão sobre o envolvimento dela nas questões terrenas. Dessa forma, tornou suas obras eficazes politicamente, ao recorrerem ao poder representativo da literatura nas suas interseções com a história e com a atualidade.

Rancière ainda acrescenta, ao conceituar a escrita como uma forma utilizada pelo autor, a expressão de seu pensamento político. Silone, descontente com as atitudes secularizadas da Igreja Católica, propõe, com a ficção, uma Igreja dissociada do poder temporal e que propague uma religião mais desapegada, tal como pregado pelas ordens beneditinas e franciscanas, que permeiam *L'avventura d'un povero cristiano*. Ideal de religião, esse, semelhante aos valores comunistas, dos quais o escritor abrucês também tinha vasto conhecimento, adquirido pela sua vivência partidária.

4 O PODER DA IGREJA CATÓLICA NA REPRESENTAÇÃO SILONIANA

4.1 A IGREJA CATÓLICA NA SUA RELAÇÃO COM O PODER

O escritor abrucês teve seu primeiro contato com a religião quando ainda era uma criança em seu ambiente familiar, na religiosidade de sua mãe. Com o terremoto de 1915, o padre Dom Orione foi até o local do desastre para prestar auxílio aos órfãos, dentre os quais estavam Silone e Romolo. Dom Orione acolheu Silone em seu instituto em Roma e a admiração do escritor por esse homem ficou evidenciada no texto “Un incontro con uno strano prete”, em *Uscita di sicurezza*. Esses são apenas dois exemplos da trajetória de vida siloniana que o aproximaram da religião católica. Proximidade essa que teve como uma das consequências, a ficcionalização, por Silone de personagens e elementos religiosos.

Em *Fontamara* há, por exemplo, Dom Abbacchio, um pároco, isto é, um típico representante da instituição religiosa local, que, nos moldes da figura de Dom Abbondio, de *Os noivos*, entretém relações pacíficas e até de convivência com as altas esferas do poder político da região. Um caso, portanto, de Igreja submetida a interesses políticos e pouco preocupada com as reais exigências da massa mais humilde, que quase não tem voz na estrutura hierárquica social. A esse respeito, é interessante lembrar o episódio da recusa de Dom Abbacchio em celebrar uma missa a pedido desses moradores, se não em troca de um valor de dinheiro mais alto.

No segundo romance siloniano, *Vino e Pane*, as figuras religiosas que se destacam são Paolo Spada e Dom Benedetto. O primeiro é Pietro Spina travestido de padre. O disfarce, como já visto, no capítulo “Ignazio Silone: uma trajetória do fascismo ao pós guerra”, foi necessário, uma vez que ele havia voltado clandestinamente à Itália, depois de ter sido exilado pelo regime fascista devido a sua atividade política. Paolo Spada foi um padre que, apesar da debilitada saúde, chamou a atenção pela sua generosidade para com os fiéis. Postura que logo fez com que as atenções se voltassem para si e seu disfarce fosse descoberto. A outra figura religiosa marcante nesse romance é Dom Benedetto, padre idoso e professor de Pietro Spina na época de colégio. Dom Benedetto vivia com sua irmã e não mais lecionava, nem exercia seu sacerdócio. A sua postura o faz aproximar-se de um outro personagem siloniano, Dom Gabriele, de *Severina*. A obra *Vino e Pane* também é habitada por diversos outros personagens que optaram por

seguir a vida religiosa, como Frate Gioacchino, Dom Piccirilli e Dom Angelo Girasole.

Nesse romance não só merecem destaque os personagens que optaram por seguir a vida religiosa, mas também outros nos quais a fé aparece como um alicerce para seguirem adiante. Por exemplo, a jovem Cristina, que dedica a sua vida a cuidar de seus parentes mais idosos. Ela estava prestes a entrar para o convento, quando a morte de seu pai a fez, de forma generosa, permanecer cuidando da família. A dedicação ao outro a impulsionou à procura, em meio às montanhas cobertas de neve, de Paolo Spada, o que culminou com sua morte.

Silone teve como marca ao longo de suas obras literárias a utilização de personagens atrelados à Igreja Católica, por meio de padres, freiras e dos próprios fiéis. Esses personagens no universo ficcional tiveram a função de materializar, por meio de sua postura e de suas atitudes, a decepção, mas ao mesmo tempo a esperança de um escritor frente a uma instituição histórica e, agora, fortemente secularizada. Claudio Marabini, na “Introdução” a *L'avventura d'un povero cristiano*, diz: “*Silone postula un cristianesimo ‘demitizzato’ e sciolto dai legami temporali, frustra le gerarchie, afferma che l’utopia è il rimorso della Chiesa, indica nella Storia e nella Profecia la sua natura ‘bipolare’*” (MARABINI, 2001, p. VII)⁵⁵. Para Marabini, o escritor abrucês queria uma Igreja liberta de todos os aparatos mitográficos e, ao mesmo tempo, liberta das raízes secularizadas que a tornaram uma instituição poderosa e vazia. Silone propõe uma religião desmistificada, justamente para não mais ter encobertas suas ações, entende que a Igreja deve ser uma instituição transparente. E para que essa conversão seja possível, é necessária uma desvinculação do Estado, desvinculando-se o poder temporal do poder espiritual, pondo fim à subordinação de um ao outro. Nesse sentido, o refúgio na utopia seria o remorso por ela não ter realizado concretamente seu ideal, e conseqüentemente, como visto tanto na História como na Profecia, o caráter bipolar da Igreja. Na História, inúmeros são os relatos que põem frente a frente duas Igrejas distintas, como a que foi proposta por Celestino V e aquela de Bonifácio VIII. Já na profecia de São Paulo, como veremos adiante, essa natureza bipolar também pode ser encontrada. Dessa forma, pode-se concluir que a visão siloniana é a de

⁵⁵ “Silone postula um cristianismo ‘desmistificado’ e distante das relações temporais, fustiga as hierarquias, afirma que a utopia é o remorso da Igreja, indica na História e na Profecia a sua natureza ‘bipolar’.” (trad. nossa).

uma Igreja sóbria, popular, ágil, com seu ofício descompromissado com o poder temporal.

Outra questão importante e extremamente estimulante perpassa, possivelmente, pela estética sioniana. É sabido que na Bíblia, São Paulo, em sua Segunda Carta aos Tessalonicenses, conta que a segunda vinda de Cristo acontecerá quando o mal nascer dentro do corpo da Igreja, formando uma massa convencionalmente chamada de Anticristo que enfrentará Deus, o qual, com seu poder, extirpará o mal. As interpretações dessa carta foram feitas ao longo da história, dentre outros, por Ticônio e Santo Agostinho, e, mais recentemente, por papa Bento XVI, Agamben e Cacciari. Essas interpretações conduzem ao entendimento primeiro de que a Igreja Católica, instituição constituída por homens, portanto secularizada, é permeada pelo bem e pelo mal. Em um segundo momento, a carta nos apresenta a necessidade da Igreja de se aliar a um poder temporal, nesse caso o Império Romano, que teria a função de frear a vinda do Anticristo. A Igreja precisava congregar fiéis, e para que isso fosse possível, buscou aliar-se a quem de fato estava no cotidiano do povo, interferindo diretamente nas suas vivências: ou seja, o Estado. A partir do momento em que a Igreja e o Estado fossem aliados, quando um exercesse o poder sobre o povo, o outro também exerceria. O Estado funcionaria, então, como uma espécie de porta-voz da Igreja, fazendo a religião chegar em locais onde ela não poderia sozinha. Portanto, o ponto a ser debatido é justamente essa relação inevitável entre poderes de naturezas diferentes. E são esses os lados que Silone ficcionaliza em seus textos.

Além dos personagens, nos quais Silone imbui suas opiniões sobre a Igreja de Roma, outra marca do escritor é a utilização de elementos que remetem à simbologia cristã. Aqui daremos relevo a três em específico: o pão e o vinho; o sacrifício; a humildade. Em *Vino e Pane*, o próprio título da obra remete à simbologia dos elementos cristãos pão e vinho, que podem ser analisados em duas situações específicas. Primeiramente, temos o pão e o vinho, que, para a religião cristã católica, é a representação do corpo e do sangue de Cristo utilizado na eucaristia. A eucaristia foi instituída por Jesus na última ceia com seus apóstolos, quando ele já estava ciente da sua crucificação e morte. Na ocasião, Jesus disse as seguintes palavras, que até hoje integram o ritual litúrgico: “Tomai, todos, e comei: isto é o meu corpo, que será entregue por vós” e “Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”. O pão é a representação do corpo de Jesus, que deverá ser o

alimento que nutre a fé dos cristãos. O vinho representa o sangue derramado por Jesus na cruz, para que os cristãos tenham o entendimento de que, apesar da fé, são pecadores.

Mas o pão e o vinho, além de ressaltarem a ideologia cristã de Silone, também são dois componentes presentes na alimentação básica dos *cafoni*. Foram o pão e o vinho que nutriram Pietro Spina enquanto se encontrava escondido em um estábulo. Também na obra homônima, o pão e o vinho são distribuídos aos presentes no velório de Luigi Murica, companheiro de partido de Pietro Spina, cujo trigo e uva foram por ele cultivados. Na ocasião, Spina diz:

O pão é feito de muitos grãos de trigo. Por isso significa unidade. O vinho é feito de muitos bagos de uva, e também ele significa unidade. Unidade de cousas semelhantes, iguais e úteis. Unidade e, assim, também verdade e fraternidade, cousas que ficam bem juntas. (SILONE, 1943, p. 362)

Acrescenta-se a essa passagem a reflexão do pai de Murica, que, ao lado do caixão do filho, conclui que o trigo, a uva e o homem levam nove meses para chegar ao estágio de maturação.

Ao verificarmos a simbologia do pão e do vinho, surge um outro elemento, também presente nas páginas silonianas: o sacrifício. O sacrifício é evidenciando, por exemplo, nos personagens Berardo, Cristina e Luigi Murica. Em *Fontamara*, temos Berardo, que é preso e morto injustamente na prisão; em *Vino e Pane*, além de Cristina, que sacrifica sua vida por Pietro Spina, temos Luigi Murica, que, por defender seus ideais comunistas, é tido como revolucionário. Em relação a Murica, foi capturado e na prisão confessou suas ações, traindo o movimento ao qual pertencia. Quando solto, afastou-se da cidade, mudou-se para o campo, junto de seus pais. No entanto, as perseguições a ele continuaram, fazendo com que retornasse à prisão e acabasse morrendo.

Se voltarmos nosso olhar à figura central da Igreja, verificamos que Jesus Cristo é o símbolo maior do sacrifício. Não só há o sacrifício ao deixar-se crucificar, para que o povo cristão fosse salvo; mas em todos os seus trinta e três anos de vida, como podemos verificar nas passagens bíblicas. René Girard, em sua obra *A violência e o sagrado* (1998), explana a questão do sacrifício da seguinte forma:

As observações de campo e a reflexão teórica fazem-nos retornar, quando se trata de explicar o sacrifício, a hipótese da substituição. Esta ideia está presente em toda a antiga literatura sobre o tema. Aliás, é justamente por esta razão que muitos modernos rejeitam-na ou concedem-lhe apenas uma atenção mínima. Hubert e Mauss, por exemplo, dela desconfiam, sem dúvida por julgarem que ela implica um universo de valores morais e religiosos incompatíveis com a ciência. É verdade que um Joseph de Maistre vê sempre na vítima ritual uma criatura “inocente”, que paga por algum “culpado”. (GIRARD, 1998, p. 14)

Analisando a citação de Girard à luz do contexto no qual estamos trabalhando, isto é, numa perspectiva religiosa, a visão de que o sacrificado está ali em substituição a alguém, que seria o verdadeiro “culpado”, encontra respaldo, novamente, na figura de Cristo, que foi o escolhido para ser sacrificado no lugar dos demais, proporcionando a salvação a eles. Recordemos também as inúmeras passagens bíblicas que mostram o oferecimento de animais como forma de sacrifício. Retornando às obras silonianas, Berardo também assumiu uma culpa que não era sua e por ela morreu. Em *L'avventura d'un povero cristiano e Severina*, Celestino V e Severina sacrificam-se por seus ideais de uma religião menos corrupta.

Outro elemento presente nas obras silonianas e presente também na religião católica cristã é a opção pela pobreza. Celestino V, durante sua vida religiosa, preferiu viver com pouco e pregar a simplicidade. Severina também optou por viver de forma simples, quando deixou a casa paterna pela primeira vez para seguir a vida religiosa; e, após deixar de ser freira, saiu novamente da casa de seu pai para viver em uma hospedagem, trabalhando em prol dos mais necessitados.

Como também já visto, a simplicidade no viver e nas ações nos remete à figura de Jesus. No entanto, o que chama atenção no século XXI é a postura do atual papa Francisco de conclamar todos, e principalmente os religiosos, a optarem pela simplicidade, pilar cristão que foi deixado à margem com o passar dos tempos. E a falta de simplicidade tem como um dos efeitos o aumento do poder da Igreja por meio da política.

Tendo presente as obras do ciclo literário de Silone, verificamos que os indícios do descontentamento com a Igreja Católica aparecem já

com a figura de Dom Abbacchio, mostrando uma Igreja muito comprometida com o poder temporal. Com Dom Benedetto, essa insatisfação é reafirmada, possibilitando a criação de dois grupos distintos, que em *L'avventura d'un povero cristiano* se materializam em, de um lado, Celestino V e, de outro, Bonifácio VIII; já em *Severina*, tem-se, de um lado, Severina e Dom Gabriele, de outro, a Madre Superiora.

Silone apresenta uma preocupação com a secularização da Igreja. A secularização significa uma maior aproximação dos valores terrenos, por exemplo, o poder, em detrimento dos valores espirituais, como a humildade e o sacrifício. Recuperando Agamben, ele nos traz a existência de dois elementos que, apesar de estarem no seio da Igreja, mostram-se inconciliáveis: a economia e a escatologia:

Vi sono, nella Chiesa, due elementi inconciliabili e, tuttavia, strettamente intrecciati: l'economia e l'escatologia, l'elemento mondano-temporale e quello che si mantiene in relazione con la fine del tempo e del mondo. Quando l'elemento escatologico si eclissa nell'ombra, l'economia mundana diventa propriamente infinita, cioè interminabile e senza scopo. Il paradosso della Chiesa è che essa, dal punto di vista dell'escatologia, deve rinunciare al mondo, ma non può farlo perché, dal punto di vista dell'economia, essa è del mondo e non può rinunciare a questo senza rinunciare a se stessa. (AGAMBEN, 2013, p. 17)⁵⁶

A economia representa o poder temporal, já a escatologia liga-se ao poder espiritual, ambas existem e não se pode negá-las. Ou seja, este é um paradoxo vivido pela Igreja: como se afastar das coisas do mundo, se é nele que ela está inserida? Que valor assume sua economia, se desligada de qualquer objetivo de natureza escatológica? Apesar de

⁵⁶ “Existem, na Igreja, dois elementos inconciliáveis e, todavia, estreitamente entrelaçados: a economia e a escatologia, o elemento mundano-temporal e o que se mantém em relação com o fim do tempo e do mundo. Quando o elemento escatológico se eclipsa na sombra, a economia mundana se torna propriamente infinita, isto é, interminável e sem escopo. O paradoxo da Igreja é que ela, do ponto de vista da escatologia, deve renunciar ao mundo, mas não pode fazê-lo porque, do ponto de vista da economia, ela é do mundo e não pode renunciar a este sem renunciar a si mesma.” (PETERLE; GASPARI, 2015, p. 10).

vivermos em um mundo laico, não se pode negar a existência das religiões, nem a influência dessas no governo dos países. Para isso, recordamos guerras que são feitas tendo a religião como premissa ou mesmo temas que se tornaram polêmicos justamente pela opinião das religiões, como é o caso das células troncos, ou mesmo, os partidos políticos que se fundamentam em uma religião. Por outro lado, também é verdade que a economia e outras razões políticas se escondem atrás da religião para justificar conflitos.

Rancière, em sua *Políticas da escrita* (1995), lembra que toda escrita é política, uma vez que essa é feita pelo homem e esse é um ser político por excelência. A Igreja também, ao estar num mundo terreno e ser constituída por homens, não consegue se distanciar politicamente dele, assim como não pode evitar de ser pecadora, pois os homens que a constituem o são. No entanto, precisaria encontrar um ponto de equilíbrio, retornar às origens, e deixar-se, como nos mostrou o personagem siloniano Celestino V, guiar pelo Evangelho.

Todavia, em específico nas duas últimas obras do escritor abrucês, a Igreja Católica é alvo de uma crítica incisiva. Silone aponta para a corrupção advinda dos graus mais altos dentro dessa instituição religiosa. No entanto, ao mesmo tempo em que há a corrupção, há também uma pequena semente que tenta lutar contra isso, isto é, a esperança vista nos personagens de Celestino V e Severina. Verificamos, então, o quanto, nessas obras, a Igreja é questionada abertamente sobre sua relação com o poder e quais ações ela tem feito para continuar sua soberania. Ao longo de suas obras literárias e outros textos de caráter autobiográfico, verifica-se a decepção do escritor para com esta revelação de que a Igreja é pecadora sim, e ciente. E como, enquanto tal, deixou-se “contaminar” pelo poder temporal e não conseguiu, ainda, encontrar um ponto de equilíbrio, para que ambos os poderes, espiritual e temporal, possam coexistir.

Recentemente, em dezembro de 2014, o papa Francisco, em seu discurso⁵⁷ de Natal aos cardeais e demais membros da Cúria Romana, utilizou metaforicamente a imagem do menino Jesus na manjedoura, conclamando-os a um retorno à vida humilde, evocada pela cena. Partindo do entendimento de que a Cúria de Roma é “como um pequeno modelo da Igreja, isto é, como um «corpo»”, que “não pode viver sem se alimentar e tratar”, o pontífice ainda acrescentou: “no entanto ela, como

⁵⁷Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html>. Acesso em: 02 jan. 2015.

qualquer corpo, como todo o corpo humano, está sujeita também às doenças, ao mau funcionamento, à enfermidade”. O papa apresentou quinze doenças que afetam esse corpo, das quais destacamos a doença do acumular e a doença do lucro mundano, que vão ao encontro das reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Para Francisco, a doença do acumular pauta-se:

[...] quando o apóstolo procura preencher um vazio existencial no seu coração acumulando bens materiais, não por necessidade, mas apenas para se sentir seguro [...]. A acumulação apenas torna pesado e retarda inexoravelmente o caminho! Vem-me ao pensamento uma anedota: Outrora os jesuítas espanhóis descreviam a Companhia de Jesus como a «*cavalaria ligeira da Igreja*». Lembro-me de um jovem jesuíta que mudava de casa e, ao carregar num caminhão os seus muitos haveres: malas, livros, objetos e presentes, ouviu um velho jesuíta, que o estava a observar, dizer para ele, com um sorriso sábio: E esta seria a «*cavalaria ligeira da Igreja*»? As coisas que transportamos são um sinal desta doença. (FRANCISCO, 2014)

Aqui o papa nos faz lembrar das Cruzadas ocorridas entre os séculos XI e XIII, nas quais, por justificativa da fé e visando a ampliação de seus poderes, batalhas foram travadas. Para utilizarmos as palavras de Francisco, o acumular “não por necessidade, mas apenas para se sentir seguro”, evidencia o lado terreno da Igreja, que iniciou pobre, mas que foi adquirindo bens que ultrapassaram o *status* de necessidade, para o de mero acúmulo. O poderio da Igreja, conquistado também pelo dinheiro, proporciona a ela certa segurança. Por isso, a dificuldade dos cardeais de atenderem ao pedido de Celestino V, de viverem e serem simples.

A outra doença, que atinge a saúde do Corpo, apontada pelo papa como a doença do lucro mundano ocorre:

[...] quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder, e o seu poder em mercadoria para obter lucros mundanos ou mais poder. É a doença das pessoas que procuram insaciavelmente multiplicar o seu poder. (FRANCISCO, 2014).

Também aqui as atitudes da Igreja do tempo de Celestino V bem como a de Silone encontram correspondentes: o agir não por necessidade, mas pelo engrandecimento do poder – busca que, retomando a análise de Agamben, parece levar a um processo sem finalidade e, por isso, infinito, justamente por ter perdido os objetivos indicados por sua dimensão espiritual.

E foram essas as doenças que acometeram e que ainda hoje acometem a Igreja, levando-a a uma busca cega para a manutenção e ampliação de seu poder, fazendo-a, muitas vezes, aproximar-se de um Estado. Silone, em *L'avventura d'un povero cristiano* e também em *Severina*, critica as atitudes dessa instituição. Em *L'avventura d'un povero cristiano*, os instrumentos utilizados pelo Vaticano para a manutenção do poder terreno aparecem de três formas distintas: na escolha política do papa, nas doações recebidas pela Igreja para a construção dos seus templos e sua manutenção, e na impossibilidade da coexistência de dois papas.

Como visto, no século XIII, algumas famílias exerciam influência nas decisões da Igreja Católica, tal como é demonstrado nas palavras do personagem Frade Ludovico ao falar do Conclave que elegeu Celestino V:

Da più di due anni, dalla morte di Niccolò IV, i Cardinali si sono riuniti [...]. Perché non riescono a mettersi d'accordo? Forse per qualche grave motivi di fede? No. Come tutti sanno, quei principi della Chiesa sono divisi, in parti pressoché uguali, in due fazioni nemiche, da una parte quella dei Colonna e dall'altra quella degli Orsini. Essi non si preoccupano delle condizioni disastrose in cui si trova il popolo cristiano, ma degl'interessi delle proprie famiglie. (SILONE, 2001, p. 47)⁵⁸

⁵⁸ “Há mais de dois anos, desde a morte de Niccolò IV, os cardeais estão reunidos [...]. Por que não conseguem chegar a um acordo? Talvez por algum grave motivo de fé? Não. Como todos sabem, os princípios da Igreja estão divididos, presumo em partes iguais, em duas facções inimigas, de um lado, aquela dos Colonna, e de outro, aquela dos Orsini. Esses não se preocupam com as condições desastrosas em que se encontra o povo cristão, mas com os interesses das próprias famílias.” (trad. nossa).

A preocupação pela manutenção do poder, como evidenciado no caso acima, sobressaiu-se sobre a preocupação com a situação na qual se encontravam os fiéis. O papa não seria escolhido tendo como base o que seria melhor para o exercício do poder espiritual da Igreja, ao contrário, essa escolha seria pautada na intenção de atender aos interesses das famílias nela envolvidas. Ainda sobre isso, na sequência ao diálogo acima, Frade Ludovico acrescentou:

La causa di questi spettacoli sconci è una sola ed è conosciuta da tutti. È l'appartenenza dei cardinali alle grandi famiglie romane, costituite da proprietari terrieri e da usurai. Ognuna di esse, non paga delle proprie ricchezze male acquistate, aspira avidamente ad aumentarle, mettendo la mano sul patrimonio della Chiesa e dello Stato Pontificio. (SILONE, 2001, p. 48)⁵⁹

Parafraseando as palavras do papa Francisco, é o interesse em adquirir bens não pela necessidade, mas pela segurança que eles trazem. Outro exemplo apresentado na obra siloniana, no qual evidencia-se a aspiração da Igreja à manutenção de seu poder terreno, além do recurso apresentado acima, vê-se na contribuição por grupos de pessoas que não tinham sua conduta baseada nos preceitos religiosos. Esse fato foi observado com surpresa por Celestino V, quando chegou às suas mãos a notícia de que seria construído um templo de devoção a Maria, cujo recurso financeiro era oriundo dos impostos arrecadados nos prostíbulos:

Celestino V (legge attentamente e con voce ben percettibile; a mano a mano che prosegue, la sua voce si altera profondamente). “Decreto apostolico che riserva alla costruzione d'un tempio in onore della Vergine Immacolata i proventi della sovratassa imposta dal Regio Governo (pausa) della sovratassa imposta dal Regio Governo ai frequentatori dei bordelli della zona del porto di Napoli ...” Cos'è questa

⁵⁹ “A causa destes espetáculos indecentes é uma só e conhecida por todos. É o pertencimento dos cardeais às grandes famílias romanas, constituídas por proprietários de terras e por usurários. Cada uma dessas não paga as próprias riquezas mal adquiridas, aspira avidamente a aumentá-las, metendo a mão no patrimônio da Igreja e do Estado Pontifício.” (trad. nossa).

sozzura? Chi l'ha ideata? (SILONE, 2001, p. 87)⁶⁰

Celestino V se espanta ao perceber que a Igreja se importava com os lucros que esses locais, evidentemente longe da ética religiosa, poderiam lhe trazer. A obediência da Igreja diante das pessoas que a mantinham financeiramente também é retratada na cena em que Concetta e sua amiga foram chamadas para falar com o pároco, Dom Costantino, após mudarem o horário da participação de seu grupo de devotas nas missas dominicais:

È dunque accaduto che noi ragazze dell'Unione delle Figlie di Maria, di comune accordo, da un paio di domeniche, non assistiamo più alla messa cantata di mezzogiorno, chiamata anche la messa dei signori, ma a quella piana delle cinque del mattino. La novità non è passata liscia, perché il posto riservato a noi ragazze era nella navata centrale della chiesa, davanti a tutti, vicino alla balaustra, avendo a destra e a sinistra i banchi sopraelevati delle famiglie signorili. Ora, una delle ultime domeniche, nella chiesa gremita per la messa di mezzogiorno, il nostro posto è apparso inaspettatamente vuoto. E così la domenica seguente. I signorotti, che evidentemente hanno la coda di paglia, se la sono presa a male, e uno di essi, un barone assai noto, sia per le sue birbonate, sia, non posso negarlo, per frequenti doni generosi alla chiesa, è andato a lagnarsi addirittura dal vescovo. (SILONE, 2001, p. 31)⁶¹

⁶⁰ “Celestino V (*lê atentamente e com voz nítida; pouco a pouco, a sua voz se altera profundamente*). ‘Decreto apostólico que se reserva a construção de um templo em honra da Virgem Imaculada, os proventos virão da sobretaxa imposta pelo Régio Governo (*pausa*) da sobretaxa imposta pelo Régio Governo aos frequentadores dos bordeis da zona do porto de Nápoles ...’ O que é isso? Quem a criou?” (trad. nossa).

⁶¹ “Aconteceu conosco, garotas da União das Filhas de Maria, de comum acordo, há alguns domingos, de não assistirmos mais à missa cantada do meio-dia, chamada também de missa dos senhores, mas àquela não cantada das cinco da manhã. A novidade não passou despercebida, pois o lugar reservado a nós, garotas, era na nave central da igreja, diante de todos, vizinho ao balaústre, tendo à direita e à esquerda os bancos sobrelevados das famílias senhoris. Ora,

Evidencia-se aqui, mais uma vez, a Igreja curvando-se aos detentores do poder temporal, aqui representados pelo poder do dinheiro. Concetta e suas amigas são procuradas por Dom Costantino, não porque ele, enquanto padre, sente-se incomodado pela troca de horário na participação na missa, mas porque um dos barões, que financiava a Igreja, sentiu-se incomodado com a ausência delas.

Outro elemento que demonstra a relação da Igreja com o poder é a disputa em torno da existência de dois papas, uma vez que, com a renúncia de Celestino V e a posse de Bonifácio VIII, a Igreja teria um ex-papa e um papa vivendo no mesmo período. Essa situação poderia causar uma ruptura da Igreja, pois, de um lado, encontrariam-se aqueles que reconheceriam Celestino V como o verdadeiro papa, de outro, aqueles que teriam como papa Bonifácio VIII. Temendo esse fato, Bonifácio VIII propôs, por meio do isolamento, seguido da morte, que Celestino V fosse tirado de cena.

Celestino V não conseguia compreender como seria possível uma instituição religiosa ser governada não pelas leis de Deus, mas pelas leis dos homens. Ele, utopicamente, tinha a intenção de mudar o rumo da Igreja que estava temporariamente chefiando; contudo, encontrou uma estrutura já rígida que o impediu de modificá-la e, diante desta sua impotência, o fim de sua trajetória como papa estava cada vez mais próximo. O papa Bonifácio VIII, por sua vez, simbolizou o lado da Igreja secularizada, a qual deve ser gerida como um Estado, e a religiosidade, como instrumento de legitimação do poder. A decepção de Celestino V com o rumo da Igreja Católica é representada por Silone de tal forma que, em uma de suas conversas com Bonifácio VIII, ele conclui: “[...] è difficile essere papa e rimanere buon cristiano” (SILONE, 2001, p. 109)⁶².

Atualmente, a renúncia⁶³ voltou a ser temática na Igreja Católica, uma vez que o papa Bento XVI, vendo sua impotência diante dos escândalos que evidenciaram ainda mais as fissuras no interior da Igreja Católica, tais como o desvio de dinheiro e a pedofilia, que assombraram o seu papado, alegou uma fraqueza do corpo e renunciou.

em um dos últimos domingos, na igreja cheia para a missa do meio-dia, o nosso lugar inesperadamente apareceu vazio. E assim no domingo seguinte. Os senhores, que evidentemente têm o teto de vidro, se sentiram ofendidos, e um desses, um notável barão, seja por suas ações, seja, não posso negar, por suas frequentes doações generosas à igreja, foi reclamar ao bispo.” (trad. nossa).

⁶² “[...] é difícil ser papa e permanecer bom cristão.” (trad. nossa).

⁶³ A renúncia será tratada com mais ênfase no item 4.3 deste trabalho.

Com a sua renúncia, após um breve conclave, o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio foi eleito papa, assumindo, significativamente, o nome de Francisco, com referência à figura de São Francisco, o “*poverello d’Assisi*”⁶⁴, que, como se sabe, se despiu de todas as suas riquezas. E, justamente nesse ponto, verificamos a atualidade do pensamento siloniano, pois a temática por ele abordada em *L’avventura d’un povero cristiano* não ficou restrita a um acontecimento exclusivo, único da Igreja, mas sim mostrando ainda hoje toda a sua problemática.

4.2 OS DOIS CORPOS DA IGREJA CATÓLICA

Ao longo de suas obras e, especificamente, em *L’avventura d’un povero cristiano*, Silone deixa claro ao seu leitor a existência de dois tipos de Igreja: uma que é regida pelas leis do Evangelho, representada no texto por Celestino V, e outra que preza pelo poder temporal, na figura de Bonifácio VIII. Um exemplo disso é o momento em que há o primeiro embate entre o lado temporal e o lado espiritual da Igreja, quando Dom Costantino vai até a casa de Matteo e Concetta para conversar com os franciscanos que lá estão abrigados. Na chegada de Dom Costantino, os frades recuam, assumindo a frente somente o Frade Ludovico. O pároco questiona a atitude dos religiosos, ao qual Frade Ludovico responde: “*Purtroppo la veste da prete non ispira fiducia*” (SILONE, 2001, p. 43)⁶⁵. Dom Costantino, por sua vez, questiona o que então ele pode fazer diante da atitude dos franciscanos; Frade Ludovico diz não se tratar de problemas pessoais, pois ambos não se conhecem, mas problemas oriundos das congregações às quais eles pertencem: “*Quello che c’è invece, è l’abisso scavato dalla degenerazione della vostra Chiesa e dal tradimento dello spirito di San Francesco da parte di molti che si richiamano a lui. Il tradimento è stato reso possibile dall’aiuto del papa, dei vescovi e dei preti*” (SILONE, 2001, p. 44)⁶⁶. Como podemos verificar nesses trechos, Silone apresenta uma Igreja na qual o mal está instituído em seu interior, e não o contrário, ou seja, algo que é externo a ela.

⁶⁴ “Pobrezinho de Assis.” (trad. nossa).

⁶⁵ “Infelizmente a veste de padre não inspira confiança.” (trad. nossa).

⁶⁶ “Ao contrário, aquilo que existe é o abismo provocado pela degeneração da vossa Igreja e da traição ao espírito de São Francisco por parte de muitos que o anunciam. A traição foi possível com a ajuda do papa, dos bispos e dos padres.” (trad. nossa).

A Igreja de Roma é constituída por vários grupos diferentes entre si, como franciscanos e beneditinos. Todavia, Silone, em seu drama histórico, chama a atenção para um fato que está além das congregações religiosas, que é o anseio de alguns, independente da congregação à qual pertençam, de aproximar os valores espirituais aos temporais, fazendo o que se convencionou chamar de secularização. O escritor faz uma denúncia ao apresentar uma Igreja muito mais comprometida com a manutenção de seu poder do que com as exigências pregadas pelo Cristianismo, ou seja, uma Igreja que se preocupava mais com si do que com os homens.

Na sequência ao diálogo apresentado anteriormente, a dissonância entre os dois grupos se acentua quando vem à tona a imposição do respeito por meio da riqueza, tendo-se essa, como o papa Francisco disse em seu discurso natalino, não mais como uma necessidade, mas sim como uma forma de manter-se seguro, ou seja, o respeito adquirido não pelo ser, mas sim pelo ter:

Fra Berardo (al parroco). Sua Eccellenza il vostro vescovo, immagino, porta anche lui una grande croce d'oro al petto, legata a una bella catena d'oro.

Fra Tommaso (con aperto sarcasmo). Croce e catena, suppongo, sono d'oro puro. D'oro, è proprio il caso di dire, come quello del vitello d'oro della Bibbia. Infatti è lecito pensare che quel rinomato vitello fosse anch'esso di oro fino.

Don Costantino (scrolla le spalle, infastidito). La vostra è una critica ridicola, infantile, demagogica. Il nostro vescovo, sappiatelo, è una degnissima persona. Non è certo per amore di pompa che anche lui usa certi ornamenti rituali, ma per adeguarsi alla dignità della sua funzione. (I fraticelli l'attorniano e fanno a gara nel respingere il suo argomento.)

Fra Ludovico (al parroco). La croce di Cristo, se non sbaglio, era di legno, come pure lo sono la maggior parte dei crocifissi che ora si vedono, sia nei luoghi di culto che fuori. Non so se voi pensate che per questo essi siano privi di dignità.

Fra Berardo (al parroco). Credete che se Cristo fosse andato in giro per la Palestina con la mitra o il triregno sulla testa, sarebbe stato più dignitoso?

Fra Ludovico (al parroco). Strana idea vi siete fatti della dignità cristiana voi preti. (SILONE, 2001, p. 46)⁶⁷

Novamente, Silone evidencia a diferença entre duas maneiras de conduzir a Igreja: uma pautada, de acordo com o texto acima, no acúmulo de bens materiais, sendo esse *ter* digno de respeito (lado personificado em Dom Costantino); já do outro lado, os frades Berardo, Tommaso e Ludovico pregam pelo respeito pautado na simplicidade do *ser*, tal como pregaram também Jesus Cristo, São Francisco e o atual papa. Também nesse trecho, Silone evoca a idolatria aos falsos deuses, por meio da passagem bíblica do bezerro de ouro. O ouro, a riqueza e o poder que eles trazem são o falso Deus.

No entanto, torna-se nítida a diferença dos pensamentos, um da valorização do poder celeste e o outro do poder terreno, quando Silone põe lado a lado Celestino V e Bonifácio VIII/Cardeal Caetani. Além de materializarem esses poderes, Celestino V e Bonifácio VIII representam as duas posturas que perpassam, com êxitos alternos, pelo passado e o presente da Igreja: o primeiro, humilde e pautado nos valores cristãos; o segundo, ligado ao mundanismo do acúmulo de bens para a manutenção de seu poder. Na citação a seguir, na conversa entre Celestino V e seu ajudante, faz-se referência ao Cardeal Caetani, na qual essa oposição, reconhecida pelo próprio papa, é recuperada:

⁶⁷ “*Frade Berardo (ao pároco)*. Sua Excelência o vosso bispo, imagino, igualmente traz consigo uma grande cruz de ouro no peito, ligada a uma bela corrente também de ouro. *Frade Tommaso (com certo sarcasmo)*. Cruz e corrente, suponho, de ouro puro. Ouro, é próprio o caso de dizer, como aquele bezerro de ouro da Bíblia. De fato é lícito pensar que o renomado bezerro era também esse de ouro puro. *Dom Costantino (dá de ombros em sinal de irritação)*. A vossa crítica é ridícula, infantil, demagógica. O nosso bispo, sabeí, é uma digníssima pessoa. Não é verídico que ele usa certos ornamentos por amor à pompa, mas para adequar-se à dignidade da sua função (*os irmãos se juntam para refutar os argumentos de Dom Costantino*). *Frade Ludovico (ao pároco)*. A cruz de Cristo, se não me engano, era de madeira, assim como o são a maior parte dos crucifixos que agora se veem, tanto nos lugares de culto quanto fora desses. Não sei se pensa que por isso esses sejam privados de dignidade. *Frade Berardo (ao pároco)*. Crê que se Cristo tivesse andado pela Palestina com a mitra ou a tríplice tiara sobre a cabeça, teria sido mais digno? *Frade Ludovico (ao pároco)*. Estranha a ideia que tem da dignidade cristã.” (trad. nossa).

Celestino V. Devo dirvi che ho una grande stima del cardinale Caetani, della sua cultura e della sua indipendenza. Il nostro modo di concepire la Chiesa è però opposto. Egli è per la supremazia politica del papato, mi pare che questo non sia un segreto; mentre a me dato che volete saperlo, il potere politico non interessa.

L'aiutante. Ne prendo atto e vi sono grato di questo chiarimento. Avete ragione, bisogna lasciare a Cesare quello ch'è di Cesare. Tuttavia la Chiesa può avere bisogno del braccio secolare contro le eresie. D'altra parte, nessuno Stato sarebbe in grado di mantenere l'ordine pubblico se i sudditi cessassero di nutrire un sacro terrore dell'inferno, e questa funzione spetta ovviamente alla Chiesa. Il trono e l'altare dunque ... (SILONE, 2001, p. 101)⁶⁸

Celestino V reconhece a existência de duas formas diferentes de conduzir a Igreja e também revela o lado que deseja que seja seguido. Na obra *Nova história da igreja 2: a idade média* (1974), de Knowles e Obolensky, apresenta-se o que historicamente é sabido sobre as figuras de Celestino V e Bonifácio VIII, informações que Silone utilizou em sua obra. Celestino V é caracterizado como velho e santo eremita, que, vindo das montanhas abrucezas, apresentou-se incapaz de conduzir a Igreja de Cristo; já Bonifácio VIII, profundo conhecedor do direito canônico, acreditando-se ser ele o indutor da renúncia de Celestino V, é descrito como aquele que:

[...] iria levar ao ponto máximo as pretensões do Papa ao domínio temporal, e com isso arrastaria o pontificado a uma humilhação [...]. Canonista experimentado, era dotado, entre outras qualidades, de uma extraordinária clareza de

⁶⁸ “*Celestino V. Devo dizer que tenho uma grande estima pelo cardeal Caetani, pela sua cultura e independência. No entanto, nosso modo de conceber a Igreja é oposto. Ele é pela supremacia do papado, e me parece que isso não é um segredo; já para mim, o poder político não interessa. Ajudante. Tomo nota, e agradeço pelo esclarecimento. Tem razão, é necessário deixar para César o que é de César. Todavia, a Igreja pode necessitar do braço secular para lutar contra as heresias. Por outro lado, nenhum Estado seria capaz de manter a ordem pública se os súditos deixassem de ter medo do inferno, e essa função cabe obviamente à Igreja. O trono e o altar, portanto ...*” (trad. nossa).

pensamento e expressão; tinha em sua companhia teólogos, como Ptolomeu, para dar sua contribuição na redação dos pronunciamentos pontifícios. Era de temperamento violento, egocêntrico e autoritário; estava convencido da verdade da doutrina relativa ao poder espiritual, na forma em que era exposta por Inocêncio IV e pelo Hostiense, e era apoiado por um grupo de teólogos que tinham chegado às mesmas conclusões por caminhos diferentes. (KNOWLES; OBOLENSKY, 1974, p. 361)

A doutrina espiritual que Bonifácio VIII seguia, à qual se faz referência na citação, está baseada na supremacia do poder espiritual sobre o temporal. Retornando à conversa entre Celestino V e seu ajudante, este fala do conhecido ditado: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Massimo Cacciari, na obra *Il potere che frena*⁶⁹ (2013), dedica um capítulo inteiro a esta problemática, enfatizando a necessidade de recolocar nos devidos âmbitos as questões materiais, ligadas à função social do indivíduo, e as questões, de forma geral, imateriais, ligadas à sua função “humana”; ou seja, restituir ao Estado o que a ele se deve, o que é feito por meio do pagamento dos impostos. E, à Igreja, o que lhe pertence, e não vice-versa:

Cesare si rappresenta sulla moneta – e sempre la rappresentazione deve collegarsi al rappresentato. La moneta rappresenta Cesare, e dunque tu non devi tanto dargliela, quanto restituirlgliela. È a lui che appartiene. Dove trovi, invece, l'immagine di Dio? La cosa in cui Dio si rappresenta, quella devi restituire a Dio. E questa 'cosa' è tutto l'uomo: corpo, anima, volontà. (CACCIARI, 2013, p. 55)⁷⁰

Cacciari dessa forma reafirma o pensamento de que os poderes temporal e espiritual devem coexistir, mas de formas separadas, cada um

⁶⁹ Texto sem tradução para o português.

⁷⁰ “César está representado na moeda – e sempre a representação deve remeter ao representado. A moeda *representa* César, e então tu não tens que dá-la, nem restituí-la. É a ele que ela pertence. E Deus, onde encontras a sua imagem? Aquilo em que Deus se faz representar deve ser a Ele restituído. E isto é todo o homem: seu corpo, sua alma, sua vontade.” (trad. nossa).

exercendo as atribuições que lhes são de direito. No entanto, o que fazer quando aquele que pede, não solicita o que lhe é de direito? Essa é a questão central apresentada por Silone em suas obras: a Igreja está evocando para si a supremacia de um poder que não lhe faz jus.

Partindo dos excertos silonianos analisados até o momento, aprofundaremos nosso discurso justamente a partir das recentes considerações feitas pelos grandes filósofos italianos, Giorgio Agamben e Massimo Cacciari, em suas respectivas obras: *Il mistero del male – Benedetto XVI e la fine dei tempi* e *Il potere che frena*, ambas lançadas em 2013, após a renúncia do papa Bento XVI. Tanto Agamben quanto Cacciari discorrem sobre o corpo bipartido da Igreja, no entanto, cada um constrói suas reflexões a partir de pontos diferentes; Agamben pauta suas considerações partindo da renúncia do papa Bento XVI; Cacciari parte da teologia política, da relação entre Igreja e Estado.

As considerações em torno do corpo bipartido da Igreja sempre foram estudadas e representam um ponto nevrálgico da instituição católica. Essa questão chamou a atenção, dentre outros, de Ticônio, Santo Agostinho, e, mais recentemente, de Bento XVI, Agamben e Cacciari. Tais considerações têm como premissa a Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses, texto cristão pertencente ao Novo Testamento⁷¹.

⁷¹ “Quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião junto dele, nós vos pedimos, irmãos, que não vos deixeis abalar, assim tão depressa, em vossas convicções, nem vos alarmeis com alguma pretensa revelação do Espírito ou alguma instrução ou carta atribuída a nós e que desse a entender que o dia do Senhor já está chegando. Que ninguém vos iluda de nenhum modo. É preciso que, primeiro, venha a apostasia e se revele o Iníquo, destinado à perdição, o Adversário, aquele que se levanta contra tudo o que se chama deus ou que se adora, a ponto de se assentar no Santuário de Deus, proclamando-se deus.

Acaso não vos lembrais que eu já vos dizia essas coisas, quando ainda estava entre vós? E sabeis o que atualmente retém o Adversário, de maneira que ele se revele somente na hora devida. Pois o mistério da iniquidade já está em ação. Basta que o obstáculo atual seja afastado.

Então, ele se revelará, o Iníquo, que o Senhor *Jesus matará com o sopro de sua boca* e destruirá com a manifestação da sua vinda. Ora, a vinda do Iníquo se dará pela ação do Satanás, com toda espécie de milagres e sinais e prodígios enganadores, e com todas as seduções da iniquidade para aqueles que estão a se perder, por não terem acolhido o amor da verdade que os teria salvo. Por isso, Deus lhe envia uma força que os extravia, fazendo-os crer na mentira, de modo que sejam condenados todos aqueles que não creram na verdade, mas se comprazeram na iniquidade.” (*Bíblia Sagrada*, 1990, p. 1458).

A Carta (cuja autenticidade ainda é objeto de debate dentre os estudiosos) foi supostamente escrita pelo apóstolo Paulo, por volta do ano 51 d.C., quando ele estava na cidade de Corinto (Grécia). Sua escrita foi motivada devido à interpretação equivocada, feita pelos habitantes de Tessalônica, da Primeira Carta do apóstolo, que tratava sobre a vinda de Cristo. Com o passar do tempo, esse texto despertou a interpretação de muitos.

Ticônio viveu na África na segunda metade do século IV, sendo responsável pela escrita do *Liber regularum*, composto por sete regras, as quais auxiliariam em uma melhor compreensão das Sagradas Escrituras. Dentre essas orientações, duas contribuem para o presente estudo: a segunda – *De Domini corpore bipartito* – e a sétima – *De diabolo et eius corpore*. Ticônio parte do entendimento de que a Igreja é o verdadeiro corpo de Deus, afirmando, portanto, a existência de um só corpo, bipartido e maniqueísta.

Mais tarde, os estudos de Ticônio possibilitaram as considerações de Santo Agostinho, reunidas na obra *De Civitate Dei* (426 d.C). Nesse texto, Agostinho aprofunda a reflexão de Ticônio sobre um corpo constituído por dois lados, fazendo referência à existência de duas cidades, uma de Deus, da qual a Igreja faz parte, e outra dos homens, nesse caso o Império Romano. Agostinho acreditava que o mal estaria dentro da própria Igreja, passando-se por Deus, o que poderia ser o chamado mistério da iniquidade. Somente quando esse mal insurgisse dentro dela e tomasse corpo próprio, ocorreria a parusia, ou seja, a segunda vinda do Cristo.

Outro que se dedicou aos estudos da Carta Paulina foi o cardeal Joseph Ratzinger, posteriormente papa Bento XVI. Como informa Agamben em seu livro, no ano de 1956, o cardeal publicou, na *Revue des Études Augustiniennes*, o artigo intitulado *Considerazioni sul concetto di Chiesa di Ticonio nel Liber regularum*. O texto do cardeal é baseado na segunda regra do *Liber regularum*. Sua conclusão é de que: “*Il contenuto essenziale della dottrina del corpus bipartitum [...] consiste nella tesi che il corpo della Chiesa ha due lati o aspetti: uno ‘sinistro’ e uno ‘destro’, uno colpevole e uno benedetto, i quali costituiscono però un unico corpo*” (RATZINGER apud AGAMBEN, 2013, p. 9)⁷², corroborando a representação de Silone, com Celestino V e Bonifácio VIII, em *L’avventura d’un povero cristiano*.

⁷² “O conteúdo essencial da doutrina do *corpus bipartitum* [...] consiste na tese de que o corpo da Igreja tem dois lados ou aspectos: um ‘esquerdo’ e outro

Colocando em contraponto as ideias de Ticônio e Agostinho, Ratzinger argumenta:

[...] non vi è (in Ticonio) quella chiara antitesi di Gerusalemme e Babilonia, che è così caratteristica di Agostino. Gerusalemme è nello stesso tempo Babilonia, la include in sé. Entrambe costituiscono una sola città, che ha un lato “sinistro” e uno “destro”. Ticonio non ha sviluppato, come Agostino, una dottrina delle due città, ma quella di una sola città con due lati. (RATZINGER apud AGAMBEN, 2013, p. 10)⁷³

Recorda Agamben que Bento XVI, em um discurso feito em 22 de abril de 2009, disse que a Igreja Católica, por meio de sua figura, estava consciente do que Ticônio havia dito, não mais ignorando esse fato, como havia feito até aquele momento; ou seja, o então papa reconhece que dentro da própria esfera da Igreja, há sim um “lado esquerdo” que provocaria a parusia.

Por sua vez, a atitude de Celestino V ocorrida em 1294 retornou à cena com a renúncia, em fevereiro de 2013, do papa Bento XVI. Em função desse acontecimento, Agamben lançou *Il mistero del male: Benedetto XVI e la fine dei tempi*, na tentativa de entender o que levaria um papa a repetir o mesmo ato após oito séculos. O estudioso tenta interpretar a renúncia de Bento XVI a partir de indícios reunidos ao longo de sua vida apostólica.

O conhecimento do Cardeal Ratzinger das teorias de Ticônio e Agostinho é apontado como um dos indícios para sua renúncia. Outro indício seria a viagem a L’Aquila, feita por Bento XVI em 2009. Na ocasião, o papa visitou o túmulo de Celestino V e depositou sobre esse o seu pálio papal. O que essa atitude significa? Coroar um papa que renunciou? O pálio simboliza a soberania do poder papal. No ato feito por Bento XVI, ao retirá-lo de sua cabeça, além do entendimento de

‘direito’, um culpado e um bendito que, contudo, constituem um único corpo.” (PETERLE; GASPARI, 2015, p. 4).

⁷³ “[...] não há (em Ticônio) a clara antítese entre Jerusalém e Babilônia, que é tão característica em Agostinho. Jerusalém é, ao mesmo tempo, Babilônia, a inclui em si. Ambas constituem uma só cidade, que tem um lado ‘esquerdo’ e um ‘direito’. Ticônio não desenvolveu, como Agostinho, uma doutrina das duas cidades, mas desenvolveu a de *uma só cidade com dois lados*.” (PETERLE; GASPARI, 2015, p. 5).

Agamben, como uma premeditação de sua renúncia, podemos entender como a sua vontade de destituir-se do poder a ele creditado, repassando sua responsabilidade a outro.

Por fim, o terceiro indício partiu da análise, feita por Agamben, dos discursos de renúncia de Celestino V e Bento XVI, em que ambos justificam a fraqueza do corpo como um dos motivos da renúncia:

Io Papa Celestino V, mosso da cause legitime, cioè in ragione dell'umiltà, di una vita migliore e per mantenere integra la mia coscienza, a causa della debolezza del corpo, del venir meno della conoscenza e della malvagità del popolo, per l'infermità della persona e affinché possa ritrovare la quiete della mia passata consolazione; spontaneamente e liberamente abbandono il pontificato e rinuncio espressamente alla sede, alla dignità, all'onore e all'onore e do al sacro collegio dei Cardinali piena e libera facoltà di eleggere e provvedere secondo i canoni la Chiesa cattolica del suo pastore. (CELESTINO V apud AGAMBEN, 2013, p. 43)⁷⁴

Já no seu discurso, Bento XVI afirma:

Dopo aver ripetutamente esaminato la mia coscienza davanti a Dio sono pervenuto alla certezza che le mie forze, per l'età avanzata, non sono più adatte per esercitare in modo adeguato il ministero petrino. Sono ben consapevole che questo ministero, per la sua essenza spirituale, deve essere compiuto non solo con le opere e con le parole, ma non meno soffrendo e pregando. Tuttavia, nel mondo di oggi, soggetto a rapidi mutamenti e agitato da questioni di grande rilevanza per la vita della fede, per governare la

⁷⁴ “Eu, Papa Celestino V, movido por causas legítimas, isto é, em razão de humildade, de uma vida melhor, e para manter integra minha consciência, devido à fraqueza do corpo, vindo menos da consciência e da maldade do povo, por enfermidade da pessoa, e a fim de retomar a calma da minha antiga consolação; espontaneamente e liberamente abandono o pontificado e renuncio expressamente à Sé, à dignidade, a toda honra e toda honra, e dou ao Sacro Colégio dos Cardeais plena e livre faculdade de eleger e prover, segundo os cânones da Igreja Católica, o seu pastor.” (trad. nossa).

barca di San Pietro e annunciare il Vangelo è necessario anche il vigore sia del corpo, sia dell'animo, vigore che, negli ultimi mesi, in me è diminuito in modo tale da dover riconoscere la mia incapacità di amministrare bene il ministero a me affidato. (BENTO XVI apud AGAMBEN, 2013, p. 47)⁷⁵

O que chama a atenção nessa justificativa é o significado do corpo, não o corpo humano, mas o corpo em analogia com a Igreja Católica, tal como apresentou Ticônio. E com esse entendimento, *il mistero del male*, baseado nas interpretações de Ticônio e Agostinho, seria mantido pela própria Igreja. *Benedetto XVI*, por sua vez, pode aparecer aqui com um duplo sentido, tanto como forma de chamar atenção – tal como fez Silone para o fato de esse poder negativo da Igreja estar em sua esfera central, nas classes que mais detêm influência dentro da instituição –, quanto como representação de um desejo de mudança, iniciado no século XIII por Celestino V. Ainda nesse sentido, *la fine dei tempi* seria o momento em que o lado “esquerdo” e o “direito”, para utilizar as palavras do Cardeal Ratzinger, iriam se confrontar, o Anticristo e o Cristo, para então o mal ser extinto e o bem reinar.

Para Agamben, a decisão de Bento XVI de renunciar chama a atenção para a falta de entendimento do que é legalidade e legitimidade. De acordo com o pensamento reacionário, a legalidade viria abaixo da legitimidade, tornando-se assim um efeito da legitimidade; por sua vez, o pensamento agambeniano mostra que legalidade e legitimidade estão no mesmo patamar, devendo coexistir para que a “máquina política” funcione corretamente. Essa falta de entendimento é que teria levado a

⁷⁵ “Depois de ter repetidamente examinado a minha consciência diante de Deus, estou certo de que minhas forças, devido à idade avançada, não são mais aptas para exercer de maneira adequada o ministério petrino. Estou bem consciente de que esse ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com obras e com palavras, mas também sofrendo e pregando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas transformações e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho é necessário também o vigor tanto do corpo como da alma, vigor que, nos últimos meses, em mim é diminuído em modo tal de dever reconhecer a minha incapacidade de administrar bem o ministério a mim confiado.” (trad. nossa).

Igreja à mistura dos dois poderes, temporal e espiritual, e aos constantes desacordos decorrentes disso:

Se la Chiesa rivendica un potere spirituale al quale il potere temporale dell'Impero o degli Stati dovrebbe restare subordinato, com'è avvenuto nell'Europa medievale, o se, com'è accaduto negli Stati totalitari del Novecento, la legittimità pretende di fare a meno della legalità, allora la macchina politica gira a vuoto con esiti spesso letali; se, d'altra parte, com'è avvenuto nelle democrazie moderne, il principio legittimante della sovranità popolare si riduce al momento elettorale e si risolve in regole procedurali giuridicamente prefissate, la legittimità rischia di scomparire nella legalità e la macchina politica è ugualmente paralizzata. (AGAMBEN, 2013, p. 8)⁷⁶

Entende-se, então, que a máxima de “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” procede, uma vez que só se chegará a um acordo quando poder espiritual e poder temporal aprenderem a coexistir e a ter claros qual é sua verdadeira responsabilidade. E ao adentrarmos nessa paridade de poderes, recaímos nas considerações teológico-políticas de Cacciari:

L'espressione “teologia politica” non può limitarsi a significare l'influenza esercitata da idee teologhe sulle forme della sovranità mondana, presupponendo una originaria separazione tra le due dimensioni, ma dovrebbe piuttosto cogliere l'orientamento o la destinazione politica immanente alla vita religiosa, che è alla

⁷⁶ “Se a Igreja reivindica um poder espiritual ao qual o poder temporal do Império ou dos Estados deveria ficar subordinado, como aconteceu na Europa medieval, ou se, como se deu nos Estados totalitários do século XX, a legitimidade pretende prescindir da legalidade, então a máquina política gira no vazio com êxitos frequentemente letais; se, por outro lado, como aconteceu nas democracias modernas, o princípio legitimador da soberania popular se reduz ao momento eleitoral e se restringe a regras de procedimentos juridicamente prefixadas, a legitimidade corre o risco de desaparecer na legalidade e a máquina política fica igualmente paralisada.” (PETERLE; GASPARI, 2015, p. 3).

base della stessa elaborazione teologica.
(CACCIARI, 2013, p. 12)⁷⁷

Se retornarmos ao pensamento de Agamben de que a Igreja enfrenta os atuais problemas devido à confusão entre o entendimento de legalidade e legitimidade, Cacciari, por sua vez, nos mostra outro binômio, *auctoritas* e *potestas*. A *auctoritas* seria a Igreja, representação do Reino dos Céus, já o poder terreno seria a *potestas*. Tal como a legalidade e a legitimidade, também a política e a religião devem coexistir, embora mantendo suas distinções. Em outras palavras, Cacciari não propõe uma separação total; pois, assim como a máquina política apresentada por Agamben, isso geraria um mal funcionamento, acarretando, a quem se sobressaísse, um poder letal.

Retornemos ao pressuposto de que a instituição Igreja pode ser considerada como uma instituição política, a partir do momento em que essa é uma criação humana e não divina; logo, o que é feito pelas mãos humanas é, então, passível de erros e distorções. Sendo assim, “*la Chiesa è la città di Dio in divenire, radicalmente im-perfetta, e perciò il suo confine con la città dell’uomo è per definizione sempre trasgredibile*” (CACCIARI, 2013, p. 94)⁷⁸. Para o intelectual a Igreja seria o lado humano da cidade de Deus.

Ambos os autores falam de uma divisão, de dois lados que coexistem, mas que, somente com a *parusia*, seriam extintos, passando então a existir somente aquele criado por Deus. Mas então, por que a situação revelada na carta de São Paulo ainda não se cumpriu? A justificativa encontrada para o não cumprimento deste cenário se deve a algo que o estaria impedindo: o *katechon*.

O *katechon* é analisado como um enigma, devido à dificuldade de se entender esse poder não concreto, mas que opera diretamente na divisão em dois corpos/cidades. Cacciari apresenta o significado de *katechon*: “*katechein, più che l’atto del trattenere o raffrenare, significa*

⁷⁷ “A expressão ‘teologia política’ não pode se limitar a significar a influência exercida pelas ideias teológicas sobre as formas da soberania mundana, pressupondo uma primordial separação entre as duas dimensões, mas deveria, ao contrário, pautar-se pela orientação ou destinação política imanente à vida religiosa, que é a base em si da elaboração teológica.” (trad. nossa).

⁷⁸ “[...] a Igreja é a cidade de Deus que *está por vir*, radicalmente im-perfeita e, portanto, seu limite com a cidade do homem é por definição sempre *transgredível*.” (trad. nossa).

contenere, comprendere in sè” (CACCIARI, 2013, p. 22)⁷⁹. Pode-se entender o *katechon* não como um poder, de caráter negativo, mas sim como uma força que estaria retardando a parusia para o momento certo. Mas qual seria esse momento certo? “*Quando comuni saranno forma politica e forma spirituale, allora il tempo sarà maturo per la grande catastrofe*” (CACCIARI, 2013, p. 79)⁸⁰. Ou seja, esse retardamento do fim é necessário até o momento em que ambos os lados, o ligado aos homens e aquele ligado a Deus, pertençam a um só corpo.

Ao verificarmos que a origem latina da palavra religião vem de *religare* – religar –, poderemos buscar o entendimento de que o verdadeiro sentido da segunda vinda de Cristo está além da extirpação do mal que emergiu da Igreja, antes, é forma de *religare* o homem a Deus, o que outrora era somente um único corpo que fora separado por Deus no ato da criação do homem.

Ao recuperarmos os períodos retratados por Silone, Igreja e Estado ainda encontram-se em disputa pelo poder; estão em dois corpos separados que tentam uma aproximação e, por certas vezes, têm seu ponto de contato, mas não para unirem forças em unísono, mas sim para um ter o outro como apoio. Tal como o Sacro Romano Império tentou, ao competir com outros poderes para alcançar o *Evo*⁸¹, acabou encontrando o seu próprio fim, sua dissolução.

O entendimento de Silone sobre esses dois lados é apontado por Marabini na “Introdução” de *L’avventura d’un povero cristiano*:

Celestino assurge così a simbolo di rinuncia al potere politico e alla sua trama di peccato, in favore della autonomia e della purezza della coscienza. La scena finale del dramma vede di fronte i due grandi avversari, Celestino V, tornato il monaco d’un tempo, e Bonifazio VIII, il successore intransigente nel prolungare la funzione politica della Chiesa: e compendia i motivi dell’ideologia siloniana, con eloquenza ed efficacia, entro i due corni della rinuncia e del

⁷⁹ “*Katechein*, mais que o ato de reter ou frear, significa conter, compreender em si.” (trad. nossa).

⁸⁰ “Quando *comuns* serão a forma política e a forma espiritual, então o tempo será maduro para a grande catástrofe” (trad. nossa).

⁸¹ Cacciari (2013) define *Evo* como eternidade, vida eterna.

compromesso vile e peccaminoso. (MARABINI, 2001, p. VII)⁸²

Percebe-se que o entendimento da Igreja como possuidora de dois lados é algo que vem desde o tempo da escrita da carta do apóstolo Paulo aos Tessalonicenses, a qual pregava que a segunda vinda de Cristo só seria possível quando o *katechon*, que freia a vinda do Anticristo, fosse eliminado por Deus justamente para que os falsos crentes se revelassem. Somente assim Deus derrotaria o Anticristo. Baseados nessa carta, Ticônio e Agostinho também refletiram e criaram a teoria das duas cidades. Mais tarde, recuperando essa teoria, Bento XVI, ainda enquanto cardeal, apontou que esses dois poderes opostos continuavam a existir na Igreja, tanto que, em seu discurso de renúncia, fez referência à fragilidade desse corpo. Curiosamente, Agamben e Cacciari comentam, em pouco intervalo de tempo, cada um em sua obra, esse fato de que a Igreja encontra-se dividida. É sabido que existe um poder religioso e um poder político, no entanto, esses não devem se sobrepor, somente coexistirem. Celestino V, possivelmente, tinha a esperança de que isso ocorresse. Esperança, aliás, que é uma marcação presente nos romances silonianos, e à qual dedicaremos a última parte dessa análise. Dessa forma, podemos então verificar que Silone exemplifica, por meio de *L'avventura d'un povero Cristiano*, as considerações feitas por Agamben e Cacciari sobre o corpo bipartido da Igreja, recaindo nesse ponto a atualidade de seu pensamento, foco desta pesquisa.

4.3 RENÚNCIA E ESPERANÇA

O binômio renúncia e esperança esteve sempre presente ao longo da trajetória pessoal e literária de Silone. Na vida, a esperança esteve presente após o terremoto, quando Silone procurava entre os escombros seu irmão Romolo. Esperança de que pudesse contribuir para o fim das injustiças contra seu povo, as quais o fizeram renunciar à Igreja que o criara e entrar para a política. Na política, Silone por duas

⁸² “Celestino surge, assim, como símbolo de renúncia ao poder político e a sua trama de pecado, em favor da autonomia e da pureza de consciência. A cena final do drama assiste, frente a frente, os dois grandes adversários, Celestino V, tornado o monge de um tempo, e Bonifácio VIII, o sucessor intransigente no prolongar da função política da Igreja: compendia as razões da ideologia siloniana, com eloquência e eficácia, entre os dois pontos da renúncia e do compromisso vil e peccaminoso.” (trad. nossa).

vezes renunciou à sua participação em partidos. Diante desse cenário, Geno Pampaloni, na “Presentazione” de *Severina*, questiona: qual o significado de esperança para Silone, que se dizia um cristão sem Igreja?

Per Silone [...], la speranza è l'estremo residuo cristiano in un mondo che ha perduto la fede e rinnegato la carità; non è una virtù di gioia, fresca e inventiva, ma una virtù di resistenza, l'ultima luce o prova del non arrendersi; è il lascito cristiano al laicismo contemporaneo. (PAMPALONI, 2011, p. 11)⁸³

Ao analisarmos o trecho acima, podemos evidenciar dois pontos importantes para entendermos o pensamento siloniano: fé e caridade. Como exemplo disso, temos em *Fontamara* o episódio em que os *cafoni* percebem que perderiam a água, elemento essencial para a vida. Cientes da situação, um grupo de mulheres se reúne e se dirige até a cidade para questionarem o Empresário sobre o ocorrido. O que então moveu mulheres humildes a acreditarem que seriam recebidas por uma rica pessoa e conseguiriam solucionar o problema da cidade? A fé. No entanto, longe das páginas da ficção, o mundo no qual Silone vivia, vendo o distanciamento nas ações das Igrejas para as necessidades do povo, perdia a fé.

E o que pensar do gesto de caridade que levou os pobres Matteo e Concetta, de *L'avventura d'un povero cristiano*, mesmo sem terem o que comer, a oferecer hospedagem a um grupo de religiosos? Como exigir do povo, pobre e cansado da instabilidade causada pelas disputas políticas, que fosse caridoso com o próximo, se, quem pregava essa atitude, não a praticava? Silone apresenta como resposta a esperança. Último sentimento que ainda restava. A esperança aqui assume o papel de escudo, ou, de acordo com Pampaloni, uma forma de resistência.

A esperança então assume o corpo do desejo de resistir a tudo o que se está passando: dificuldades, problemas e mazelas; é o último resquício da fé dentro do cristão. Talvez Silone, assim como sua última personagem, Severina, esperasse até o último momento ver uma religião mais comprometida com as causas do homem, defendendo a ideia pura e original do cristianismo. Para ele, a esperança seria a luz que resta no

⁸³ “Para Silone [...], a esperança é o extremo resíduo cristão em um mundo que perdeu a fé e renegou a caridade; não é uma virtude de regozijo, fresca e inventiva, mas uma virtude de resistência, a última luz ou prova do não render-se; é o legado cristão ao laicismo contemporâneo.” (trad. nossa).

cristão, em um mundo descrente como aquele que ele vivenciou. A palavra esperança, sugestivamente, já aparece no título original, *Speranza di suor Severina*, fazendo o leitor se questionar sobre em que residiria a esperança de uma freira.

Em seus personagens o escritor abruçês também faz da renúncia e da esperança temáticas bem presentes, a exemplo de Berardo em *Fontamara*, Pietro Spina em *Vino e Pane*, Celestino V em *L'avventura d'un povero cristiano*, e de Severina na obra homônima. O personagem Berardo acreditava que, migrando para outro país, poderia conseguir dinheiro para casar-se e dar uma vida melhor à sua amada. Pietro Spina primeiro renunciou a seu nome para tornar-se Paolo Spada, na esperança de que, ao reunir os seus semelhantes, poderiam juntos lutar contra os desmandos do fascismo. Celestino V acreditava que poderia contribuir, com sua fé, para reconduzir a Igreja Católica ao caminho correto. No entanto, diante da burocracia que havia se instalado no cerne dessa instituição, se viu incapaz de mudar e optou pela renúncia. Severina também renunciou à Igreja.

No entanto, ao refletirmos sobre o significado da renúncia e da esperança nas duas últimas obras literárias de Silone, e tomando como ponto de partida os personagens Celestino V e Severina, verificamos que o binômio renúncia e esperança apresentam significados diversos. Celestino V era um eremita idoso, que passou boa parte de sua vida recluso, renunciando às possíveis facilidades do mundo terreno. Por sua vez, por mais que sua reclusão o afastasse dos demais homens, suas atitudes e a admiração sentida por eles ultrapassavam os limites do afastamento. Da data de sua escolha como novo papa, despontam três formas de esperança: a dos cardeais que o elegeram, a do povo fiel e a dele mesmo. Os cardeais, após longos meses de conclave, depositaram em Celestino a expectativa de retirada da Igreja Católica do centro de polêmicas que denegriam a sua imagem. Polêmicas essas muitas vezes oriundas do envolvimento dessa instituição com o Estado. Já os fiéis, após 27 meses sem um guia e sentindo-se marginalizados frente à secularização da Igreja, que estava mais preocupada com suas questões internas, viu o eremita como aquele que iria direcionar o olhar da Igreja para os mais necessitados. O povo incumbiu Celestino V de fazer a Igreja caminhar nos trilhos das orientações cristãs.

Celestino V, consciente da esperança nele depositada, acreditou ser capaz de revolucionar o catolicismo, no entanto, pouco tempo depois, sentiu-se incapacitado de fazer qualquer mudança concreta, e sua vontade de “consertar” a Igreja tornou-se utopia, optando pela renúncia. Então, dentro do contexto em que estava inserida a Igreja, que

significado assume essa renúncia? Para alguns, como acredita-se supostamente que tenha sido a opinião de Dante, a renúncia foi encarada como um ato de covardia. No entanto, essa renúncia pode ser entendida, não como uma atitude covarde, mas como um ato de coragem, de entender que no lugar em que estava, nada poderia fazer; mas que, talvez, ao se afastar, como fizera outrora, seu exemplo poderia ser seguido e somente assim provocaria uma mudança concreta na instituição cristã. O afastar-se, nesse caso, não significa um desistir, mas uma crença de que afastado seria mais útil.

Silone, dentre outros entendimentos, quis passar a mensagem de que a renúncia pode ser um gesto de amor extremo. Resolveu reafirmar esse sentido de renúncia e esperança dando vida a Severina. A jovem, diferentemente do eremita de *L'avventura d'un povero cristiano*, estava inserida na sociedade, vivendo-a cotidianamente. Optou pela vida religiosa para aproximar-se dos necessitados e por eles lutar. No entanto, dentro do convento, entendeu, ao contrário, que estando lá, suas atitudes estariam engessadas. Decidiu deixar o convento, livrando-se do peso assumido com a vida religiosa. Sentindo-se livre e sem as amarras da secularizada instituição, decidiu lutar de acordo com sua própria consciência. Novamente aqui vemos a renúncia aparecer na ficção siloniana.

Diferentemente de Celestino V, Severina não opta pela reclusão após a renúncia, mas vai às ruas clamar pelos direitos do povo. O clamor de Severina é breve, pois, em sua primeira participação em um protesto, é atingida por uma bala e morre no hospital pouco tempo depois. Mesmo sendo breve, a vida da personagem Severina deixa uma mensagem de esperança, a de lutar até as últimas consequências pelo que se acredita. Na visão católica cristã prega-se que a morte não é um fim, mas uma esperança na ressurreição.

O afastamento da Igreja Católica está presente em outro personagem da obra, Dom Gabriele, possivelmente quem contribuiu para a decisão futura de Severina. O primeiro indício nesse caso verifica-se no diálogo entre a jovem, ainda freira, e Dom Gabriele, ocorrido na enfermaria do convento, quando Severina estava se restabelecendo. O padre fala sobre o motivo que o levou a se afastar de suas atividades como mentor espiritual do convento. Dom Gabriele conta que fora afastado até que a sua esperança na Igreja voltasse, esperança que até então não voltara. Aqui a esperança pode ser entendida como sinônimo de fé. E, ao entendê-la como fé, como compreender que um padre não a tenha mais? Curioso também, se lembrarmos de Celestino V, em *L'avventura d'un povero cristiano*, que

próximo de sua renúncia, ele reflete que não se pode ser papa e permanecer um bom cristão. Talvez essa ponderação tenha sido a mesma de Dom Gabriele, de que, quanto mais alto na hierarquia da Igreja se encontra, mais distante se está dos ensinamentos cristãos.

Cacciari, em sua reflexão sobre a segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses, fala que o corpo do Antricristo será formado por aqueles que não creem, os pagãos, já “*coloro che credono formano ora il corpo dei cives futuri, prefigurazione del paolino politeuma em ouranois (Filippesi, 3, 20), speranza certa della vera Pace della Gerusalemme celeste*” (CACCIARI, 2013, p. 14)⁸⁴: esses formam a comunidade da esperança. Os personagens silonianos, e possivelmente o próprio escritor, tiveram a crença desgastada com o tempo, frente às atrocidades provocadas pela Igreja; no entanto, a esperança de uma mudança ainda era o resíduo da fé que outrora tiveram (CACCIARI, 2013).

Retornemos ao diálogo entre Dom Gabriele e Severina, em que ela acrescenta: “[...] *non ho perduto la speranza che in qualche maniera si possono creare nuove forme di eroismo, di santità, di devozione, di consacrazione alle universali verità umane*” (SILONE, 2011, p. 58)⁸⁵. Como visto, a esperança era o que movia Severina a seguir em frente. A jovem tinha a esperança de que o atual cenário poderia ser uma preparação para novos tempos, quando a religião e a Igreja continuariam a existir, mas com uma nova vestimenta; como se a Igreja estivesse se preparando para o dia final em que o Adversário seria extirpado e o reino dos céus poderia então existir.

Em outro momento, antes do incidente que lhe tiraria a vida, Severina começou a pensar sobre o que lhe havia acontecido nos últimos tempos. Ao pensar, não conseguiu vislumbrar o futuro que lhe esperava, uma vez que, fora do convento, teria que encontrar um trabalho. Esta busca foi frustrada pela perseguição da Igreja. Diante de tudo isso, Severina concluiu que a sua única certeza era a esperança. Pouco antes de participar do protesto, pegou um ônibus e foi até o alto da montanha para passar o tempo. Lá, novamente, a esperança aparece ligada à jovem:

⁸⁴ “Aqueles que creem formam o corpo dos *cives futuri*, prefiguração do paulino *politeuma em ouranois (Filipenses, 3, 20)*, esperança certa da verdadeira Paz da Jerusalém Celeste”. (trad. nossa).

⁸⁵ “[...] não perdi a esperança que, de qualquer forma, se possa criar novas maneiras de heroísmo, de santidade, de devoção, de consagração às universais verdades humanas”. (trad. nossa).

Benché non avesse mai trovato alcuna prova convincente dell'esistenza di Dio, le era ovvio che questo splendore di cielo, terra, monti, mare doveva essere la creazione di qualche forza sovranaturale. Non poteva credere in Dio soltanto per essere sul Gran Sasso; ma una speranza segreta, come una minuscola pianticella, stava prendendo radice in lei. (SILONE, 2011, p. 109)⁸⁶

Severina estava confusa diante de tantos acontecimentos: como Deus, criador de coisas maravilhosas, poderia deixar sua Igreja chegar no ponto em que chegara? A ação da protagonista siloniana de afastar-se dos demais e ir a uma montanha refletir sobre suas incertezas assemelha-se ao ato feito por Jesus Cristo quando subiu ao Monte das Oliveiras em pregação.

Mal sabia Severina que essa mesma esperança seria a responsável por levá-la à morte. Já no hospital, quando o médico responsável pelo caso explica a Dom Fulgenzio a situação grave em que se encontrava sua filha, este questionou: “*Non c'è speranza?*”⁸⁷, o médico acrescentou: “*Non ho detto questo. Ha la fibra giovane. Non siamo ottimisti, ma neanche profeti*” (SILONE, 2011, p. 116)⁸⁸. A esperança aqui assume um significado diferente daquele relacionado à corrupção da religião, isto é, o de uma crença na continuidade da vida. “*Mi resta la speranza*”⁸⁹ foram as últimas palavras de Severina em seu leito de morte, quando questionada pela freira Gemma sobre sua crença em Deus.

Em *L'avventura d'un povero cristiano*, a esperança também aparece como elemento importante. Concetta, a personagem responsável por apresentar a história que está por ser narrada, após dizer que se trata de uma história de homens da Igreja que brigam entre si, começa

⁸⁶ “Embora nunca tivesse encontrado alguma prova da existência de Deus, lhe era óbvio que este esplendor do céu, terra, montes, mar deveria ser a criação de qualquer força sobrenatural. Não poderia crer em Deus somente por estar sobre o Grande Monte; mas uma esperança secreta, como uma minúscula plantinha, estava enraizando-se nela” (trad. nossa).

⁸⁷ “Não há esperança?” (trad. nossa).

⁸⁸ “Não disse isso. Ela tem a fibra jovem. Não sejamos otimistas, nem profetas.” (trad. nossa).

⁸⁹ “Resta-me a esperança.” (trad. nossa).

explicando como ela e seu pai, Matteo, duas pessoas tão humildes e simples, se envolveram com o papa da grande renúncia, Celestino V. Ela diz: “*Come può una cristiana rimanere indifferente alle sofferenze della Chiesa?*” (SILONE, 2001, p. 31)⁹⁰. Se por um lado, a Igreja está indiferente ao que ocorre aos seus fiéis e, principalmente, ao que ocorre consigo mesma, Concetta vem para ser uma esperança de que os fiéis, os verdadeiros crentes em Deus, não estejam indiferentes ao que a Igreja está passando e, por essa razão, se propõem a ajudá-la.

Na homilia natalina feita em 2014 pelo papa Francisco na Basílica do Vaticano, ele também falou sobre a esperança; porém, não a esperança humana por dias melhores, mas a esperança de Deus na sua criação:

A origem das trevas que envolvem o mundo perde-se na noite dos tempos. Pensemos no obscuro momento em que foi cometido o primeiro crime da humanidade, quando a mão de Caim, cego pela inveja, feriu de morte o irmão Abel (cf. *Gn* 4, 8). Assim, o curso dos séculos tem sido marcado por violências, guerras, ódio, prepotência. Mas Deus, que havia posto suas expectativas no homem feito à sua imagem e semelhança, esperava. Deus esperava. O tempo de espera fez-se tão longo que a certo momento, quicá, deveria renunciar; mas Ele não podia renunciar, não podia negar-Se a Si mesmo (cf. *2 Tm* 2, 13). Por isso, continuou a esperar pacientemente face à corrupção de homens e povos. A paciência de Deus... Como é difícil compreender isto: a paciência de Deus para conosco! (FRANCISCO, 2014)⁹¹

Em sua homilia o papa pede que sejamos pacientes, uma vez que, como apresentado na carta de São Paulo, a parusia ocorrerá. No entanto, o apóstolo não precisa quando será esse momento. Silone, apesar das várias decepções e saídas do(s) partido(s) e da Igreja, nunca renuncia aos ideais, mantidos, provavelmente, graças à arma da literatura, da arte. Portanto, tal como Severina, o escritor não perde a

⁹⁰ “Como pode uma cristã ser indiferente às mazelas da Igreja” (trad. nossa).

⁹¹ Disponível em: <
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141224_omelia-natale.html >. Acesso em: 02 jan. 2015.

esperança, não se refugia num inerte pessimismo, mas mantém a responsabilidade do pensamento.

A escrita de Silone era uma forma não só de denunciar os sofrimentos vividos pelo povo italiano, mas sim o de fazer com que as pessoas refletissem sobre a vida do homem. O escritor-intelectual cumpre aqui o seu papel de ser sensível ao mundo à sua volta e utilizar-se da sua função de fazer com que a realidade não passe despercebida, não seja ignorada; ele potencializa na ficção essas fissuras, para que as denúncias ecoem, na esperança de que as pessoas despertem para sua realidade, provocando uma reação delas. Na literatura siloniana, a atitude de renunciar surge ligada a um sentimento de esperança, de que as coisas possam mudar. Severina, ao optar por deixar a vida religiosa, compreendeu que tal feito levaria as pessoas a questionarem o porquê dessa atitude e, ao questionar algo, elas estariam refletindo sobre a sua própria realidade.

A opção pela renúncia também foi a escolha de Celestino V e, mais recentemente, de Bento XVI. Entretanto, este ato, independente da religião, e devido à amplitude da Igreja Católica, chama a atenção para o quão humana é essa instituição. Uma humanidade que a permite, assim como os homens, ser pecadora, recuar e ter esperança.

5 CONCLUSÃO

O início da escrita desta dissertação se deu pouco antes do Mestrado, com as pesquisas que iriam dar corpo ao projeto utilizado na seleção. Naquele momento, pensávamos apenas em elencar os símbolos cristãos na produção literária sioniana. No entanto, devido à quantidade de obras do escritor e da aparente simplicidade do tema, optamos ir mais a fundo neste pensamento, mas a religião, de uma forma ou de outra, deveria estar presente. Após um período de reflexão, verificamos o quão a religião católica é basilar na escrita sioniana, mas como retratá-la? Qual seria o *corpus* escolhido?

Pensamos em *Fontamara*, *Vino e Pane*, *Uscita di sicurezza*, no entanto, essas obras contam com uma rica e extensa reflexão, em boa parte já trabalhada. Então, por que não voltar nosso olhar para o fim? E no fim encontramos *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*. Ambas as obras têm suas peculiaridades. Quais seriam seus pontos de contato? Eis que surge uma segunda certeza: não entrar na questão biográfica que ronda os escritos ficcionais de Silone.

Após a morte do escritor, estudos como o de Dario Biocca e Mauro Canali, publicados no livro *L'informatore Silone: i comunisti e la Polizia* (2000), tentaram, mas com pouco sucesso, devido à inconsistência dos dados apresentados, aproximá-lo a seus personagens. Para isso, procuraram evidenciar um caráter autobiográfico e até testemunhal ao acusarem o escritor abrucês de informante da polícia fascista, após uma interpretação forçada da confissão de Luigi Murica de *Vino e Pane*.

Ao retornar às obras, verificamos que o escritor retratava uma Igreja Católica repleta de fissuras e fragilidades, uma instituição dividida sem saber por qual caminho optar. Eis que surgiu a pergunta que nortearia as pesquisas a partir de então: qual é a visão crítica de Silone em *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina* a respeito da inserção social da Igreja? Como a literatura se faz intérprete dessas instâncias?

Começamos preliminarmente a refletir, então, sobre uma definição de estética e das suas relações “políticas” com a realidade, utilizando-se como referencial considerações de Rella e Rancière. Durante esse percurso, ainda, o mundo vem a saber da renúncia do papa Bento XVI. Diante do ocorrido, a obra sioniana e por consequência esta dissertação ganharam uma atualidade até então não imaginada. Silone, na década de 1960, retorna ao século XIII e revive o papa da grande renúncia. E no século XXI, a atualidade apresenta uma outra renúncia

papal, que dá uma nova luz à obra siloniana. Era a história, oito séculos depois, se repetindo diante dos nossos olhos. Possivelmente, as dúvidas suscitadas com a renúncia de Celestino V foram similares àquelas surgidas com a atitude de Bento XVI: o que levou o papa a renunciar? Isso é permitido? O que fazer a partir de agora? Como o mundo se comportará diante de dois papas? Como interpretar essa atitude? E essas perguntas também passaram a fazer parte do cotidiano desta pesquisa, sem perder de vista o foco na literatura.

Na Itália, as livrarias relançaram as obras que ficcionalizaram os casos de renúncias papais e puseram lado a lado *L'avventura d'un povero cristiano* de Ignazio Silone, *Roma senza papa* de Guido Morselli e o filme *Habemus Papam* de Nanni Moretti. O que pensar desses três? Foram videntes? Ou tiveram um olhar mais perspicaz com o mundo à sua volta? Possivelmente a segunda hipótese é que justificaria melhor esta dúvida. Mas quais foram os indícios que o mundo deu e que esses três captaram?

Adentramos então na história polêmica e confusa da Igreja Católica. Para compreender esta densa trama de acontecimentos, procuramos bibliografia específica, a exemplo, Duffy (1998), Knowles e Obolensky (1974), Melloni (2002) e Zizola (2005), que revelam um pouco do que existe por dentro da Santa Sé e das eleições papais. Durante tais leituras, verificamos vários momentos em que a história política e a história da Igreja tiveram pontos de contato: a escolha dos bispos influenciada pelo imperador, a entronização do imperador só possível com as bençãos do papa, a expansão territorial como premissa do Estado, mas com o apoio da religião. Ambas, a princípio, queriam poder, enquanto o Estado queria terras, a Igreja precisava de fiéis. Tudo, aparentemente, seguiu em harmonia até que uma viu na outra um solo fecundo e lucrativo. E as interferências de uma na outra tornaram a luta pelo crescimento e manutenção do poder seu principal objetivo.

Concomitante a essa história, a história político social italiana do século XX também precisava ser estudada, uma vez que tais acontecimentos ocorreram durante a trajetória de vida de Silone e esses refletiram em sua produção literária e ensaística. A narração desses acontecimentos sob a ótica de Belpoliti (2010) e Anselmi (2001) respaldaram esta pesquisa. Belpoliti apontou o intelectual-escritor, que foi característico na Itália da segunda metade do século XX. Exemplo disso são Silone, Pasolini e Calvino, os quais opinavam e refletiam sobre suas concepções sociais e políticas, por meio da literatura.

Ao analisar as obras *L'avventura d'un povero cristiano* e *Severina*, o primeiro elemento que despertou a atenção foram as

riquezas de paratextos que acompanham as duas edições. *Severina*, por meio das considerações de Darina e Pampaloni, revela o processo doloroso pelo qual Silone passou para escrevê-la. Darina descreve o passo-a-passo, após a morte de seu esposo, da recuperação de suas anotações até a montagem do quebra-cabeça, que resultou na obra. Por conta de sua doença, passagens de *Severina* revelaram-se incoerentes, fazendo com que Darina tivesse que recuperar outros textos ficcionais silonianos para dar a lucidez à obra, que, mesmo após todos os esforços, ainda transmite a sensação de algo inacabado.

Já em *L'avventura d'un povero cristiano*, deparamo-nos com toda a trajetória perpassada por Silone para compor seu drama histórico. A ida ao Abruzzo, as pessoas encontradas ao longo do percurso e os questionamentos suscitados: como retratar Celestino V? Que gênero utilizar? Como dar enfoque aos questionamentos morais em detrimento do conteúdo histórico? Silone optou pelo drama histórico, dando uma dinamicidade dialógica ao texto. Para dar início ao drama, o escritor lançou mão da micro-história e atribuiu a carga de narradora à jovem personagem Concetta, que se encarregou de ambientar a história, apresentar os primeiros personagens e traçar um panorama das dificuldades vividas pelos camponeses e pela Igreja no século XIII. No segundo momento, a história de Celestino V é contada, desde o conturbado conclave, que culminou com sua eleição, até sua morte no cárcere imposto por Bonifácio VIII.

Ao retratar a história de Celestino V, Silone explicitou a realidade da Igreja Católica do período: sua bipolarização, motivada por divergências na forma como era conduzida, isto é, de um lado estavam aqueles que, assim como Celestino V e as ordens religiosas beneditinas e franciscanas espirituais, pretendiam guiá-la regidos pelo “Pai-Nosso”; por outro, na figura de Bonifácio VIII, estavam aqueles que pretendiam governar a Igreja como uma instituição que gerasse riquezas materiais e acúmulo de bens, submetendo-lhe o Estado. Diante disso, Silone exemplifica as considerações feitas posteriormente por Agamben e Cacciari, em 2013, a respeito da bipolaridade, ou seja, do corpo bipartido da Igreja.

Essas considerações partem das interpretações feitas em torno da suposta carta escrita pelo apóstolo Paulo aos habitantes de Tessalônica. Nessa carta, São Paulo fala sobre a segunda vinda de Cristo, a parusia; contudo, alerta que não se sabe quando ocorrerá, somente é sabido a forma como acontecerá. Primeiro, o mal, chamado de Iníquo, emergirá de dentro da Igreja. Esse será o corpo formado por aqueles que, devendo zelar pelo cumprimento dos preceitos do cristianismo, não o fazem.

Somente assim é que o Cristo virá. Por outro lado, esse mal seria já previsto por Deus, que se serve dele para saber realmente quem são os verdadeiros crentes.

Sobre essa carta, inúmeros teólogos e estudiosos fizeram suas considerações. Agamben dá enfoque àquelas feitas por Ticônio e Santo Agostinho. O primeiro, em seu *Liber Regularum*, acredita que a Igreja seria um só corpo, mas com dois lados, nomeados pelo cardeal Ratzinger, atual papa emérito Bento XVI, como lado direito e lado esquerdo. Já Santo Agostinho interpretou por meio da *Cidade de Deus* a existência de dois lados.

Agamben também tece considerações sobre a renúncia de Bento XVI por meio de indícios levantados ao longo de sua carreira como religioso: a interpretação e o reconhecimento das interpretações de Ticônio e Santo Agostinho e a atitude de depositar seu pálio papal no túmulo de Celestino V. O estudioso apresenta também os discursos de renúncia de Bento XVI e Celestino V, nos quais percebemos que a justificativa dada à renúncia recai sobre a fraqueza do corpo, o qual pode ser interpretado como a Igreja.

Dante interpretou a renúncia de Celestino V como um ato vil de covardia. Já a renúncia de Bento XVI foi interpretada por Agamben como um ato de coragem, frente à situação degradante em que se encontra a Igreja. Para Agamben, o desvio do cristianismo de suas origens deve-se a uma falta de entendimento entre a legalidade e a legitimidade: uma não deve submeter-se a outra, mas sim se equipararem.

Ao compreender este panorama, surgiram os seguintes questionamentos: religião e política podem estar dissociadas? Qual seria a solução para o embate entre Igreja e Estado na busca do poder? Cacciari (2013) fala de uma coexistência de poderes:

Ognuna esiste per l'altra e in forza del proprio conflaggere e comprometersi reciproco. Per durare nel tempo della fine è necessario limitarne reciprocamente i domini, ciascuno dei quali si vorrebbe invece universale. È necessario che ciascuno di essi riconosca, in qualche forma, le ragioni dell'altro. Lo spazio di tali mediazioni è il katechon – ivi compresa la immanente tendenza di ogni potenza a ridurre a sé le altre, che anche nel katechon opera, e forse è proprio quella che si

impone al tramonto dell'Evo cristiano.
(CACCIARI, 2013, p. 69)⁹²

Segundo essa reflexão, Estado e Igreja não podem existir um sem o outro, devendo encontrar um ponto de equilíbrio para que ambos ocupem um mesmo espaço, e em que cada um saiba o que lhe pertence, o que lhe cabe fazer: “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. O *katechon* surgiria dessa forma como o balizador, o ponto de equilíbrio entre esses poderes. Uma vez que Estado e Igreja lutam pelo poder, Cacciari (2013) traz à tona a secularização:

Questo complesso di rapporti suscita una ridda di questioni teologico-politiche che continuano a informare, senza che quasi mai ve ne sia consapevolezza, le nostre idee intorno al potere, alla sovranità, alla relazione tra autorità politica e religiosa, mondana e spirituale. Questioni che la “secolarizzazione”, in quanto dissoluzione appunto di ogni idea di epoca, nasconde in sé, piuttosto che risolvere o superare. (CACCIARI, 2013, p. 45)⁹³

Como visto acima, Cacciari aponta a secularização como um fator que contribui para o drama vivido pela Igreja, a qual torna o entendimento a respeito da mistura dos poderes cada vez mais obscuro. A Igreja então deve reconhecer-se secularizada, associar sua prática ao seu discurso, reconhecer que é uma instituição inserida no mundo dos homens, do qual não é possível se dissociar, ou mesmo negá-lo. Além

⁹² “Cada uma existe pela outra e em força do próprio conflito e comprometimento recíproco. Para durar no tempo do fim, é necessário limitar-se reciprocamente os domínios, cada um dos quais, ao invés, se quer *universal*. É necessário que cada um desses se reconheça, em qualquer forma, nas razões do outro. O espaço de tais mediações é o *katechon* – e as comprime a imanente tendência de cada potência a reduzir a si as outras, que também no *katechon* opera e talvez é própria aquela que se impõe no declínio do Evo cristão.” (trad. nossa).

⁹³ “Estas complexas relações suscitam uma série de questões teológico-políticas que continuam a informar, sem que quase nunca haja consciência, as nossas ideias em torno do poder, da superioridade, das relações entre autoridade política e religiosa, mundana e espiritual. Questões que a ‘secularização’, enquanto dissolução de qualquer ideia de época, esconde em si, ao invés de resolver ou superar.” (trad. nossa)

disso, precisa também se reconhecer como pecadora; pois, de acordo com os preceitos cristãos, o pecado é inerente ao homem, tanto para aquele que frequenta a igreja quanto para aquele que a compõe, como é o caso dos papas. Logo, ela não está imune aos desvios, defeitos e conturbações do mundo.

E Silone, o que pensava disso? Após as leituras e análise de *L'avventura d'un povero cristiano e Severina*, conhecendo seu percurso de militante-intelectual-escritor, e após as considerações aqui feitas, podemos inferir que Silone dá indícios para uma religião baseada em ideais de justiça e solidariedade, a mesma expectativa, fracassada, que ele tinha com o Partido.

Este trabalho demonstrou como a literatura em Silone, sem cair no panfletarismo, é um terreno privilegiado para acolher as tensões do próprio autor, assim como as de uma época. Nas obras silonianas analisadas, o encontro/embate entre escrita, história, pensamento e atualidade mostra suas fissuras no terreno ficcional. A ficção do escritor italiano, portanto, age como elemento que potencializa uma discussão profunda sobre homem, religião e política, sobre homem e poder. Recuperando personagens históricos ao lado de protagonistas obscuros e marginais da história (assim como os *cafoni* de *Fontamara*), questões do passado e ainda atuais, refletem as dinâmicas sociais de uma sociedade em evolução, Silone vê na literatura uma forma de expressão, além de pessoal, de comunicação com todo um contexto histórico e ideológico; um último recurso, até na cama do hospital, de inserção no mundo. E nessa produção, sem dúvida, há a esperança de que os grandes poderes, Igreja e Estado, possam compartilhar de um humanitarismo para proporcionar justiça social. É inegável que tanto Igreja quanto Estado devam existir para a construção de uma sociedade. No entanto, o ponto crucial que Silone transporta da realidade para o campo ficcional é o de como ter essas duas instituições coexistindo, cada uma cumprindo o seu papel, sem interferir ou prejudicar as ações da outra.

Mas esse questionamento ainda está longe de uma resposta concreta, por isso, mais uma vez se ressalta aqui a contemporaneidade do pensamento siloniano. O escritor abrucês resgatou problemáticas de um período anterior ao seu, mas que ainda eram patentes no século XX e que ainda hoje continuam suscitando reflexões.

Como foi possível ver, a força do gênero dramático, com seus densos e polifônicos diálogos, e, em parte, a eficácia de uma obra narrativa, embora inacabada, que se depara com uma atualidade urgente, querem dar conta da voz de um autor bastante marginalizado no meio italiano. Ainda, a literatura em Silone se demonstrou também um espaço

em que suas obsessões, suas feridas de uma relação conturbada com a religião, sobretudo enquanto Instituição, se transformam numa instância não apenas pessoal, mas civil. Não por acaso que se trate de Celestino ou de uma freira como Severina, a atualidade do pensamento siloniano é preservada. A ficção age, de novo, como catalisadora de um engajamento incansável, da prática antifascista à prática anti-partidária (é história recente, aliás, uma crise de representatividade dos partidos políticos na Europa). Celestino é eleito símbolo, embora com suas inevitáveis contradições, de uma forma diferente de entender a religião, corroborada pelas análises de Agamben e Cacciari, que dão maior notoriedade às fissuras existentes na secularizada Igreja Católica.

Silone, na escrita de seus personagens, retrata uma Igreja comprometida com a política; contudo, aponta para uma religião que se volte para sua origem, recuperando o cristianismo pregado pelo por Jesus Cristo. Como visto ao longo desta pesquisa, inúmeras passagens ficcionais silonianas remetem às passagens bíblicas, das quais Jesus foi o protagonista: o nascimento na manjedoura, a utilização de um burro para locomoção, o afastamento para reflexão no Monte das Oliveiras etc. O escritor abrucês, por mais afastado que estivesse da Igreja, mostra que, apesar de tudo, a conhecia e não a negava: apenas, tal como sua Severina, esperava. Esperava que a Igreja tivesse consciência da interpretação errônea que estava fazendo dos valores cristãos e retornasse às origens.

Diante do exposto, verificamos as primeiras considerações tecidas por esta pesquisa literária, que, tal como as pesquisas neste campo do saber, nunca se dão por concluídas. Quanto mais se aprofundam os estudos num tema, mais caminhos surgem a serem pesquisados. Uma pesquisa que não pretende afirmar conclusões objetivas e fechadas em si, mas suscitar reflexões, possibilitando novos entendimentos.

BIBLIOGRAFIA

A SANTA SÉ. **Discursos**. Disponível em: <
<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Homilias**. Disponível em: <
<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer I: o poder soberano e a vida nua**. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. **Profanações**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução Vinicius Nicastro Honeko. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **O reino e a glória**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Il mistero del male: Benedetto XVI e la fine dei tempi**. Roma: Laterza, 2013.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro. Ebooks Brasil, 2003.

ANSELMINI, Gian Mario. **Profilo storico della letteratura italiana**. Firenze: Sansoni, 2001.

ANTELO, Raúl. **Tempos de Babel: anacronismo e destruição**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

ASOR ROSA, Alberto. **Novecento primo, secondo e terzo**. Milano: Sansoni, 1999.

_____. (Org.). **Letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 2007.

_____. **Storia europea della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 2009. 3 v.

AGUSTONI, Prisca. Prefácio. In: PETERLE, Patricia. **Ignazio Silone: encruzilhadas entre literatura, história e política**. Niterói: Comunità, 2011.

BADIOU, Alain. Arte e filosofia. In: _____. **Pequeno manual de inestética**. Tradução Maria Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 11-28.

_____. **La Ética: ensayo sobre la conciencia del mal**. Tradução Raúl J. Cerdeiras. México: Herder, 2004.

_____. **O século**. Tradução Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Idéias & Letras, 2007.

_____. **Justicia, filosofia y literatura**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones (Silvana Carozzi editora), 2007.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

_____. **A câmara clara**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

_____. A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **O Prazer do Texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **A preparação do romance**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 2 v.

_____. **Ensaio crítico**. Tradução A. Massano e I. Pascoal. Lisboa: Edições70, 2009.

BELPOLITI, Marco. **Settanta**. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 2010.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, I)

_____. **Rua de mão única.** Tradução Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, II)

_____. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo;** Tradução José C. M. Barbosa e Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, III)

_____. **Origem, do drama trágico alemão.** Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro.** Tradução Maria Paula V. Zurawski. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BERTONI, Federico. **Realismo e letteratura: una storia possibile.** Torino: Einaudi, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** São Paulo: Edição Pastoral, 1990.

BIOCCA, Dario; CANALI, Mauro. **L'informatore Silone, i comunisti e la Polizia.** Milano: Luni, 2000.

BOSI, Ecléa. **Simone Weil: a razão dos vencidos.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

CACCIARI, Massimo. **Il potere che frena: saggio di teologia politica.** Milano: Adelphi Edizioni, 2013.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Marcivaldo Ou As estações na cidade.** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Lezione americane.** Milano: Mondadori, 2000.

_____. **Assunto encerrado.** Discursos sobre literatura e sociedade. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: UNESP, 1997.

CAVALLARI, Doris Nátia. **A narrativa do exílio de Ignazio Silone: o inquieto percurso na busca da liberdade.**1992. Dissertação (Língua e Literatura Italiana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A trajetória de um autor: alguns dados sobre a vida e a obra de Ignazio Silone. **Insieme.** Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 4/5, p. 79-83, 1994.

_____. O tratado político de Ignazio Silone: La scuola dei dittatori. **Insieme.** Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 6, p. 44-48, 1995.

_____. **A arte de representar o outro:** Silone e a criação de um universo polifônico. 2000. Tese (Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis.

_____. A tessitura narrativa de Fontamara e Vidas Secas. **Insieme.** Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 8, p. 34-45, 2001.

_____. Ignazio Silone e a busca do personagem ideal: o nascimento de Pietro Spina. **Insieme.** Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 9, p. 105-112, 2002.

_____. A escrita siloniana entre ensaio e ficção. **Revista de Italianística,** São Paulo, v. XIV, p. 53-70, 2006.

_____. Lo sguardo e il silenzio: il fondamento del segreto di Luca de Ignazio Silone. In: BIZZONI, Franca e LAMBERTI, Mariapia. (Org.). **Italo Clavino y la cultura de Italia.** México: UNAM, 2007, v. 1, p. 235-242.

_____. L'arte di conoscersi: Severina, l'ultimo romanzo di Ignazio Silone. **Mosaico,** Niterói, v. 1, p. 21-23, 2008.

_____. Sem discurso não há poder: reflexões sobre La scuola dei dittatori de Ignazio Silone. **Revista de Italianística,** São Paulo, v. IX, p. 155-171, 2004.

_____. Intelectuais contra o poder: a atualidade do engajamento político-cultural de Ignazio Silone e Nicola Chiaromonte na direção de Tempo Presente. Seguida da tradução do texto 'Entre o silêncio e a palavra'. **Revista de Italianística**, São Paulo, v. XXIII, p. 150-172, 2012.

CENTRO STUDI IGNAZIO SILONE. Disponível em: < <http://www.silone.it/nuovosito/node/4239>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia, **Il materiale e l'immaginario**. Torino: Loescher, 1986.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução M. Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COCCHIARA, Giuseppe. **Popolo e letteratura in Italia**. Palermo: Sellerio, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

_____. **Os antimodernos**: de Joseph Maistre a Roland Barthes. Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

DE CAPRIO, Vincenzo; GIOVANARDI, Stefano. **Letteratura italiana**: storia, autori, testi. Torino: Einaudi Scuola, 1993.

DEBENEDETTI, Giacomo. **Il romanzo del novecento**. Milano: Garzanti, 2008.

D'ERAMO, Luce. **L'opera di Ignazio Silone**: saggio critico e guida bibliografica. Milano: Mondadori, 1971.

_____. **Ignazio Silone clandestino nel novecento**. Rimini: Editori Rimesi Associati, 1996.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 3. ed. Tradução Maria Beatriz Marques Niza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DICIONÁRIO DA LITERATURA ITALIANA TRADUZIDA ATÉ 1950 (DLIT). Disponível em: < <http://www.dlit.ufsc.br/>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

DUARTE, Adriana da Silva. As origens do drama e da comédia. **Biblioteca Entre Livros**, São Paulo, p. 08-15, 01 dez. 2007.

DUFFY, Eamon. **Santos e pecadores**: história dos papas. Tradução Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

FALCETTO, Bruno. **Ignazio Silone**: romanzi e saggi. v. 1. Milano: Mondadori, 1999.

_____. **Ignazio Silone**: romanzi e saggi. v. 2. Milano: Mondadori, 1999.

FERRONI, Giulio et alii. **Passioni del novecento**. Roma: Donzelli, 1999.

_____. **Storia e testi della letteratura italiana**. Milano: Mondadori Università, 2002-2005. 11 v.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GHIRARDI, Pedro Garcez. As linhas tortas da Providência no romance de Manzoni. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, set./out. 2006. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300020>. Acesso em: 31 jan. 2015.

GINZBURG, Carlo; LEVI, Giovanni. **Microstorie**. Torino: Einaudi, 1981-1988.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Tradução Martha Conceição Gambini. São Paulo: UNESP/Paz e Terra, 1990.

HABEMUS papam. Direção: Nanni Moretti. Itália, 2011. 1 DVD.

KNOWLES, David; OBOLENSKY, Dimitri. **Nova história da igreja 2: a idade média**. Tradução João Fagundes Haudck. Petrópolis: Vozes, 1974.

MAGRIS, Claudio. **Utopia e disincanto**. Saggi, 1974-1998. Milano: Garzanti, 2001.

MAIS! 100 melhores romances do século. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 7, 3 jan. 1999.

MANZONI, Alessandro. **Os noivos**. São Paulo: Paulinas, 1959.

MARABINI, Claudio. Introduzione. In: SILONE, Ignazio. **L'avventura d'un povero cristiano**. Milano: Mondadori, 2001.

MELLONI, Alberto. **Como se elege um papa: a história do conclave**. Tradução Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2002.

MORSELLI, Guido. **Roma senza papa**. Milano: Adelphi, 1974.

PAMPALONI, Geno. Presentazione. In: SILONE, Ignazio. **Severina**. Milano: Mondadori, 2011.

PASOLINI, Pier Paolo. **Saggi sulla letteratura e sull'arte**. Milano: Mondadori, 1999. (I Meridiani)

_____. **Scritti corsari**. Milano: Garzanti, 2010.

_____. Il vuoto del potere. **Corriere della Sera**, 1 fev. 1975.

PAVIS, Patrice. **Dicionário do teatro**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PETERLE, Patricia. **Ignazio Silone**: encruzilhadas entre literatura, história e política. Niterói: Comunità, 2011.

_____. (Org.). **Ignazio Silone**: ontem e hoje. Niterói: Comunità, 2010.

PETERLE, Patricia; GASPARI, Silvana de. **Itália do pós-guerra em diálogo**. Niterói: Comunità, 2002.

PETRONIO, Giuseppe. **La letteratura italiana raccontata**: dalle origini ai giorni nostri. Milão: Oscar Mondadori, 1995.

PUPPO, Mario. **Manuale critico-bibliografico per lo studio della letteratura italiana**. Torino: SEI, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Tradução Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: 34, 1995.

_____. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2005.

_____. **O inconsciente estético**. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2009.

_____. **Politica della letteratura**. Tradução Anna Bissanti. Palermo: Sellerio, 2010.

RELLA, Franco. **Il silenzio e le parole**: il pensiero nel tempo della crisi. Milano: Feltrinelli, 2001.

_____. **L'enigma della bellezza**. Milano: Feltrinelli, 2006.

_____. **La responsabilità del pensiero**: il nichilismo e i soggetti. Milano: Garzanti, 2009.

_____. **Interstizi**: tra arte e filosofia. Milano: Garzanti, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Tradução Paulo Neves e Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Ler o teatro contemporâneo**. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTURBANO, Andrea. Un'*avventura* teatrale di Ignazio Silone. In: **Mosaico**. Rio de Janeiro: Comunità, p. 10-15, 08 jul. 2009.

SAVINIO, Alberto. La fine dei modelli. In: _____. **Scritti dispersi**. 1943-1952. Milano: Adelphi, 2004.

SILONE, Ignazio. **A escola dos ditadores**. Tradução Aristides Lobo. São Paulo: Atena, 1942.

_____. **Pão e Vinho**. Tradução Miguel Macedo. São Paulo: Oceano, 1943.

_____. **A semente sob a neve**. Tradução Eglantina Santi. São Paulo: Brasiliense, 1947.

_____. **Fontamara**. Milano: Mondadori, 1949.

_____. **Vino e Pane**. Milano: Mondadori, 1955.

_____. **Una manciata di more**. Milano: Mondadori, 1998.

_____. **La volpe e le camelie**. Milano: Mondadori, 1998.

_____. Uscita di sicurezza. In: _____. **Romanzi e saggi – 1945-1978**. Organização de Bruno Falseto. V. 2. Milano: Mondadori, 1999. p.750-984.

_____. **Ed egli si nascose**. Roma: Città Nuova, 2000.

_____. **L'avventura d'un povero cristiano**. Milano: Oscar Mondadori, 2001.

_____. **Fontamara**. Tradução Aristides Lobo. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

_____. **Fontamara**. Tradução Doris Natia Cavallari. São Paulo: Berlendis, 2003.

_____. **Il segreto di Luca**. Milano: Oscar Mondadori, 2009.

_____. **Severina**. Milano: Mondadori, 2011.

_____. Et in hora mortis nostrae. In: _____. **Severina**. Mondadori: Milano, 2011. p. 159-164.

_____. Ai piedi di un mandorlo. In: _____. **Severina**. Mondadori: Milano, 2011. p. 189-194.

SILONE, Darina. Premessa. In: SILONE, Ignazio. **Severina**. Milano: Mondadori, 2011. p. 17-22.

_____. Storia di un manoscritto. In: SILONE, Ignazio. **Severina**. Milano: Mondadori, 2011. p.129-158.

_____. Le ultime ore di Ignazio Silone. In: SILONE, Ignazio. **Severina**. Milano: Mondadori, 2011. p. 165-182.

SEGRE, Cesare; MARTIGNONI, Clelia. **Testi nella storia: la letteratura italiana dalle origini al novecento**. Milano: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1991.

SEGRE, Cesare. **Avviamento all'analisi del testo letterario**. Torino: Einaudi, 1999.

SOAVE, Sergio. Ignazio Silone: três vidas para ser coerente. In: PETERLE, Patricia (Org.). **Ignazio Silone: ontem e hoje**. Niterói: Comunidade, 2010. p.11-26.

SPINA, Monsenhor Angelo. **La vita di S. Pietro Celestino**. Abruzzo, 2009.

TELLINI, Gino. **Il romanzo italiano dell'ottocento e novecento**. Milano: Bruno Mondadori, 1998.

TEMPO PRESENTE. Roma: Istituto Grafico Tiberino, n. 1, abr. 1956.

ZIZOLA, Giancarlo. **Il conclave: storia e segreti**. Roma: Newton & Compton, 2005.

WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987.

_____. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Tradução Therezinha Gomes Garcia Langlada. São Paulo: Paz e Terra, 1996.